

UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

EFEITOS DA REORGANIZAÇÃO CURRICULAR  
NA FORMAÇÃO CONTÍNUA DE PROFESSORES  
- DOS SENTIDOS ÀS VIVÊNCIAS -

VOLUME II

ANEXOS

OLÍVIA MARIA RAMOS DO CAMPO MAGALHÃES

Dissertação apresentada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação  
da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da  
Educação, Especialização em Educação e Currículo

Orientação: PROFESSORA DOUTORA CARLINDA LEITE

Setembro de 2003

**UNIVERSIDADE DO PORTO**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

**EFEITOS DA REORGANIZAÇÃO CURRICULAR NA  
FORMAÇÃO CONTÍNUA DE PROFESSORES  
- DOS SENTIDOS ÀS VIVÊNCIAS -**

**VOLUME II**

**ANEXOS**

**OLÍVIA MARIA RAMOS DO CAMPO MAGALHÃES**

**Dissertação apresentada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da  
Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação,  
Especialização em Educação e Currículo**

**Orientação: PROFESSORA DOUTORA CARLINDA LEITE**

**Setembro de 2003**

## ÍNDICE DE ANEXOS

### Anexo nº 1 – Quadros I a III

Acções de formação do Cinfor participadas pelos professores  
do 1º CEB, durante os anos 2000, 2001 e 2002 ..... 3

### Anexo nº 2 – Quadros IV a VI

Temas e objectivos da formação realizada no Cinfor para professores  
do 1º CEB, durante os anos 2000, 2001 e 2002..... 6

### Anexo nº 3 – Quadros VII a IX

Organização da formação realizada no Cinfor durante os anos  
2000, 2001 e 2002 por áreas, categorias e subcategorias de análise ..... 10

### Anexo nº 4 – Quadros X a XII

Acções de formação do Cinova participadas pelos professores  
do 1º CEB, durante os anos 2000, 2001 e 2002 ..... 14

### Anexo nº 5 – Quadros XIII a XV

Temas e objectivos da formação realizada no Cinova para professores  
do 1º CEB, durante os anos 2000, 2001 e 2002 ..... 18

### Anexo nº 6 – Quadros XVI a XVIII

Organização da formação realizada no Cinova durante os anos  
2000, 2001 e 2002 por áreas, categorias e subcategorias de análise ..... 24

### Anexo nº 7 – Quadros XIX a XXI

Objectivos e conteúdos orientadores da organização das entrevistas ..... 29

### Anexo nº 8 – Guiões para as entrevistas ..... 34

### Anexo nº 9 – Discursos dos entrevistados do Cinfor ..... 40

### Anexo nº 10 – Discursos dos entrevistados do Cinova ..... 119

## **ANEXO nº 1**

**QUADROS I A III - ACÇÕES DE FORMAÇÃO DO CINFOR PARTICIPADAS PELOS  
PROFESSORES DO 1º CEB, DURANTE OS ANOS 2000, 2001 e 2002**



**QUADRO I – ACÇÕES DE FORMAÇÃO DO CINFOR PARTICIPADAS PELOS  
PROFESSORES DO 1º CEB, DURANTE O ANO 2000**

| <b>Temas das Acções</b>                                                                                        | <b>Modalidades</b> | <b>Destinatários</b>                             | <b>Nº de Professores do 1º CEB que participaram</b> |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|--------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|
| Informática e educação I- perspectivas de utilização das novas tecnologias da informação no contexto educativo | Curso de formação  | Educadores de infância e todos os professores    | 12                                                  |
| Internet: ligar a escola ao mundo                                                                              | Curso de formação  | Educadores de inf. e todos os professores        | 4                                                   |
| O professor na promoção da saúde                                                                               | Curso de formação  | Educadores de infânc. e professores do EB        | 5                                                   |
| Comunicação audiovisual na prática pedagógica – vídeo                                                          | Curso de formação  | Educadores de inf. e todos os professores        | 1                                                   |
| Educação em arte -Expressão Plástica                                                                           | Curso de formação  | Educadores de inf. e prof. do 1º ciclo           | 9                                                   |
| Estratégias de segurança e cuidados na planificação e realização de actividades na natureza                    | Curso de formação  | Professores dos ensinos básico e secundário      | 9                                                   |
| Desenvolvimento da Língua Portuguesa, factor determinante no sucesso educativo                                 | Curso de formação  | Educadores de infância e professores do 1º ciclo | 17                                                  |
| Autonomia, projecto educativo e currículo                                                                      | Círculo de estudos | Prof. proponentes do 1º ciclo                    | 15                                                  |
| <b>Não se verificaram desistências. Nº de professores que concluíram com aproveitamento: 72</b>                |                    |                                                  |                                                     |

Fonte: Plano de Formação / 2000 do Cinfor

**QUADRO II - ACÇÕES DE FORMAÇÃO DO CINFOR PARTICIPADAS PELOS  
PROFESSORES DO 1º CEB, DURANTE O ANO 2001**

| <b>Temas das Acções</b>                                                                                          | <b>Modalidades</b> | <b>Destinatários</b>                          | <b>Nº de professores do 1º CEB que participaram</b> |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|-----------------------------------------------|-----------------------------------------------------|
| Informática e educação I – perspectivas de utilização das novas tecnologias da informação no contexto educativo  | Curso de formação  | Educadores de infância e todos os professores | 27                                                  |
| Informática e educação II – perspectivas de utilização das novas tecnologias da informação no contexto educativo | Curso de formação  | Educadores de infância e todos os professores | 6                                                   |
| Internet: um meio de informação e comunicação                                                                    | Curso de formação  | Educadores de inf. e todos os prof.           | 1                                                   |
| Importância da educação ambiental na escola                                                                      | Curso de formação  | Educadores de inf. e todos os prof.           | 1                                                   |
| Matemática: um gosto a descobrir                                                                                 | Curso de formação  | Prof. do 1º CEB                               | 25                                                  |
| A criança e o meio aquático – a didáctica da natação                                                             | Curso de formação  | Educadores de inf. e prof. do 1º ciclo        | 17                                                  |
| Cartaz: um meio de expressão e de comunicação visual                                                             | Curso de formação  | Educadores de inf. e prof. do 1º ciclo        | 13                                                  |
| Organização e planificação de actividades na natureza, no âmbito dos projectos educativos das escolas            | Círculo de estudos | Professores de todos os níveis de ensino      | 8                                                   |
| A construção de uma escola de sucesso para todos                                                                 | Círculo de estudos | Professores do 1º, 2º e 3º ciclos             | 7                                                   |
| <b>Verificaram-se 2 desistências. Nº de professores que concluíram com aproveitamento: 103</b>                   |                    |                                               |                                                     |

Fonte: Plano de Formação / 2001 do Cinfor

**QUADRO III – ACÇÕES DE FORMAÇÃO DO CINFOR PARTICIPADAS PELOS  
PROFESSORES DO 1º CEB, DURANTE O ANO 2002**

| <b>Temas das Acções</b>                                                                          | <b>Modalidades</b>  | <b>Destinatários</b>                             | <b>Nº de professores do 1º CEB que participaram</b> |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|--------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|
| A responsabilidade da escola na educação sexual                                                  | Curso de formação   | Professores de todos os níveis de ensino         | 10                                                  |
| Gestão de comportamentos problemáticos na sala de aula                                           | Curso de formação   | Professores de todos os níveis de ensino         | 8                                                   |
| Educação para a Cidadania no âmbito da reorganização curricular                                  | Curso de formação   | Professores de todos os níveis de ensino         | 10                                                  |
| Oficina do aprendiz de fotografia: contributo para uma aprendizagem interdisciplinar             | Curso de formação   | Professores de todos os níveis de ensino         | 1                                                   |
| Currículo básico em novas tecnologias I                                                          | Curso de formação   | Educadores de infância e professores do 1º ciclo | 38                                                  |
| Criatividade e Expressão Plástica – da técnica à metodologia                                     | Oficina de formação | Educadores de infância e professores do 1º ciclo | 13                                                  |
| A Expressão e Educação Musical no pré-escolar e 1º ciclo                                         | Curso de formação   | Educadores de infância e professores do 1º ciclo | 9                                                   |
| Reorganização curricular: projecto curricular de turma                                           | Curso de formação   | Professores de todos os níveis de ensino         | 10                                                  |
| As actividades na natureza no desenvolvimento da área de projecto                                | Círculo de estudos  | Professores proponentes                          | 4                                                   |
| Intervenção precoce: intervir para prevenir                                                      | Curso de formação   | Educadores de infância e professores do 1º ciclo | 9                                                   |
| <b>Verificou-se 1 desistência.      Nº de professores que concluíram com aproveitamento: 111</b> |                     |                                                  |                                                     |

Fonte: Plano de Formação / 2002 do Cinfor

## **ANEXO nº 2**

**QUADROS IV A VI - TEMAS E OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO REALIZADA NO  
CINFOR PARA PROFESSORES DO 1º CEB,  
DURANTE OS ANOS 2000, 2001 e 2002**

**QUADRO IV – TEMAS E OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO REALIZADA NO  
CINFOR PARA PROFESSORES DO 1º CEB, DURANTE O ANO 2000**

| TEMAS                                                                                                         | OBJECTIVOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Informática e educação – perspectivas de utilização das novas tecnologias da informação no contexto educativo | Contribuir para a inovação educacional; proporcionar aos docentes dos diferentes níveis de ensino conhecimentos teórico-práticos sobre a utilização das novas tecnologias da informação e comunicação no contexto educativo; contribuir para o conhecimento das vantagens da utilização das novas tecnologias da informação no contexto educativo; permitir o conhecimento das principais funções associadas às aplicações informáticas; contribuir para a aquisição de conhecimentos e destrezas no domínio da informática e sua utilização na prática educativa.  |
| Internet: ligar a escola ao mundo                                                                             | Reconhecer na Internet um auxiliar pedagógico e didáctico; contribuir para a inovação educacional; contribuir para o conhecimento das vantagens da utilização das tecnologias da informação no contexto educativo; utilizar correctamente um “browser”; desenvolver estratégias inovadoras com base na utilização da Internet; reconhecer e aplicar estratégias de navegação na Internet.                                                                                                                                                                           |
| O professor na promoção da saúde                                                                              | Promover uma reflexão em torno de diferentes conceitos de saúde; clarificar o conceito de educação para a saúde; dar a conhecer as principais áreas de intervenção na promoção e educação para a saúde e suas dimensões; identificar características da família e do meio favorecedoras do desenvolvimento psico-social das crianças e adolescentes.                                                                                                                                                                                                                |
| Comunicação audiovisual na prática pedagógica – vídeo                                                         | Sensibilizar os professores para a integração das tecnologias educativas, em particular o vídeo, na sala de aula; conhecer o equipamento de produção vídeo; operar com o equipamento apresentado, particularmente com as câmaras de vídeo e equipamento de montagem; produzir documentos vídeo de interesse pedagógico; desenvolver estratégias de ensino-aprendizagem centradas em documentos audiovisuais.                                                                                                                                                        |
| Educação em arte – Expressão Plástica                                                                         | Conhecer os processos subjacentes ao desenvolvimento da conduta artística infantil, bem como as implicações pedagógicas daí decorrentes; reflectir sobre as funções didácticas do professor nas diversas fases do processo de ensino-aprendizagem da Educação Plástica; proporcionar conhecimentos teóricos e práticos, no domínio das artes visuais através do contacto com materiais e técnicas.                                                                                                                                                                  |
| Estratégias de segurança e cuidados na planificação e realização de actividades na natureza                   | Conhecer e identificar os principais perigos – objectivos e subjectivos -, sobre os quais poderá actuar, com o objectivo de melhorar as condições de segurança de cada actividade; adequar a intervenção pedagógica no sentido de incrementar a segurança numa actividade realizada em plena natureza; ser capaz de planear e definir estratégias de segurança para uma actividade realizada na natureza.                                                                                                                                                           |
| Desenvolvimento da Língua Portuguesa, factor determinante no sucesso educativo                                | Reflectir sobre diferentes teorias, perspectivando a importância e função da língua falada e escrita; ajudar a identificar dificuldades múltiplas que perturbam ou atrasam o domínio da língua falada ou escrita; desenvolver nos formandos competências diversificadas através de uma prática integrada de forma a colmatar as dificuldades encontradas, assim como potenciar as capacidades dos alunos no domínio da comunicação oral e escrita; estimular a reflexão crítica sobre a implicação das práticas da Escola/Jardim de Infância no gosto pela leitura. |
| Autonomia, projecto educativo e currículo                                                                     | Promover a auto-formação; desenvolver o espírito de pesquisa, capacidade de análise e de síntese; proporcionar o debate; desenvolver a dinâmica de grupo; privilegiar o trabalho de equipa na concepção, elaboração e execução de projectos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |

Fonte: Plano de Formação / 2000 do Cinfor

**QUADRO V – TEMAS E OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO REALIZADA NO CINFOR  
PARA PROFESSORES DO 1º CEB, DURANTE O ANO 2001**

| TEMAS                                                                                          | OBJECTIVOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Informática e educação I - perspectivas de utilização das tecnologias infor. contexto educati. | Contribuir para a inovação educacional; proporcionar aos docentes conhecimentos teórico-práticos sobre a utilização das tecnologias da informação e comunicação no contexto educativo; permitir o conhecimento das principais funções associadas às aplicações informáticas; contribuir para a aquisição de conhecimentos e destrezas no domínio da informática e sua utilização na prática educativa.                                                                                                                                                                                                                                                             |
| Informática e educação II - perspectivas de utilização das tecnol. da info. no contex. educ.   | Contribuir para a inovação educacional; proporcionar aos docentes conhecimentos teórico-práticos sobre a utilização das novas tecnologias da informação e comunicação no contexto educativo; permitir o conhecimento das principais funções associadas às aplicações informáticas; contribuir para a aquisição de conhecimentos e destrezas no domínio da informática e sua utilização na prática educativa.                                                                                                                                                                                                                                                       |
| Internet: um meio de informação e comunicação                                                  | Familiarizar os docentes com conceitos essenciais, ferramentas e termos técnicos utilizados nas novas tecnologias da informação e comunicação; consolidar a apropriação desses instrumentos, por forma a aplicá-los em contextos educativos; promover uma crescente capacidade de produzir respostas pedagógicas cada vez mais ajustadas às características, necessidades e interesses dos alunos e da comunidade educativa; contribuir para a produção e generalização de práticas pedagógicas mais ajustadas à realidade multicultural; desenvolver capacidades que facilitem, com autonomia, o enriquecimento dos conhecimentos e competências adquiridas.      |
| Importância da educação ambiental na escola                                                    | Alterar as atitudes e comportamento do Homem perante o ambiente; motivar o interesse pela dinâmica de Educação Ambiental; sensibilizar a comunidade para a concepção de novos valores e consequentes comportamentos adequados para a preservação do Ambiente; divulgar a Educação Ambiental tendo em conta a preservação e defesa da natureza; gerir as necessidades pessoais de cada um visando a preservação do Ambiente; elaborar materiais didácticos.                                                                                                                                                                                                         |
| Matemática: um gosto a descobrir                                                               | Promover a reflexão sobre os novos papéis e funções do professor de acordo com as orientações actuais do ensino da Matemática; confrontar os professores com uma visão da Matemática que valoriza os processos de raciocínio, de resolução de problemas e de construção de saberes; fomentar nos professores o desenvolvimento de uma atitude favorável em relação à resolução de problemas e à utilização de materiais manipuláveis na aprendizagem da Matemática; construir propostas para a sala de aula que integrem a resolução de problemas e a utilização de materiais manipuláveis; proporcionar a troca de experiências e reflexão sobre as mesmas.       |
| A criança e o meio aquático – a didáctica da natação                                           | Esclarecer os princípios orientadores, objectivos e metodologias para o ensino-aprendizagem da natação; desenvolver nos formandos a consciência da necessidade de se estruturar o processo de ensino-aprendizagem em natação; garantir uma maior segurança nas actividades no meio aquático; conhecer, seleccionar e aplicar formas típicas de organização dos alunos e da actividade, proporcionando o máximo tempo disponíveis.                                                                                                                                                                                                                                  |
| Cartaz: um meio de expressão e de comun. visual                                                | Contribuir para a integração do cartaz na prática pedagógica dos docentes; analisar e distinguir problemas de comunicação visual de ordem prática e ordem estética; realizar experiências com vários materiais e técnicas de expressão em composições simples, tendo em vista o incentivo da criatividade.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| Organização e planificação de actividades na natureza, no âmbito dos PEE                       | Aquisição de autonomia na prática pedagógica, relativamente à planificação de actividades na natureza; reflexão conjunta sobre os pressupostos e dificuldades na planificação e realização de actividades na natureza, no âmbito dos projectos educativos das escolas dos formandos; concepção conjunta de materiais didácticos de apoio face às necessidades diagnosticadas por cada formando na sua escola; planificação e realização de actividades na natureza, a inserir no plano anual de actividades de cada escola; consolidação da aplicação e prestação de primeiros socorros; levantamento e concepção de percursos pedestres: apresentação em folheto. |
| A construção de uma escola de sucesso para todos                                               | Adequar a intervenção pedagógica às necessidades existentes; proporcionar a todos os alunos o direito pleno à igualdade de oportunidades educativas e sociais; promover a flexibilização da organização escolar, das estratégias de ensino, da gestão, dos recursos e do currículo; identificar metodologias e técnicas específicas tendo em vista a dinamização do processo ensino-aprendizagem; facilitar a detecção de necessidades educativas especiais, a organização de apoios necessários, a diversificação de estratégias pedagógicas afim de melhorar as condições do ambiente educativo.                                                                 |

Fonte: Plano de Formação / 2001 do Cinfor

**QUADRO VI – TEMAS E OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO REALIZADA NO CINFOR  
PARA PROFESSORES DO 1º CEB, DURANTE O ANO 2002**

| TEMAS                                                                                | OBJECTIVOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|--------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| A responsabilidade da escola na educação sexual                                      | Informar/formar – informar os professores na área da sexualidade levando-os a adquirir competências no tratamento de temas ligados a esta problemática; reflectir sobre os modelos de identidade sexual do professor em relação aos alunos; descobrir a sua sexualidade; analisar os comportamentos da sexualidade; identificar os papéis e atitudes sexuais; identificar problemas e disfunções sexuais.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| Gestão de comportamentos problemáticos na sala de aula                               | Favorecer a autoconfiança, o trabalho em equipa e a relação inter-pares; verbalizar e identificar problemas de indisciplina; analisar, confrontar e questionar concepções, práticas e procedimentos favoráveis/desfavoráveis ao bom clima da sala de aula; fundamentar e consolidar os procedimentos de acção de acordo com teorias que lhes estão subjacentes; perspectivar novas formas de intervenção; resolução de situações pontuais.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| Educação para a Cidadania no âmbito da reorganização curricular                      | Consciencializar os profissionais da educação para a actualidade, relevância e pertinência de uma educação para a cidadania; sensibilizar os docentes para a importância de despertar as crianças e os jovens para a consciência democrática, para a tolerância e para a abertura aos outros; procurar fazer chegar aos professores a necessidade de se reflectir sobre o significado de uma consciência democrática, para a tolerância e para a abertura aos outros; procurar fazer chegar aos professores a necessidade de se reflectir sobre o significado de uma educação em matéria de direitos humanos enquanto vertente fundamental da formação cívica do indivíduo; levar os educadores dos ensinos básico e secundário a debruçar-se, investir e actuar sobre as questões de educação para a cidadania. |
| Oficina do aprendiz de fotografia: contributo para uma aprendizagem interdisciplinar | Utilização das imagens como organizador avançado dos conceitos a aprender; criar projectos de natureza didáctica, envolvendo a técnica fotográfica; conhecer os princípios básicos da captação e retenção da luz no processo fotográfico; construir e desenvolver um projecto fotográfico num corpo coerente de imagens; conhecer diferentes formas de exploração de materiais fotossensíveis; conhecer e aplicar equipamento fotográfico nas actividades lectivas.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| Currículo básico em novas tecnologias I                                              | Contribuir para a inovação educacional; analisar criticamente situações e experiências concretas e reais de utilização das TIC em contexto educativo; organizar e gerir informação no ambiente Windows; produzir/criar materiais didácticos; utilizar a Internet para comunicar e aceder à informação; avaliar e utilizar produtos didácticos desenvolvidos em suporte digital.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| Criatividade e Expressão Plástica – da técnica à metodologia                         | Produção de materiais didácticos que respondam às necessidades docentes no seu quotidiano escolar; promover uma prática lectiva correcta, estudando as metodologias e a didáctica específica da Expressão Plástica, bem como o fornecimento de conhecimentos teóricos e práticos no domínio das artes visuais; realização de exercícios práticos, expressivos, os quais servirão como “materiais didácticos” a usar na prática lectiva.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| A Expressão e Educação Musical no pré-escolar e 1º ciclo                             | Entender o porquê da inclusão da Expressão e Educação Musical no programa do ensino pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico e a sua importância para a formação global do indivíduo; conhecer os princípios básicos e elementares da linguagem musical e algumas formas de representação dessa linguagem; dominar um conjunto de técnicas pedagógicas que lhes permitam a transmissão de saberes de forma adequada às idades dos alunos; executar algumas melodias simples na flauta de bisel.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| Reorganização curricular: projecto curricular de turma                               | Contribuir para a promoção de uma nova prática curricular, assumida, gerida e avaliada pelas escolas; estimular a concepção de estratégias/actividades diversificadas; incentivar a adopção de estruturas de trabalho em equipa entre os professores de diferentes áreas disciplinares e de diferentes ciclos; contribuir para uma avaliação contínua e reguladora; contribuir para o desenvolvimento profissional dos professores, alargando a sua capacidade de decisão em áreas-chave do currículo.                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| As actividades na natureza no desenvolvimento da Área de Projecto                    | Fortalecer a auto-confiança dos proponentes, através do desenvolvimento e planificação de actividades na natureza a aplicar à posterior, nas turmas que leccionam nas respectivas escolas, no domínio da área de projecto; reforçar o espírito de grupo através do desenvolvimento de propostas de trabalho que favoreçam a interacção e a prática da interdisciplinaridade entre os diferentes professores; concepção de reflexões críticas dirigidas ao processo desenvolvido na área de projecto de cada turma, obtidas a partir do colectivo de professores de turma envolvidos.                                                                                                                                                                                                                             |
| Intervenção precoce: intervir para prevenir                                          | Sensibilizar para a necessidade de intervir o mais precocemente possível; contribuir para o levantamento das crianças, com necessidades educativas especiais do concelho; sensibilizar para a necessidade de articular os serviços da comunidade na realização de um trabalho conjunto no domínio da intervenção precoce; informar/formar educadores/professores dos conhecimentos e competências necessárias de um projecto de intervenção precoce no concelho; potencializar o desenvolvimento da criança com problemas minimizando o seu atraso.                                                                                                                                                                                                                                                              |

Fonte: Plano de Formação / 2002 do Cinfor

### **ANEXO nº 3**

#### **QUADROS VII A IX – ORGANIZAÇÃO DA FORMAÇÃO REALIZADA NO CINFOR DURANTE OS ANOS 2000, 2001 e 2002, POR ÁREAS, CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS DE ANÁLISE**

**QUADRO VII – ORGANIZAÇÃO DA FORMAÇÃO REALIZADA NO CINFOR  
DURANTE O ANO 2000 POR ÁREAS, CATEGORIAS  
E SUBCATEGORIAS DE ANÁLISE**

| ÁREAS                        | TEMAS                                                                            | CATEGORIAS                                                  | SUBCATEGORIAS                                                                                                                        |
|------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Tecnologias Educativas       | Informática e educação I – perspectivas de utilização das novas tecnologias      | Gestão do Currículo Centrado Numa Formação Transdisciplinar | Inovação educacional<br>Utilização de recursos multimédia no trabalho com os alunos<br>Aquisição de conhecimentos                    |
|                              | Internet: ligar a escola ao mundo                                                |                                                             | Clarificação conceptual<br>Aquisição de conhecimentos<br>Identificação de factores promotores do desenvolvimento                     |
| Formação Cívica              | O Professor na promoção da saúde                                                 |                                                             | Utilização de recursos audiovisuais<br>Aquisição de conhecimentos<br>Produção de materiais didácticos<br>Diversificação metodológica |
| Comunicação Audiovisual      | Comunicação audiovisual na prática pedagógica – vídeo                            | Gestão do Currículo Centrado nas Disciplinas (Expressões)   | Aquisição de conhecimentos<br>Reflexão sobre as funções didácticas do professor                                                      |
| Expressões                   | Educação em arte – Expressão Plástica                                            |                                                             | Aquisição de conhecimentos<br>Planificação de estratégias de seguranças                                                              |
|                              | Estratégias de segurança e cuidados na realização de actividades na natureza     |                                                             |                                                                                                                                      |
| Didácticas                   | O desenvolvimento da Língua Portuguesa: factor determinante no sucesso educativo | Gestão do Currículo Centrado nas Disciplinas                | Reflexão teórica<br>Identificação de dificuldades<br>Desenvolvimento de competências e capacidades<br>Reflexão crítica das práticas  |
| Desenvolvimento de Projectos | Autonomia, projecto educativo e currículo                                        | Autonomia Escolar e Curricular<br><br>Formação Relacional   | Aquisição de competências<br>Concepção, elaboração e desenvolvimento de projectos<br>Trabalho em equipa, cooperação e debate (FR)    |



**QUADRO XVIII – ORGANIZAÇÃO DA FORMAÇÃO REALIZADA NO  
CINFOR DURANTE O ANO 2001 POR ÁREAS, CATEGORIAS  
E SUBCATEGORIAS DE ANÁLISE**

| ÁREAS                                    | TEMAS                                                                                                            | CATEGORIAS                                                  | SUBCATEGORIAS                                                                                                                                                                                                                                      |
|------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Tecnologias Educativas                   | Informática e educação I – perspectivas de utilização das novas tecnologias da informação no contexto educativo  | Gestão do Currículo Centrado Numa Formação Transdisciplinar | Inovação educacional<br>Aquisição de conhecimentos e competências<br>Utilização de recursos multimédia no trabalho com os alunos                                                                                                                   |
|                                          | Informática e educação II - perspectivas de utilização das novas tecnologias da informação no contexto educativo |                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                    |
|                                          | Internet: um meio de informação e comunicação                                                                    |                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                    |
| Formação Cívica                          | Importância da educação ambiental na escola                                                                      |                                                             | Mudança de atitudes<br>Motivação para a educação ambiental<br>Aquisição de novos valores;<br>Divulgação<br>Produção de materiais                                                                                                                   |
| Didácticas                               | Matemática: um gosto a descobrir                                                                                 | Gestão do Currículo Centrado Nas Disciplinas                | Reflexão sobre novos papeis e funções do professor<br>Resolução de problemas<br>Utilização de materiais<br>Troca de experiências e reflexão                                                                                                        |
|                                          | A criança e o meio aquático – a didáctica da natação                                                             |                                                             | Aquisição de conhecimentos<br>Organização e desenvolvimento da actividade                                                                                                                                                                          |
| Expressões                               | Cartaz: um meio de expressão e de comunicação visual                                                             | Gestão do Currículo Centrado Nas Disciplinas (Expressões)   | Diversificação de recursos<br>Criatividade                                                                                                                                                                                                         |
| Concepção e Desenvolvimento de Projectos | Organização e planificação de actividades na natureza, no âmbito dos projectos educativos das escolas            | Autonomia Escolar e Curricular                              | Planificação e realização de actividades na natureza<br>Produção de materiais<br>Aquisição de conhecimentos e competências<br>Autonomia na prática pedagógica<br>Consolidação da aplicação e prestação dos primeiros socorros<br>Reflexão conjunta |
| Educação Especial                        | A construção de uma escola de sucesso para todos                                                                 | Educação Para Públicos Especiais                            | Igualdade de oportunidades educativas e sociais<br>Flexibilização curricular na realização de projectos<br>Diversificação metodológica<br>Aquisição de conhecimentos                                                                               |

**QUADRO IX - ORGANIZAÇÃO DA FORMAÇÃO REALIZADA NO CINFOR**  
**DURANTE O ANO 2002 POR ÁREAS, CATEGORIAS**  
**E SUBCATEGORIAS DE ANÁLISE**

| ÁREAS                                    | TEMAS                                                                              | CATEGORIAS                                                  | SUBCATEGORIAS                                                                                                                                                                                |
|------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Formação Cívica                          | A responsabilidade da escola na educação sexual                                    | Gestão do Currículo Centrado Numa Formação Transdisciplinar | Aquisição de competências<br>Análise e reflexão sobre comportamentos<br>Identificação de problemas e disfunções sexuais                                                                      |
|                                          | Gestão de comportamentos problemáticos na sala de aula                             |                                                             | Trabalho em equipa, cooperação (FR)<br>Identificação de problemas de indisciplina<br>Análise e confronto de práticas educativas<br>Resolução de situações pontuais                           |
|                                          | Educação para a Cidadania no âmbito da reorganização curricular                    |                                                             | Sensibilização e reflexão sobre os valores (democracia, tolerância e abertura aos outros)<br>Reflexão sobre os direitos humanos                                                              |
| Comunicação Audiovisual                  | Oficina do aprendiz de fotografia: contributo para a aprendizagem interdisciplinar | Formação Relacional                                         | Utilização de recursos diversificados<br>Construção de projectos<br>Aquisição e aplicação de conhecimentos                                                                                   |
| Tecnologias Educativas                   | Currículo básico em novas tecnologias I                                            |                                                             | Inovação educacional<br>Utilização de recursos multimédia no trabalho com os alunos<br>Análise crítica de situações e experiências de utilização das TIC<br>Produção de materiais didácticos |
| Expressões                               | Criatividade e Expressão Plástica: da técnica à metodologia                        | Gestão do Currículo Centrado Nas Disciplinas (Expressões)   | Produção de materiais didácticos<br>Diversificação metodológica<br>Aquisição de conhecimentos                                                                                                |
|                                          | A Expressão e Educação Musical no pré-escolar e 1º ciclo                           |                                                             | Aquisição de conhecimentos<br>Realização de experiências                                                                                                                                     |
| Concepção e Desenvolvimento de Projectos | Reorganização Curricular: Projecto Curricular de Turma                             | Autonomia Escolar e Curricular                              | Realização de projectos<br>Diversificação de actividades<br>Avaliação contínua e reguladora<br>Trabalho em equipa e desenvolvimento profissional (FR)                                        |
|                                          | As actividades na natureza no desenvolvimento da Área de Projecto                  | Formação Relacional (FR)                                    | Fortalecer a auto-confiança<br>Trabalho de grupo (FR)<br>Reflexão crítica                                                                                                                    |
| Educação Especial                        | Intervenção precoce: intervir para prevenir                                        | Educação Para Públicos Especiais                            | Sensibilização para a detecção das crianças com NEE<br>Aquisição de conhecimentos e competências<br>Desenvolvimento de projectos para crianças com NEE                                       |

## **ANEXO nº 4**

**QUADROS X A XII - ACÇÕES DE FORMAÇÃO DO CINOVA PARTICIPADAS  
PELOS PROFESSORES DO 1º CEB, DURANTE OS ANOS 2000, 2001 e 2002**

**QUADRO X – ACCÕES DE FORMAÇÃO DO CINOVA PARTICIPADAS PELOS  
PROFESSORES DO 1º CEB, DURANTE O ANO 2000**

| <b>Temas das Acções</b>                                                                                | <b>Modalidades</b>  | <b>Destinatários</b>                                                 | <b>Nº de professores do 1º CEB que participaram</b> |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|----------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|
| O litoral                                                                                              | Curso de formação   | Todos os Docentes                                                    | 1                                                   |
| Da narrativa tradicional ao fotorromance                                                               | Projecto            | Prof. do 1º ciclo proponentes de esc.                                | 14                                                  |
| O ensino experimental das Ciências: uma proposta de investigação – acção para a renovação das práticas | Oficina de formação | Educadores infânc. e prof. do 1º ciclo proponentes de um agrupamento | 9                                                   |
| Iniciação à Matemática nos primeiros anos de escolaridade                                              | Oficina de formação | Educadores de inf. e prof. do 1º ciclo proponentes de um agrupamento | 11                                                  |
| Comunicação audiovisual na prática pedagógica – vídeo                                                  | Oficina de formação | Todos os docentes                                                    | 4                                                   |
| A utilização dos meios multimédia no processo de ensino/aprendizagem                                   | Oficina de formação | Educadores de inf. e professores do 1º ciclo proponentes             | 6                                                   |
| Iniciação às tecnologias da informação                                                                 | Curso de formação   | Prof. do 1º ciclo proponentes de esc.                                | 26                                                  |
| Projecto PATO (Prevenção do álcool, tabaco e outros)                                                   | Projecto            | Prof. do 1º ciclo que desenvolvem o Projecto P.A.T.O.                | 15                                                  |
| Autonomia e agrupamentos de escolas                                                                    | Círculo de estudos  | Educadores inf. e prof. do 1º ciclo proponentes, de um agrupamento   | 22                                                  |
| <b>Verificaram-se 3 desistências. Nº de professores que concluíram com aproveitamento: 105</b>         |                     |                                                                      |                                                     |

Fonte: Plano de Formação / 2000 do Cinova

**QUADRO XI – ACÇÕES DE FORMAÇÃO DO CINOVA PARTICIPADAS PELOS  
PROFESSORES DO 1º CEB, DURANTE O ANO 2001**

| <b>Temas das Acções</b>                                                                                 | <b>Modalidades</b>  | <b>Destinatários</b>                                                    | <b>Nº de professores do 1º CEB que participaram</b> |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|-------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|
| Primeiros cuidados de saúde na escola                                                                   | Projecto            | Educadores de inf., prof. do 1º ciclo e A.A.E. desses níveis de ensino. | 4                                                   |
| Métodos e técnicas de estudo                                                                            | Círculo de estudos  | Professores proponentes de uma escola                                   | 1                                                   |
| Auto-formação em equipa interdisciplinar e transversal de sectores e ciclos de ensino básico            | Projecto            | Professores proponentes de um agrupamento                               | 6                                                   |
| A escola e as culturas profissionais                                                                    | Círculo de estudos  | Professores proponentes de um agrupamento                               | 4                                                   |
| A voz como instrumento de trabalho                                                                      | Curso de formação   | Professores proponentes esc.                                            | 2                                                   |
| Uso didáctico da fotografia                                                                             | Projecto            | Educadores de inf. e prof. 1º C.                                        | 11                                                  |
| A imagem fotográfica na prática pedagógica                                                              | Oficina de formação | Prof. indicados pelos órgãos de gestão das esc.                         | 3                                                   |
| Internet, correio electrónico, fórum de discussão e documentos html na escola                           | Curso de formação   | Educadores de inf. e prof. EB                                           | 7                                                   |
| Recursos fundamentais da Internet                                                                       | Curso de formação   | Todos os docentes                                                       | 1                                                   |
| Aplicação das novas tecnologias no ensino                                                               | Curso de formação   | Todos os docentes                                                       | 3                                                   |
| Aplicação pedagógica das tecnologias de informação e comunicação                                        | Oficina de formação | Professores proponentes esc.                                            | 7                                                   |
| A utilização dos meios multimédia no processo ensino/aprendizagem                                       | Oficina de formação | Educadores de inf. e professores do 1º ciclo proponentes                | 20                                                  |
| A videoconferência e multiconferência na prática pedagógica                                             | Oficina de formação | Prof. indicados pelos órgãos de gestão das esc.                         | 1                                                   |
| Introdução às técnicas de concepção e conteúdo multimédia de apoio ao ensino                            | Curso de formação   | Prof. dos EB e secundário                                               | 1                                                   |
| A construção do projecto educativo de um agrupamento                                                    | Círculo de estudos  | Professores proponentes de um agrupamento                               | 5                                                   |
| Gestão flexível do currículo                                                                            | Círculo de estudos  | Professores proponentes esc.                                            | 5                                                   |
| Estratégias de desenvolvimento curricular numa perspectiva de organização da gestão curricular flexível | Círculo de estudos  | Professores proponentes de uma escola                                   | 1                                                   |
| Herança cultural e prática docente – uma articulação necessária                                         | Círculo de estudos  | Professores proponentes esc.                                            | 1                                                   |
| Regime Jurídico – férias, faltas e licenças                                                             | Círculo de estudos  | Professores Proponentes esc.                                            | 1                                                   |
| <b>Não se verificaram desistências. Nº de professores que concluíram com aproveitamento: 84</b>         |                     |                                                                         |                                                     |

Fonte: Plano de Formação / 2001 do Cinova

**QUADRO XII – ACÇÕES DE FORMAÇÃO DO CINOVA PARTICIPADAS PELOS  
PROFESSORES DO 1º CEB, DURANTE O ANO 2002**

| <b>Temas das Acções</b>                                                                          | <b>Modalidades</b>  | <b>Destinatários</b>                                         | <b>Nº de professores do 1º CEB que participaram</b> |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|--------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|
| As TIC na sala de aula                                                                           | Oficina de formação | Educadores de infância e professores do ensino básico        | 12                                                  |
| Os meios multimédia como ferramenta de aprendizagem                                              | Oficina de formação | Educadores de infância e professores do 1º ciclo proponentes | 15                                                  |
| As tecnologias de informação e comunicação na prática pedagógica                                 | Oficina de formação | Professores proponentes de um agrupamento                    | 5                                                   |
| Passo a passo, crescer com o ambiente: educar para a cidadania                                   | Projecto            | Educadores de infância e professores do 1º ciclo proponentes | 12                                                  |
| A voz como instrumento de trabalho                                                               | Curso de formação   | Professores proponentes de uma escola                        | 1                                                   |
| Área de Estudo Acompanhado                                                                       | Círculo de estudos  | Professores proponentes                                      | 1                                                   |
| Estudo Acompanhado                                                                               | Oficina de formação | Professores proponentes escola                               | 2                                                   |
| Projecto curricular de escola e projecto curricular de turma                                     | Círculo de estudos  | Professores proponentes                                      | 21                                                  |
| Metodologia de Projecto                                                                          | Círculo de estudos  | Professores proponentes                                      | 7                                                   |
| Iniciação Musical nos jardins de infância e escolas do 1º ciclo                                  | Curso de formação   | Educadores de infância e professores do 1º ciclo proponentes | 43                                                  |
| <b>Não se verificaram desistências. Nº de professores que concluíram com aproveitamento: 119</b> |                     |                                                              |                                                     |

Fonte: Plano de Formação / 2002 do Cinova

**ANEXO nº 5**

**QUADROS XIII A XV - TEMAS E OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO REALIZADA  
NO CINOVA PARA PROFESSORES DO 1º CEB,  
DURANTE OS ANOS 2000, 2001 e 2002**

**QUADRO XIII – TEMAS E OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO REALIZADA NO CINOVA  
PARA OS PROFESSORES DO 1º CEB, DURANTE O ANO 2000**

| TEMAS                                                                                                  | OBJECTIVOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| O litoral                                                                                              | Conhecer o hidrodinamismo do litoral; sensibilizar para a educação ambiental nos estabelecimentos de ensino no âmbito dos programas escolares e da área-escola; conhecer o estado do ambiente litoral em termos globais; sensibilizar para os aspectos que se relacionam com o ordenamento e planeamento do espaço territorial e as estratégias, do ponto de vista ambiental, que poderão conduzir a um desenvolvimento auto-sustentado, equilibrado e estruturado da região.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| Da narrativa tradicional ao fotorromance                                                               | Construção de um projecto susceptível de empenhar toda a comunidade escolar; produção de materiais que se configuram simultaneamente como objectivos do processo e de produto; aprofundar a capacidade para relacionar o saber e o fazer.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| O ensino experimental das Ciências: uma proposta de investigação – acção para a renovação das práticas | Formar os professores com alguns conhecimentos, atitudes e competências que sirvam de base ao desenvolvimento de programas, estratégias e técnicas para a promoção do ensino experimental no pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico; orientar a formação dos professores no sentido da inovação pedagógica e aquisição de novas tecnologias para a implementação do ensino experimental na sala de aula; fornecer um quadro conceptual de referência que permita reflectir criticamente sobre o ensino experimental na escola; contextualizar a implementação curricular do ensino experimental, no âmbito das novas teorias pedagógicas do ensino aprendizagem; planificar e aplicar projectos de intervenção no âmbito do ensino experimental na sala de aula; reflectir sobre o papel do professor e dos alunos durante a implementação de actividades de ensino experimental; explorar estratégias de aplicação do ensino experimental em situações de sala de aula; contribuir para o desenvolvimento de atitudes científicas e capacidades; promover a componente experimental do ensino; utilizar instrumentos de observação e medição na recolha e sistematização de dados. |
| Iniciação à Matemática nos primeiros anos de escolaridade: jardim de infânc., 1º e 2º ano E B          | Confrontar os professores com as diversas perspectivas de iniciação à Matemática, vividas por eles próprios e em grupo, assim como as recomendadas por diversos autores e organizações profissionais de professores de Matemática; adquirir uma visão actualizada das competências e poder matemático das crianças no jardim de infância e no 1º e 2º ano do 1º ciclo; criar as suas próprias concepções das metodologias a utilizar na sala de aula; produzir, com base nos pontos anteriores, materiais didácticos apropriados.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| Comunicação audiovisual na prática pedagógica – vídeo                                                  | Sensibilizar os professores para a integração das tecnologias educativas, em particular o vídeo, na sala de aula; conhecer o equipamento de produção de vídeo; operar com o equipamento apresentado, particularmente com as câmaras de vídeo e equipamento de montagem; produzir documentos vídeo de interesse pedagógico; desenvolver estratégias de ensino-aprendizagem centradas em documentos audiovisuais; sensibilizar para a necessidade de criação de uma videoteca integrada num Centro de Recursos Educativos da Escola.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| A utilização dos meios multimédia no ensino/aprendiz.                                                  | Praticar o uso do computador nas salas de actividades como mais um recurso entre outros, aplicados pelo professor para atingir os seus objectivos educativos; elaborar um ficheiro prático, enumerando estratégias de trabalho na aplicação de diversos programas em contextos educativos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| Iniciação às tecnologias da informação                                                                 | Operacionalizar os recursos postos à disposição de cada docente; identificar as diferentes componentes do computador; configurar e activar o computador e periféricos correntes; utilizar ambientes gráficos, processador de texto e um programa de desenho.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| Projecto P.A.T.O. (Prevenção álcool, tabaco e outros)                                                  | Articular os objectivos e conteúdos do projecto aos objectivos e conteúdos dos programas oficiais do 1º ciclo do ensino básico, a todos os projectos de escola e ao Projecto Educativo de escola; construir práticas pedagógicas e mudanças nos contextos educativos das escolas; favorecer metodologias dinâmicas, promotoras da prevenção, nomeadamente o trabalho de projecto; promover nas crianças estilos de vida saudáveis, através do desenvolvimento de capacidades de vivência social – particularmente com os seus pares e familiares - que lhes permitam reconhecer os problemas e dar-lhes respostas adequadas.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| Autonomia e agrupamento de escolas                                                                     | Desenvolver aptidões que permitam aos docentes participar de forma responsável e consistente no processo de uma nova administração e gestão dos estabelecimentos de educação pré-escolar e do ensino básico; implementar a participação activa dos docentes na constituição de agrupamentos das escolas a que pertencem, sendo elos de desenvolvimento e participação da comunidade educativa.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |

Fonte: Plano de Formação / 2000 do Cinova



**QUADRO XIV – TEMAS E OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO REALIZADA NO  
CINOVA PARA PROFESSORES DO 1º CEB, DURANTE O ANO 2001**

| TEMAS                                                                                        | OBJECTIVOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Primeiros cuidados de saúde na escola                                                        | Discutir situações práticas, quer simulações, quer vivências dos formandos do quotidiano de trabalho; treinar algumas técnicas de suporte básico à vida; incrementar o trabalho cooperativo, designadamente o trabalho de projecto e a investigação-formação-intervenção centrada na realidade de cada escola; analisar trabalhos a desenvolver pelos formandos nas sessões de trabalho autónomo, que deverão constar de projectos no âmbito dos primeiros cuidados de saúde; analisar e reflectir sobre o trabalho desenvolvido nas sessões de trabalho autónomo.                                                                                                                             |
| Métodos e técnicas de estudo                                                                 | Reflectir e aprofundar conhecimentos na área de desenvolvimento psicológico e das teorias de aprendizagem na perspectiva do uso de estratégias individuais de aprendizagem; adquirir conhecimentos que possibilitem o desenvolvimento de métodos e técnicas de estudo; reflectir sobre estratégias de desenvolvimento de competências para a autonomia; analisar os métodos e técnicas de estudo e aprendizagem dos alunos com vista a uma intervenção pedagógica adequada; elaborar materiais operacionalizáveis em contextos reais.                                                                                                                                                          |
| Auto-formação em equipa interdisciplinar e transversal de sectores e ciclos de ensino básico | Mudar as práticas dos actores envolvidos e dar resposta às necessidades de um agrupamento vertical, nomeadamente, a articulação curricular, o trabalho cooperativo e projectos comuns que visem a integração dos vários sectores e ciclos de ensino; criar mecanismos de auto-formação profissional, tendo por base a auto-análise, a auto-crítica e reflexão sistematizadas; desenvolver nos formandos facilitadores de utilização de novas metodologias de trabalho, capazes de oferecerem melhores respostas em temas de ensino/aprendizagem de um modo articulado ao longo de todo o percurso do ensino básico.                                                                            |
| A escola e as culturas profissionais                                                         | Motivar para práticas pedagógicas que promovam a participação e a cooperação; favorecer o desenvolvimento de culturas profissionais cooperativas e reflexivas; contribuir para a resolução de problemas que se colocam à escola na sociedade actual; partilhar experiências numa perspectiva geradora de sucesso educativo; repensar a organização escolar numa perspectiva globalizadora.                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| A voz como instrumento de trabalho                                                           | Sensibilizar para o conhecimento de si próprio; reconhecer a importância da comunicação vocal na comunicação; reflectir sobre a importância das características da voz sobre o acto educativo; aprender a desbloquear as possibilidades vocais; aprender técnicas de respiração; adquirir técnicas de comunicação da voz; aprender formas e técnicas de relaxamento e dominar técnicas de desenvolvimento muscular – aprender a dominar a voz; compreender que a expressão vocal depende da interacção de vários factores e relacionar características da voz com factores condicionantes.                                                                                                     |
| Uso didáctico da fotografia                                                                  | Construir um projecto susceptível de empenhar toda a comunidade escolar; produzir materiais que se configuram simultaneamente como objectivos do processo e do produto; aprofundar a capacidade para relacionar o saber e o fazer.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| A imagem fotográfica na prática pedagógica                                                   | Sensibilizar para a necessidade de criação e dinamização de um centro de recursos fotográficos na Escola; Conhecer o equipamento fotográfico básico, os materiais e processos com que opera; operar com equipamento apresentado, particularmente com câmaras SLR 35 mm e uma gama variada de acessórios; conhecer o processo laboratorial da fotografia a preto e branco e operar na câmara escura; aplicar os princípios e as técnicas básicas do processo fotográfico; construir e desenvolver um projecto fotográfico num corpo coerente de imagens; criar materiais de natureza didáctica, envolvendo a técnica fotográfica.                                                               |
| Internet, correio electrónico, fórum de discussão e documentos html na escola                | Sensibilizar os professores para vencer a problemática da motivação numa escola, que tarda em responder a uma sociedade influenciada pelos média, pelas imagens, por novas experiências, por novos valores e aspirações; sensibilizar os formandos para as potencialidades da Internet e dos documentos multimédia a nível educativo; desenvolver estratégias de intervenção com recurso a ferramentas multimédia que assenta na criação de condições para que a criança se envolva num processo dinâmico de descoberta de caminhos de construção do seu próprio conhecimento; proporcionar aos formandos oportunidades de utilizar o correio electrónico e participar em fóruns de discussão. |

|                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Recursos fundamentais da Internet                                                           | Utilizar um browser e aceder aos conteúdos da www; criar e utilizar uma conta de correio electrónico; operar com programas da FPT; configurar e utilizar um programa de IRC; produzir e publicar uma página em formato html; reflectir sobre a integração das tecnologias da informação e comunicação no processo ensino/aprendizagem.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| Aplicação das novas tecnologias no ensino                                                   | Conhecer as características técnicas dos equipamentos de forma a escolher as mais adequadas às suas necessidades, na relação qualidade/preço; permitir aos professores um conhecimento global das novas TIC, incentivando-os à sua utilização dentro e fora da sala de aula; utilizar o software adequado ao apoio da actividade docente; usar as ferramentas adequadas para captação e projecção de imagens; utilizar suportes multimédia, a Internet e o correio electrónico.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| Aplicação pedagógica das tecnologias de informação e comunicação                            | Utilizar o computador no processo ensino/aprendizagem; construir activa e harmoniosamente o saber através do domínio das tecnologias de informação e comunicação; dinamizar e promover experiências, projectos e actividades que potenciem o sucesso educativo; promover a cooperação de modo a explorar as novas perspectivas pedagógicas de ensino; criar/promover materiais didácticos de acordo com os vários níveis de ensino e as várias disciplinas; facilitar a troca de experiências com utilização das TIC entre professores de diferentes níveis e disciplinas.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| A utilização dos meios multimédia no ensino/aprendiz.                                       | Praticar o uso do computador nas salas de actividades como mais um recurso entre outros aplicados pelo educador/professor, para atingir os seus objectivos educativos; elaboração de um ficheiro prático, enumerando estratégias de trabalho na aplicação de diversos programas em contextos educativos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| Videoconferência e multiconferência na prática pedagógica                                   | Utilizar os meios audiovisuais numa perspectiva de promover a imagem como facilitadora de comunicação e aprendizagem no interior de uma escola profundamente heterogénea, onde cada aluno é portador de competências e experiências, atitudes e expectativas muito diversas; desenvolver estratégias de intervenção com recurso à criação e dinamização de espaços de debate através de videoconferência e multiconferência, com o objectivo de ultrapassar os modelos psicopedagógicos tradicionais, fomentando-se assim condições para que os alunos se envolvam num processo dinâmico de descoberta de novos caminhos baseados na autonomia, liberdade e responsabilidade para a construção do seu próprio conhecimento e personalidade; desenvolver nos professores capacidades para produzir e utilizar novos recursos educativos utilizando todas as potencialidades da Internet, buscando uma resposta adequada ao aperfeiçoamento das suas intervenções educativas. |
| Introdução às técnicas de concepção e conteúdo multimédia de apoio ao ensino                | Conhecer, distinguir e utilizar os principais serviços da Internet; conhecer os conceitos fundamentais, as aplicações e vantagens da multimédia/hipermédia, com especial ênfase para os conteúdos de apoio às actividades lectivas; conhecer e distinguir as diversas fases do projecto e desenvolvimento de conteúdos multimédia; conhecer, distinguir, aplicar e utilizar as técnicas, equipamentos e suportes lógicos de aquisição, processamento e integração de texto, imagem, vídeo e áudio digitais; conhecer, distinguir e aplicar as tecnologias subjacentes à concepção de conteúdos multimédia; planear e conceber conteúdos hipermédia/multimédia, tendo por suporte fundamental as páginas html; conhecer e aplicar as principais tecnologias de distribuição de conteúdos multimédia.                                                                                                                                                                         |
| A construção do projecto educativo do agrupamento                                           | Conhecer o espaço educativo do agrupamento, através de uma abordagem sistémica da realidade; criar atitudes de comunicação educacional nos professores dos diversos graus de ensino, na tentativa de criação, neste agrupamento, de um território educativo comum que contemple as suas especificidades e singularidades; construir o projecto educativo do agrupamento.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| Gestão flexível do currículo                                                                | Analisar os princípios subjacentes ao projecto de "Gestão Flexível do Currículo"; reflectir sobre as práticas pedagógicas dos professores tendo em conta os desafios que se colocam actualmente à educação escolar, em geral, e à educação básica em particular; perspectivar intervenções educativas mais adequadas à heterogeneidade sócio-cultural dos alunos; criar condições para a emergência de projectos contextualizados numa lógica de "Gestão Flexível do Currículo".                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| Estratégias de desenvolvim. curricular numa perspectiva de organização da gestão curricular | Proporcionar aos formandos oportunidade de reflectirem sobre a prática pedagógica ao ponto de sentirem necessidade de gerirem o ensino de uma forma flexível e adequada aos interesses e necessidades dos alunos; dinamizar o espírito de grupo, aumentando a capacidade de interagir no seio da comunidade educativa, da comunidade local e na sociedade em geral; proporcionar aos participantes vivências da necessidade e vantagens do trabalho em equipa; fomentar nos participantes uma autoconfiança que lhes permita fazer uso corrente da interdisciplinaridade.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| Herança cultural e prática docente: uma articulação necessária                              | Mudar a atitude, relativamente à realidade patrimonial do meio envolvente da escola, enquanto parte integrante da identidade dos alunos; mudar as práticas, adequando sempre que possível os conteúdos programáticos à realidade cultural do meio, bem como planeamento de actividades de complemento curricular adequadas; produzir materiais, nomeadamente textos, imagens, mapas e roteiros de suporte à organização de visitas de estudo; reproduzir no projecto educativo e na vida da escola, os efeitos referidos nos objectivos anteriores, de forma a conseguir uma efectiva inserção e identificação da escola com o seu meio envolvente.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| Regime Jurídico – férias, faltas e licenças                                                 | Alterar os procedimentos administrativos no sentido de evitar conflitos processuais; fornecer mais informação aos docentes para um melhor conhecimento da realidade administrativa; facultar maior conhecimento aos docentes da temática desta acção para uma maior qualidade e eficácia do funcionamento dos serviços administrativos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |

**QUADRO XV – TEMAS E OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO REALIZADA NO  
CINOVA PARA PROFESSORES DO 1º CEB, DURANTE O ANO 2002**

| TEMAS                                                            | OBJECTIVOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| As TIC na sala de aula                                           | Utilizar as TIC numa perspectiva de promover a multimédia como meio facilitador de comunicação e de aprendizagem no interior da escola; desenvolver estratégias de intervenção com recurso à criação de módulos de integração das TIC e dinamização de projectos de colaboração utilizando a Internet, com o objectivo de ultrapassar os modelos psicopedagógicos tradicionais, fomentando-se assim condições para que os alunos se envolvam num processo dinâmico de descoberta de novos caminhos baseados na autonomia, liberdade e responsabilidade para a construção do seu próprio conhecimento e personalidade; desenvolver nos professores capacidades para produzir e utilizar novos recursos educativos utilizando todas as potencialidades das tecnologias de informação e comunicação, buscando uma resposta adequada ao aperfeiçoamento das suas intervenções educativas            |
| Os meios multimédia como ferramenta de aprendizagem              | Praticar o uso do computador nas salas de actividades como mais um recurso entre outros aplicados pelo educador/professor, para atingir os seus objectivos educativos; exploração de programas (Cd-rom) e de sites educativos, enumerando estratégias de trabalho na sua aplicação na prática pedagógica; produção por parte dos formandos de materiais de apoio às áreas curriculares.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| As tecnologias de informação e comunicação na prática pedagógica | Utilizar o computador no processo ensino/aprendizagem; construir activa e harmoniosamente o saber através do domínio das tecnologias de informação e comunicação; dinamizar e promover experiências, projectos e actividades que potenciem o sucesso educativo; promover a cooperação de modo a explorar as novas perspectivas pedagógicas de ensino; criar/promover materiais didácticos de acordo com os vários níveis de ensino e as várias disciplinas; facilitar a troca de experiências com utilização das TIC entre professores de diferentes níveis e disciplinas.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| Passo a passo, crescer com o ambiente – educar para a Cidadania  | Promover a construção de práticas pedagógicas, nomeadamente trabalho de projecto, que promovam o ensino/aprendizagem das ciências do ambiente, com base no meio ambiente local e regional, integrados numa perspectiva global; promover a formação dos docentes, com base na reflexão e no trabalho cooperativo em equipa; integrar a educação ambiental, como componente de educação para a cidadania; incentivar estratégias de recolha e tratamento de dados no âmbito das ciências do ambiente, estabelecendo sempre que possível, as ligações necessárias e a intervenção no projecto de outras áreas do conhecimento; desenvolver nos formandos capacidades para a planificação e coordenação de actividades dentro e fora da sala de aula; fomentar a utilização de metodologias específicas de trabalho de campo, utilizando o próprio espaço escolar e exterior.                       |
| A voz como instrumento de trabalho                               | Sensibilizar para o conhecimento de si próprio; reconhecer a importância da comunicação vocal na comunicação; reflectir sobre a importância das características da voz sobre o acto educativo; aprender a desbloquear as possibilidades vocais; aprender técnicas de respiração; adquirir técnicas de comunicação da voz; aprender formas e técnicas de relaxamento e dominar técnicas de desenvolvimento muscular – aprender a dominar a voz; compreender que a expressão vocal depende da interacção de vários factores e relacionar características da voz com factores condicionantes.                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| Área de Estudo Acompanhado                                       | Analisar, reflectir e aprofundar conhecimentos ao nível do desenvolvimento psicológico e dos quadros conceptuais referentes às teorias de aprendizagem humana; reflectir nas implicações educativas e pedagógicas dos diferentes quadros conceptuais em termos do desenvolvimento e implementação de estratégias individuais de aprendizagem; analisar, contrastar e discutir/reflectir sobre diferentes perspectivas psicopedagógicas e as suas repercussões em termos da promoção (ou não) da autonomia na aprendizagem e do sucesso escolar; conhecer e analisar competências de estudo e aprendizagem dos alunos no sentido de promover intervenções pedagógicas consertadas; desenvolver conhecimentos e competências que permitam o desenvolvimento de competências de estudo; construir instrumentos de intervenção aplicáveis na área curricular não disciplinar de estudo acompanhado. |

|                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|-----------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Estudo Acompanhado                                              | Promover uma preparação psicológica e metodológica dos participantes no sentido da consciencialização da filosofia subjacente ao projecto de Estudo Acompanhado, de forma a serem capazes de planificar, organizar e realizar as suas práticas de acordo com o espírito do projecto e bem assim elaborar materiais que levem o aluno a “aprender a aprender” e o torne progressivamente mais responsável pela sua própria aprendizagem.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| Projecto curricular de escola e projecto curricular de turma    | Proporcionar aos formandos oportunidade de reflectirem sobre a prática pedagógica ao ponto de sentirem necessidade de gerirem o ensino de uma forma flexível e adequada aos interesses e necessidades dos alunos; proporcionar aos participantes vivências da necessidade e vantagens do trabalho em equipa; fomentar nos participantes uma autoconfiança que lhes permita fazer uso corrente da interdisciplinaridade; desenvolver capacidades de investigação-acção no sentido de face ao aparecimento de questões problemáticas, desencadearem processos de procura de trabalho em equipa com vista à elaboração de projectos, cuja metodologia permita aprofundar conhecimentos sobre a complexidade cada vez maior da acção em contexto educativo.                                                                      |
| Metodologia de Projecto                                         | Proporcionar aos formandos oportunidade de reflectirem sobre a prática pedagógica a ponto de sentirem a necessidade de gerirem o ensino de uma forma flexível e adequada aos interesses e necessidades dos alunos; proporcionar aos participantes vivências da necessidade e vantagens do trabalho em equipa; fomentar nos participantes uma autoconfiança que lhes permita fazer uso corrente da interdisciplinaridade, de metodologias investigativas e da prática de investigação-acção; desenvolver capacidades de investigação-acção no sentido de, face ao aparecimento de questões problemáticas, desencadearem processos de procura de trabalho em equipa com vista à elaboração de projectos, cuja metodologia permita aprofundar conhecimentos sobre a complexidade cada vez maior da acção em contexto educativo. |
| Iniciação Musical nos jardins de infância e escolas do 1º ciclo | Conhecer e dominar o repertório musical para as faixas etárias em questão; conhecer o nível de desenvolvimento psicológico e musical das crianças destas idades; conhecer os vários instrumentos musicais que podem ser utilizados por crianças dos Jardins-de-infância e escolas do 1º ciclo; desenvolver capacidades vocais e instrumentais; desenvolver a coordenação motora e psicomotora; desenvolver projectos musicais na educação pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |

Fonte: Plano de Formação / 2002 do Cinova

## **ANEXO nº 6**

**QUADROS XVI A XVIII – ORGANIZAÇÃO DA FORMAÇÃO REALIZADA  
NO CINOVA DURANTE OS ANOS 2000, 2001 e 2002, POR  
ÁREAS, CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS DE ANÁLISE**

**QUADRO XVI – ORGANIZAÇÃO DA FORMAÇÃO REALIZADA NO CINOA  
DURANTE O ANO 2000 POR ÁREAS, CATEGORIAS  
E SUBCATEGORIAS DE ANÁLISE**

| ÁREAS                                    | TEMAS                                                                | CATEGORIAS                                                           | SUBCATEGORIAS                                                                                                                                                                                            |
|------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Didácticas                               | O litoral                                                            | Gestão do Currículo<br>Centrado Nas<br>Disciplinas                   | Aquisição de conhecimentos<br>Sensibilização sobre questões ambientais e geográficas                                                                                                                     |
|                                          | Da narrativa tradicional ao fotorromance                             |                                                                      | Construção de projectos<br>Produção de materiais didácticos<br>Aquisição de competências                                                                                                                 |
|                                          | O ensino experimental das Ciências                                   |                                                                      | Aquisição de conhecimentos e competências<br>Diversificação metodológica<br>Reflexão sobre o ensino experimental<br>Planificação e desenvolvimento de projectos<br>Utilização de recursos diversificados |
|                                          | Iniciação à Matemática nos primeiros anos de escolaridade            |                                                                      | Aquisição de conhecimentos<br>Produção de materiais didácticos                                                                                                                                           |
| Comunicação Audiovisual                  | Comunicação audiovisual na prática pedagógica – vídeo                | Gestão do Currículo<br>Centrado Numa<br>Formação<br>Transdisciplinar | Utilização de recursos audiovisuais<br>Aquisição de conhecimentos e competências<br>Produção de materiais didácticos<br>Diversificação metodológica                                                      |
| Tecnologias Educativas                   | A utilização dos meios multimédia no processo de ensino/aprendizagem |                                                                      | Utilização de recursos multimédia no trabalho com os alunos<br>Produção de materiais didácticos                                                                                                          |
|                                          | Iniciação às tecnologias da informação                               |                                                                      | Utilização de recursos multimédia no trabalho do professor<br>Aquisição de conhecimentos                                                                                                                 |
| Concepção e Desenvolvimento de Projectos | Projecto P.A.T.O. (Prevenção do álcool, tabaco e outros)             | Autonomia Escolar e Curricular                                       | Articulação e desenvolvimento de projectos<br>Introdução de mudanças nos contextos educativos<br>Diversificação metodológica<br>Promoção da educação para a saúde                                        |
| Administração Escolar                    | Autonomia e agrupamento de escolas                                   |                                                                      | Desenvolvimento de competências e aptidões<br>Participação na nova administração e gestão dos agrupamentos                                                                                               |

**QUADRO XVII – ORGANIZAÇÃO DA FORMAÇÃO REALIZADA NO CINOA  
DURANTE O ANO 2001 POR ÁREAS, CATEGORIAS  
E SUBCATEGORIAS DE ANÁLISE**

| ÁREAS                   | TEMAS                                                                                 | CATEGORIAS                                                                                      | SUBCATEGORIAS                                                                                                                                                                                                                    |
|-------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Formação Cívica         | Primeiros cuidados de saúde na escola                                                 | Gestão do Currículo<br>Centrado Numa<br>Formação<br>Transdisciplinar<br><br>Formação Relacional | Discussão de situações práticas<br>Cooperação (FR)<br>Análise e reflexão sobre o trabalho autónomo dos professores                                                                                                               |
|                         | Métodos e técnicas de estudo                                                          |                                                                                                 | Aquisição de conhecimentos<br>Estratégias de desenvolvimento de competências autónomas<br>Análise de métodos e técnicas de estudo<br>Produção de materiais                                                                       |
|                         | Auto-formação em equipa interdisciplinar e transversal de sectores e ciclos de ensino |                                                                                                 | Articulação curricular<br>Diversificação metodológica<br>Auto-formação profissional<br>Cooperação (FR)                                                                                                                           |
|                         | A escola e as culturas profissionais                                                  |                                                                                                 | Resolução de problemas<br>Reflexão, Participação e Cooperação (FR)<br>Troca de experiências (FR)                                                                                                                                 |
|                         | A voz como instrumento de trabalho                                                    |                                                                                                 | Reflexão sobre a importância das características da voz<br>Aquisição de técnicas de respiração, comunicação e relaxamento muscular<br>Aprender a dominar a voz<br>Relacionar características da voz com factores condicionantes. |
| Comunicação Audiovisual | Uso didáctico da fotografia                                                           |                                                                                                 | Construção de projectos<br>Produção de materiais didácticos<br>Aquisição de competências                                                                                                                                         |
|                         | A imagem fotográfica na prática pedagógica                                            |                                                                                                 | Sensibilizar para a necessidade de um Centro de Recursos Fotográficos<br>Aquisição de conhecimentos<br>Realização de experiências<br>Construção e desenvolvimento de um projecto fotográfico<br>Produção de materiais            |

|                                          |                                                                                                         |                                                             |                                                                                                                                                                                                                         |
|------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Tecnologias Educativas                   | Internet, correio electrónico, fóruns de discussão e documentos html na escola                          | Gestão do Currículo Centrado Numa Formação Transdisciplinar | Sensibilização para a motivação dos alunos<br>Utilização de recursos multimédia no trabalho com os alunos<br>Trabalho em equipa e reflexão (FR)                                                                         |
|                                          | Recursos fundamentais da Internet                                                                       |                                                             | Utilização de recursos multimédia no trabalho com os alunos<br>Reflexão sobre a integração das TIC na prática educativa                                                                                                 |
|                                          | Aplicação das novas tecnologias no ensino                                                               | Formação Relacional                                         | Aquisição de conhecimentos<br>Utilização de recursos multimédia no trabalho com os alunos                                                                                                                               |
|                                          | Aplicação pedagógica das tecnologias de informação e comunicação                                        |                                                             | Utilização de recursos multimédia no trabalho com os alunos<br>Aquisição de conhecimentos<br>Dinamização de projectos<br>Produção de materiais didácticos<br>Troca de experiências e cooperação (FR)                    |
|                                          | A utilização dos meios multimédia no processo de ensino/aprendizagem                                    |                                                             | Utilização de recursos multimédia no trabalho com os alunos<br>Produção de materiais                                                                                                                                    |
|                                          | Videoconferência e multiconferência na prática pedagógica                                               |                                                             | Utilização de recursos multimédia no trabalho com os alunos<br>Diversificação metodológica<br>Autonomia, liberdade e responsabilidade                                                                                   |
|                                          | Introdução às técnicas de concepção e conteúdo multimédia de apoio ao ensino                            | Aquisição de Conhecimentos Informáticos                     | Utilização de recursos multimédia no trabalho do professor<br>Aquisição de conhecimentos e competências                                                                                                                 |
| Concepção e Desenvolvimento de Projectos | A construção do projecto educativo do agrupamento                                                       | Formação Relacional (FR)                                    | Aquisição de conhecimentos<br>Construção do projecto educativo<br>Trabalho em equipa (FR)                                                                                                                               |
|                                          | Gestão flexível do currículo                                                                            |                                                             | Aquisição de conhecimentos<br>Reflexão sobre as práticas<br>Perspectivar intervenções adequadas<br>Contextualização de projectos na lógica de "Gestão Flexível de Currículo"                                            |
|                                          | Estratégias de desenvolvimento curricular numa perspectiva de organização da gestão curricular flexível |                                                             | Reflexão sobre a prática<br>Dinamizar o espírito de grupo (FR)<br>Trabalho em equipa (FR)<br>Fomentar a autoconfiança para o uso corrente da interdisciplinaridade                                                      |
|                                          | Herança cultural e prática docente: uma articulação necessária                                          | Autonomia Escolar e Curricular                              | Adequação dos conteúdos programáticos à realidade sócio-cultural<br>Produção de materiais<br>Reprodução dos conhecimentos apreendidos no projecto educativo<br>Inserção e identificação da escola com o meio envolvente |
| Administração Escolar                    | Regime Jurídico - férias, faltas e licenças                                                             |                                                             | Obter informação<br>Aquisição de conhecimentos                                                                                                                                                                          |



**QUADRO XVIII - ORGANIZAÇÃO DA FORMAÇÃO REALIZADA NO CINOVA  
DURANTE O ANO 2002 POR ÁREAS, CATEGORIAS  
E SUBCATEGORIAS DE ANÁLISE**

| ÁREAS                                    | TEMAS                                                            | CATEGORIAS                                                           | SUBCATEGORIAS                                                                                                                                                                                                                   |
|------------------------------------------|------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Tecnologias Educativas                   | As TIC na sala de aula                                           | Gestão do Currículo<br>Centrado Numa<br>Formação<br>Transdisciplinar | Utilização de recursos multimédia no trabalho com os alunos<br>Diversificação metodológica<br>Produção de materiais didácticos                                                                                                  |
|                                          | Os meios multimédia como ferramenta de aprendizagem              |                                                                      | Utilização de recursos multimédia no trabalho com os alunos<br>Dinamização e desenvolvimento de projectos<br>Produção de materiais didácticos<br>Troca de experiências (FR)<br>Cooperação (FR)                                  |
|                                          | As tecnologias de informação e comunicação na prática pedagógica |                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                 |
| Formação Cívica                          | Passo a passo, crescer com o ambiente - educar para a Cidadania  | Formação Relacional (FR)                                             | Construção de projectos<br>Planificação e desenvolvimento de actividades<br>Diversificação metodológica<br>Reflexão, Cooperação (FR)<br>Trabalho em equipa (FR)                                                                 |
|                                          | A voz como instrumento de trabalho                               |                                                                      | Reflexão sobre a importância das características da voz<br>Aquisição de técnicas de respiração, comunicação e relaxamento muscular<br>Aprender a dominar a voz<br>Relacionar características da voz com factores condicionantes |
|                                          | Área de Estudo Acompanhado                                       |                                                                      | Analisar, reflectir e aprofundar conhecimentos<br>Conhecer e analisar competências de estudo e aprendizagem<br>Desenvolver conhecimentos e competências<br>Construção de materiais                                              |
|                                          | Estudo Acompanhado                                               |                                                                      | Consciencialização da filosofia subjacente ao projecto de Estudo Acompanhado<br>Planificar, organizar e desenvolver as práticas de acordo com o projecto de Estudo Acompanhado<br>Construção de materiais                       |
| Concepção e Desenvolvimento de Projectos | Projecto curricular de escola e projecto curricular de turma     | Autonomia Escolar e Curricular                                       | Reflexão sobre a prática<br>Trabalho em equipa (FR)<br>Fomentar a autoconfiança para o uso corrente da interdisciplinaridade                                                                                                    |
|                                          | Metodologia de Projecto                                          | Formação Relacional (FR)                                             | Desenvolver capacidades de investigação-acção<br>Aprofundar conhecimentos                                                                                                                                                       |
| Expressões                               | Iniciação Musical nos jardins-de-infância e escolas do 1º ciclo  | Gestão do Currículo Centrado nas Disciplinas (Expressões)            | Aquisição de conhecimentos e capacidades<br>Desenvolvimento de projectos musicais                                                                                                                                               |

## **ANEXO nº 7**

### **QUADROS XIX A XXI - OBJECTIVOS E CONTEÚDOS ORIENTADORES DA ORGANIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS**

**QUADRO XIX - OBJECTIVOS E CONTEÚDOS ORIENTADORES DA  
ORGANIZAÇÃO DA ENTREVISTA AOS DIRECTORES DOS CFAE's**

| <b>Objectivos gerais</b>                                                                                 | <b>Objectivos específicos</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | <b>Conteúdos para um formulário de perguntas</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Criar um clima favorável à entrevista.                                                                   | Legitimar a entrevista<br>Motivar o entrevistado                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | Informar o entrevistado do trabalho de investigação a ser desenvolvido.<br><br>Solicitar a autorização para o uso do gravador.<br><br>Assegurar o carácter anónimo das informações prestadas.<br><br>Solicitar a colaboração do entrevistado, alegando que o seu contributo é imprescindível para o sucesso do trabalho.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| Identificar o impacto da reorganização curricular na organização, procura e desenvolvimento da formação. | Conhecer eventuais especificidades para os professores do 1º CEB.<br><br>Estabelecer relações entre a organização da formação e as necessidades que são apontadas pelos/para os professores.<br><br>Conhecer motivos que determinam a concepção de planos de formação.<br><br>Conhecer diferenças da formação organizada pelos CFAE's nos três últimos anos. | Eventuais efeitos da actual reorganização curricular na organização e na procura da formação por parte dos professores do 1º CEB (1ª questão).<br><br>Especificidades da formação destinada aos professores do 1º CEB (2ª questão).<br><br>Razões que mobilizam os professores para participarem na formação (3ª questão).<br><br>Temáticas de formação mais procuradas pelos professores do 1º CEB (3ª questão).<br><br>Participação dos formandos na organização das acções (4ª questão).<br><br>Adequação do plano de formação às necessidades das escolas associadas e dos professores (5ª questão).<br><br>Critérios utilizados pelo Centro de Formação para selecção dos temas e modalidades (7ª questão).<br><br>Modalidades mais frequentes e razões que as justificam (8ª questão).<br><br>As razões que suportam a formação (9ª questão).<br><br>Diferenças mais significativas existentes na planificação da formação nos últimos três anos (11ª questão). |
| Identificar paradigmas orientadores da formação contínua.                                                | Conhecer a forma de organizar, orientar e avaliar a formação, por parte dos formadores.<br><br>Conhecer os reflexos da avaliação utilizada, na organização e no desenvolvimento da formação.                                                                                                                                                                 | Razões que suportam a selecção da modalidade de formação (3ª questão).<br><br>Critérios que influenciam a forma de organizar e orientar a formação (4ª questão).<br><br>Reflexos da avaliação na organização e desenvolvimento das acções de formação (10ª questão).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |

|                                                                                         |                                                                                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Ajuizar modos de selecção de formadores e representações sobre o trabalho desenvolvido. | <p>Conhecer os critérios que determinam a selecção do formador e eventuais especificidades que possui para formar professores do 1º CEB.</p> <p>Conhecer representações da equipa de formadores.</p>                          | <p>Constituição da equipa de formadores (10ª questão).</p> <p>Eventuais características dos formadores para formar professores do 1º CEB (10ª questão).</p> <p>Representação do perfil dos formadores que concretizam a formação do Centro (10ª questão).</p>                                                                                             |
| facilidades à organização e desenvolvimento da formação.                                | <p>financiamento das acções.</p> <p>Conhecer outros obstáculos e/ou facilidades que influenciam a organização e o desenvolvimento da formação.</p> <p>Conhecer alterações a realizar, se não houvesse qualquer obstáculo.</p> | <p>Principais obstáculos e/ou facilidades que interferem na organização e planeamento da formação (13ª questão)</p> <p>Eventuais alterações na organização e desenvolvimento da formação, caso não houvesse qualquer constrangimento (13ª questão).</p>                                                                                                   |
| Estabelecer relações entre a formação contínua e modos de desenvolvimento do currículo. | <p>Conhecer representações sobre os contributos da formação contínua no desenvolvimento de atitudes de emancipação curricular.</p> <p>Conhecer representações da articulação da formação com as práticas educativas.</p>      | <p>Articulação entre o plano de formação e os projectos educativos das escolas associadas aos CFAE's (6ª questão).</p> <p>Influências da formação contínua no desenvolvimento de comportamentos nos professores do 1º CEB para serem decisores curriculares (14ª questão).</p> <p>Efeitos da formação contínua nas práticas educativas (15ª questão).</p> |

**QUADRO XX - OBJECTIVOS E CONTEÚDOS ORIENTADORES DA  
ORGANIZAÇÃO DA ENTREVISTA AOS FORMADORES**

| <b>Objectivos gerais</b>                                                                                 | <b>Objectivos específicos</b>                                                                                                                                                                                     | <b>Conteúdos para um formulário de perguntas</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Criar um clima favorável à entrevista.                                                                   | Legitimar a entrevista<br>Motivar o entrevistado                                                                                                                                                                  | Informar o entrevistado do trabalho de investigação a ser desenvolvido.<br><br>Solicitar a autorização para o uso do gravador.<br><br>Assegurar o carácter anónimo das informações prestadas.<br><br>Solicitar a colaboração do entrevistado, alegando que o seu contributo é imprescindível para o sucesso do trabalho.                                                                                                                                      |
| Ajuizar modos de selecção de formadores.                                                                 | Conhecer os critérios que determinam a selecção do formador e eventuais especificidades que possui para formar professores do 1º CEB.                                                                             | Constituição da equipa de formadores.<br><br>Eventuais características dos formadores para formar professores do 1º CEB.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| Identificar paradigmas orientadores da formação contínua.                                                | Conhecer a forma de organizar, orientar e avaliar a formação.<br><br>Conhecer os reflexos da avaliação utilizada, na organização e no desenvolvimento da formação.                                                | Conteúdos, instrumentos e metodologias utilizadas durante a formação.<br>Modalidades que orienta e razões que suportam a selecção dessa modalidade de formação.<br>Critérios que influenciam a forma de organizar e orientar a formação.<br>Papéis dos formandos e do formador no desenvolvimento da formação.<br>Procedimentos e instrumentos de avaliação utilizados.<br><br>Reflexos da avaliação na organização e desenvolvimento das acções de formação. |
| Identificar eventuais obstáculos e/ou facilidades à organização e desenvolvimento da formação.           | Conhecer obstáculos e/ou facilidades que influenciam a organização e o desenvolvimento da formação.<br><br>Conhecer alterações a realizar, se não houvesse qualquer obstáculo.                                    | Obstáculos e/ou facilidades que interferem na organização e desenvolvimento da formação.<br><br>Eventuais alterações na organização e desenvolvimento da acção, caso não houvesse qualquer constrangimento.                                                                                                                                                                                                                                                   |
| Identificar o impacto da reorganização curricular na organização, procura e desenvolvimento da formação. | Conhecer diferenças da formação desenvolvida nos três últimos anos.                                                                                                                                               | Adequação da acção às necessidades dos professores.<br><br>Mudanças significativas na formação após a reorganização curricular.<br><br>Diferenças mais significativas existentes na organização e desenvolvimento da formação nos últimos três anos.                                                                                                                                                                                                          |
| Estabelecer relações entre a formação contínua e modos de desenvolvimento do currículo.                  | Conhecer representações sobre os contributos da formação contínua no desenvolvimento de atitudes de emancipação curricular.<br><br>Conhecer representações da articulação da formação com as práticas educativas. | Influências da formação contínua no desenvolvimento de comportamentos nos professores do 1º CEB para serem decisores curriculares.<br><br>Articulação entre a formação e os projectos educativos e curriculares das escolas dos formandos.<br><br>Efeitos da formação contínua nas práticas educativas.                                                                                                                                                       |

**QUADRO XXI - OBJECTIVOS E CONTEÚDOS ORIENTADORES DA  
ORGANIZAÇÃO DA ENTREVISTA AOS FORMANDOS**

| Objectivos gerais                                                                                              | Objectivos específicos                                                                                                                                                                                                | Conteúdos para um formulário de perguntas                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Criar um clima favorável à entrevista.                                                                         | Legitimar a entrevista<br>Motivar o entrevistado                                                                                                                                                                      | Informar o entrevistado do trabalho de investigação a ser desenvolvido.<br>Solicitar a autorização para o uso do gravador.<br>Assegurar o carácter anónimo das informações prestadas.<br>Solicitar a colaboração do entrevistado, alegando que o seu contributo é imprescindível para o sucesso do trabalho.                                      |
| Identificar o impacto da reorganização curricular na procura da formação.                                      | Conhecer motivos que determinam as necessidades de formação.<br>Estabelecer relações entre a reorganização curricular e as necessidades que são apontadas pelos professores.                                          | Eventuais efeitos da Reorganização Curricular na procura da formação, por parte dos professores do 1º CEB.<br>Participação dos formandos na organização da formação.<br>Razões que mobilizam os professores na selecção das temáticas e modalidades de formação.<br>Adequação do plano de formação às necessidades das escolas e dos professores. |
| Identificar paradigmas orientadores da formação contínua.                                                      | Conhecer representações sobre o desenvolvimento e avaliação das acções.                                                                                                                                               | Conteúdos, instrumentos e metodologias utilizadas durante a formação.<br>Razões que suportam a selecção da modalidade de formação.<br>Papéis dos formandos e do formador no desenvolvimento da formação.<br>Procedimentos e instrumentos de avaliação utilizados.                                                                                 |
| Ajuizar modos de selecção de formadores e representações sobre o trabalho por eles desenvolvido.               | Conhecer os critérios que determinam a eventual selecção do formador.                                                                                                                                                 | Razões que suportam a eventual selecção do formador.<br>Representação do perfil dos formadores.                                                                                                                                                                                                                                                   |
| Estabelecer relações entre a formação contínua e modos de desenvolvimento do currículo.                        | Conhecer representações sobre a articulação entre a formação e as práticas educativas.<br>Conhecer representações sobre os contributos da formação contínua no desenvolvimento de atitudes de emancipação curricular. | Articulação entre a formação e os projectos educativos e curriculares das escolas dos professores.<br>Influências da formação contínua no desenvolvimento de comportamentos nos professores do 1º CEB para serem decisores curriculares.<br>Efeitos da formação contínua nas práticas educativas.                                                 |
| Identificar eventuais obstáculos e/ou facilidades à participação na organização e desenvolvimento da formação. | Conhecer obstáculos e/ou facilidades que determinam a participação dos formandos na construção e no desenvolvimento da formação.<br>Conhecer alterações a realizar, se não houvesse qualquer obstáculo.               | Principais obstáculos e/ou facilidades que interferem na participação da organização e desenvolvimento da acção.<br>Eventuais alterações na organização e desenvolvimento da formação, caso não houvesse qualquer constrangimento.                                                                                                                |

## **ANEXO nº 8**

### **GUIÕES PARA AS ENTREVISTAS**

## GUIÃO PARA A ENTREVISTA A REALIZAR AOS DIRECTORES DOS CFAE's

Este guião constitui o referencial orientador da entrevista que pretendemos realizar aos directores dos Centros de Formação. Tem como principal objectivo recolher o máximo de informações sobre os efeitos da reorganização curricular na organização e na procura da formação contínua, por parte dos professores do 1º ciclo que a frequentam.

1 – No ano de 2001, foi publicada a reorganização curricular. Este facto teve algum impacto na organização do plano de formação e na procura de formação? E ao nível do 1º ciclo, sentiu alguma diferença? (Em caso afirmativo) Qual? (Em caso negativo) Porquê?

2 - No plano de formação que o Centro oferece há alguma especificidade para os professores do 1º ciclo? (Em caso afirmativo) E em que consiste? Porquê? (Em caso negativo) Porquê?

3 - Em sua opinião quais as razões que mobilizam os professores a preferirem mais determinada área/tema de formação? Quais as áreas/temas de formação às quais os professores mais se candidatam, em 1ª opção? Todos tiveram a oportunidade de a frequentar?

4 – Que formas de participação tiveram os professores na construção do plano de formação?

5 - Em sua opinião, considera que o plano de formação existente se adequa às necessidades das escolas associadas e dos seus professores? Porquê?

6 - Existe alguma articulação entre o plano de formação e os projectos educativo e curriculares das escolas associadas? (Em caso afirmativo) Qual? (Em caso negativo) Porquê?

7 - Qual é a principal preocupação da Direcção do Centro ao decidir sobre os temas e modalidades das acções que integram o plano de formação?

8 – Que modalidades de formação são mais frequentes no plano deste Centro de Formação? Quem é que toma a decisão sobre as modalidades de formação a desenvolver? Em que se baseia?



9 - Que balanço faz da formação que este Centro realiza?

10 - Como foi constituída a equipa de formadores? Há alguma característica específica prioritária que os formadores devem possuir para formar professores do 1º ciclo? Que formas de avaliação têm sido utilizadas pelos formadores? Que opinião tem da equipa de formadores?

11 - Durante estes últimos anos tem existido alguma diferença nos planos de formação? (Em caso afirmativo) Qual? Porquê? (Em caso negativo) Porquê?

12 - Foram acreditadas e financiadas todas as temáticas e modalidades de formação propostas ao Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua e ao PRODEP? (Em caso negativo) Quais foram as temáticas não autorizadas? Porquê?

13 - Na sua opinião, o que mais tem facilitado e dificultado o planeamento e a realização da formação neste Centro? Se dependesse de si, fazia alguma alteração à formação desenvolvida por este Centro de Formação? Qual? Como?

14 - Sente que a formação contínua está a permitir que os professores do 1º ciclo adquiram saberes e desenvolvam competências para desenvolverem projectos específicos para as populações com que trabalham? (Em caso afirmativo) De que forma? (Em caso negativo) Porquê?

15 - Em sua opinião, a formação contínua tem algum efeito ao nível das práticas educativas dos profissionais? (Em caso afirmativo) Como? (Em caso negativo) Porquê?

**Obrigada pela sua colaboração**

## GUIÃO PARA A ENTREVISTA A REALIZAR AOS FORMADORES

Este guião constitui o referencial orientador da entrevista que pretendemos realizar aos formadores. Tem como objectivo recolher o máximo de informações sobre os efeitos da reorganização curricular na organização e na procura da formação contínua, por parte dos professores do 1º ciclo que a frequentam.

1 - Como foi seleccionado(a) pelo Centro para orientar a formação? Houve alguma característica específica prioritária que devia possuir para formar professores do 1º ciclo? (Em caso afirmativo) Em que consiste?

2 - Que conteúdos, instrumentos e metodologias utiliza durante a formação?

3 - Que modalidade de formação orienta? Porquê?

4 - Qual é a sua principal preocupação ao organizar e orientar uma acção de formação?

5 - Que papéis assumem os formandos e o formador (a) durante a formação? Sente que a formação se adequa às necessidades dos professores e das suas escolas?

6 - Que formas e instrumentos de avaliação têm sido utilizadas? Que reflexos tem a avaliação na organização e desenvolvimento das acções?

7 - Na sua opinião, o que mais facilita e o que mais dificulta o planeamento e a realização da formação? Se dependesse de si, fazia alguma alteração à formação que organiza e orienta? (Em caso afirmativo) Qual? (Em caso negativo) Porquê?

8 - Antes da publicação da actual reorganização curricular já era formador (a)? (Em caso afirmativo) Sente que houve alguma mudança na formação após a reorganização curricular? E ao nível do 1º ciclo sentiu alguma diferença? (Em caso afirmativo) Qual? (Em caso negativo) Porquê?

9 - A reorganização curricular teve alguns reflexos na forma como organiza e desenvolve as acções de formação? (Em caso afirmativo) Quais? (Em caso negativo) Porquê?

10 - Sente que a formação contínua está a permitir que os professores do 1º ciclo adquiram saberes e desenvolvam competências para desenvolverem projectos específicos para as populações com que trabalham? (Em caso afirmativo) De que forma? (Em caso negativo) Porquê? Existe alguma articulação entre a formação desenvolvida e os projectos educativo e curriculares das escolas dos formandos? Qual?

11 - Em sua opinião, a formação contínua tem algum efeito ao nível das práticas educativas dos profissionais? Como? (Em caso negativo) Porquê?

**Obrigada pela sua colaboração**

## GUIÃO PARA A ENTREVISTA A REALIZAR AOS FORMANDOS

Este guião constitui o referencial orientador da entrevista que pretendemos realizar aos formandos. Tem como objectivo recolher o máximo de informações sobre os efeitos da reorganização curricular na organização e na procura da formação contínua, por parte dos professores do 1º ciclo que a frequentam.

1 – No ano de 2001, foi publicada a reorganização curricular. Este facto teve algum efeito na procura de formação? (Em caso afirmativo) Qual? (Em caso negativo) Porquê?

2 – Costuma participar na organização da formação que frequenta? (Em caso afirmativo) De que forma? (Em caso negativo) Porquê?

3 - Quais as razões que o (a) mobilizam a preferir mais determinado tema e modalidade de formação?

4 - Considera que o plano de formação existente se adequa às suas necessidades e às necessidades da sua escola? Porquê?

5 – Em que temas se candidatou em 2002, como 1ª opção? Teve oportunidade de frequentar essas acções? Que conteúdos, instrumentos e metodologias foram utilizadas durante essa formação? Em que modalidade foi desenvolvida essa formação? Porque seleccionou esses temas e essas modalidades de formação?

6 - Que papéis assumem os formandos e o formador durante essas acções? Concorda com a metodologia utilizada? Porquê?

7 – Durante as acções existiu alguma articulação entre a formação e os projectos educativo e curriculares da sua escola? (Em caso afirmativo) Qual?

8 - Que formas e instrumentos de avaliação foram utilizados pelo formador (a)?

9 – Participou na selecção do formador que orientou as acções? (Em caso afirmativo) Como? (Em caso negativo) Porquê?

10 – Que opinião tem dos formadores que teve durante o ano 2002, na formação realizada no Centro de Formação?

11 – Em sua opinião, a formação contínua está a permitir que os professores do 1º ciclo, adquiram saberes e desenvolvam competências para desenvolverem projectos específicos para as populações com quem trabalham? (Em caso afirmativo) De que forma? (Em caso negativo) Porquê?

12 – Sente que a formação contínua lhe traz algum contributo para um melhor desenvolvimento das práticas educativas? (Em caso afirmativo) Qual? (Em caso negativo) Porquê?

13 – Na sua opinião, o que mais tem facilitado e dificultado a sua participação na organização e desenvolvimento da formação? Se dependesse de si, fazia alguma alteração à formação desenvolvida por este Centro de Formação? Qual? Como?

**Obrigada pela sua colaboração**

## **ANEXO nº 9**

### **DISCURSOS DOS ENTREVISTADOS DO CINFOR**

**Directora - Entrevista 1 (2003/01/10)**

P. Neste último ano foi publicada a reorganização curricular. Este facto teve algum impacto na organização do plano de formação e na procura de formação?

R. Na sequência da proposta do Ministério a nível da reorganização curricular, claro que o Centro de Formação se preocupou, como é evidente, em oferecer formação nessa área, visto que à partida o corpo docente ainda não tinha recebido formação e partir-se-ia do pressuposto que necessitaria dessa formação. No entanto, apesar do Centro oferecer algo nessa área, não houve uma procura muito significativa. Sentiu-se que as pessoas estavam algo preocupadas porque sentiam que eram obrigadas a implementar determinadas inovações na prática e não sabiam como fazer; estavam preocupadas com isso. Isso foi notado em algumas reuniões, plenários nos quais as pessoas manifestaram as suas preocupações; a falta de formação para implementar as inovações que eram pedidas pelo Ministério. No entanto, na altura em que a formação vai para o terreno, é feita a divulgação e verificamos que não há uma procura por essa formação como se esperava. Por exemplo, eu posso-lhe dizer que no plano de 2002 temos uma acção sobre reorganização curricular que é Projecto Curricular de Turma e o Centro de Formação viu-se “um bocadinho aflito” para realizar essa acção. Era uma turma prevista para vinte participantes e realizou-se com dezassete. Penso que há falta de sensibilização e até falta de motivação para introduzir inovações dentro das novas áreas, também há uma certa insegurança por parte das pessoas e a instabilidade política penso que também interferiu um pouco.

B 1a

A 1a

I 5

P. No plano de formação do Centro há alguma especificidade para os professores do 1º ciclo?

R. Sim, sim, normalmente associamos o pré-escolar com o 1º ciclo, embora fizéssemos acções específicas para o 1º ciclo a nível da Língua Portuguesa, Matemática e nas áreas das Expressões, porque é muito procurada a formação na área da Expressão Plástica. Como vemos aqui no plano a acção nº 7: “Criatividade e Expressão Plástica – Da Técnica à Metodologia”, no próximo ano iremos dar continuidade a esta acção de formação, mas já vem também na sequência de outras acções de planos anteriores. É uma temática muito procurada pelos professores do 1º ciclo e pelas educadoras. Aliás, a próxima acção nesta área, já foi solicitada por este grupo, já há um grupo proponente para a formação sobre a Expressão Plástica para o plano do próximo ano.

P. Não existem professores proponentes noutras áreas de formação?

R. A nível do 1º ciclo e do pré-escolar surgiram mais este ano, talvez tenha acontecido pelo facto de ter sido feita uma maior sensibilização para contextualizar a formação e para proporem a formação que realmente pretendem. E este ano já surgiram, a nível do 1º ciclo e do pré-escolar, três grupos proponentes: na área de Expressão Plástica, nas Bibliotecas Escolares e também na área de Currículo, que irão constar no próximo plano de 2003. Até ao presente ano, realmente no 1º ciclo não tem havido grupos proponentes de formação, acontece mais nos outros níveis de ensino, a partir do 2º ciclo talvez haja mais facilidade porque nos Conselhos Pedagógicos também terá havido uma discussão acerca das necessidades de formação, possivelmente, penso eu. Os professores do 1º ciclo trabalham mais isoladamente e há mais dificuldade em se reunirem.

A 2a

P. As acções de formação destinadas aos professores proponentes são realizadas aqui no Centro de Formação ou nas escolas dos professores que a propõem?

R. Só é realizada aqui se não houver condições de ser realizada nas escolas, que é o caso, por exemplo de uma acção que foi realizada numa Escola E. B. 1, mas às vezes não se pode realizar nas próprias escolas devido à falta de equipamento e de condições das escolas. A maior parte é realizada aqui, mas quando é destinada a grupos proponentes, muitas vezes realiza-se nas próprias escolas.

P. Quais as áreas e temas de formação em que os professores mais se candidatam em 1ª opção?

R. É na área da Informática, continua a ser a área das TIC e também procuram na sua área específica. Quer dizer, solicitam formação nas áreas específicas mas depois não se organizam em torno de projectos sobre temas que lhes interessam para proporem essa formação e, sendo assim, o Centro tem que oferecer essas acções e chega a hora da verdade, acontece que muitos professores não as querem. A partir daí o Centro apenas organiza formação nas áreas específicas que sejam solicitadas pelos formandos, como nas áreas de Matemática, de Língua Portuguesa nas Expressões. Por exemplo, também temos todos os anos uma acção na área da Matemática para os professores do 3º ciclo e do secundário. É uma acção de formação solicitada por esses professores e é por isso que nós damos continuidade a essa acção, porque se eles não a pedissem

A 1b

quem é que a vai fazer? Portanto, só pedindo é que o Centro apresenta, porque não tem interesse em organizar acções para depois não se realizarem.

P. Também me referiu que os professores procuram formação sobre as TIC, esta procura verificou-se mais no ano 2002?

R. A procura da formação sobre as TIC já tem vindo a sentir-se em anos anteriores. O 1º ciclo tem procurado muito a formação na área de Informática, principalmente a partir de 2001, mas não a propõem, frequentam porque o Centro oferece. Muitas vezes até não temos vagas para todos, porque, por exemplo, no plano de 2002 temos aqui uma acção para vinte participantes e aparecem inscritos quarenta. A partir daí qual é a solução que o Centro vai encontrar? É, dentro da disponibilidade financeira que tem depois da candidatura aprovada, tem uma determinada verba para gerir e de acordo com esse financiamento, vai procurar criar mais uma turma sobre essa acção, e temos conseguido fazer. Por exemplo: este ano a acção nº 10 que é sobre as Novas Tecnologias, destinada a educadores de infância e professores do 1º ciclo, estava prevista apenas uma turma com vinte participantes, mas havia inscrições que formavam mais uma turma de professores que estavam interessados, então, criamos mais uma turma que frequentou essa acção em Setembro. Estava prevista uma turma e fizemos duas para responder às necessidades dos professores.

A 1b

P. Como é feito o levantamento das necessidades de formação das escolas associadas e dos professores?

R. Nós no início do ano civil distribuímos sempre inquéritos pelas escolas para os professores assinalarem as áreas em que pretendem formação. Mas a formação nem sempre se baseia nas respostas a esses questionários, porque os professores pedem muitas áreas e é muito difícil tratar esses dados. E essa informação através dos questionários não funciona, o que se pretendia era que os professores se organizassem em grupos, se reunissem e propusessem formação ao Centro para que essa formação servisse para o desenvolvimento de actividades nas escolas. Ora, isso não acontece, os professores ainda não estão organizados em torno de projectos, ainda não definem aquela formação que pretendem para desenvolverem as actividades nas escolas. Eles procuram as acções de formação na área de Informática porque é inevitável; o professor neste momento tem que trabalhar nessa área.

A 2c

P. Na sua opinião, porque é que os professores procuraram formação na área de Informática mais a partir de 2001?



R. Os professores começaram a sentir essa necessidade porque até então, os computadores chegavam às escolas e, segundo se ouviu dizer, estavam lá arrumados porque ninguém queria tocar naquilo, houve inicialmente alguma resistência à formação na área de Informática, agora não, vêm que é inevitável e que têm mesmo de trabalhar com as máquinas e obter essa formação.

P. Quantos representantes existem para fazer o levantamento das necessidades de formação?

R. Existem dois, um do 1º ciclo e outro do pré-escolar.

P. Como é que esses representantes fazem o levantamento das necessidades de formação?

R. A função desses representantes é ir pelas escolas e sensibilizar para a formação, mas eles não fazem muito esse trabalho por falta de incentivos.

P. Como é que eles fazem chegar ao Centro as necessidades das escolas?

R. Ao nível do pré-escolar e do 1º ciclo o levantamento das necessidades das escolas, como já disse, é realizado através do inquérito, mas há algumas ideias que eles trazem, mas o representante do 1º ciclo nem por isso.

P. Como foram recolhidas, pelo representante do 1º ciclo, as necessidades de formação dos professores?

R. Foram recolhidas em reuniões com os professores. Mas, esse trabalho por parte dos professores do 1º ciclo não tem sido realizado de forma sistemática porque eles não têm incentivos.

A 2b

P. Quando é que o Centro de Formação envia esses inquéritos às escolas?

R. É assim: o plano de formação para 2003 já está acreditado e foi enviado para financiamento até finais de Outubro, ora, isso significa que agora a gente aguarda o financiamento para pôr no terreno o plano de 2003, que será a partir de Janeiro. Para o plano de 2004 a partir Janeiro os professores, têm que começar a pensar sobre a formação para 2004, a formação que pretendem para o Centro organizar todo o processo de creditação, é sempre no ano anterior. É por isso que os *timings* dificultam. Os *timings* não são adequados, repare que entramos na execução de um plano e já estamos a ter que pensar noutro, porque chegamos a Julho temos que ter tudo acreditado para em Outubro enviar para financiamento. As pessoas vão começar a fazer as acções do plano de 2003 e já vamos pensar para o plano de 2004.

C 5

Isto era possível se as escolas estivessem realmente organizadas em torno de projectos curriculares para o triénio, e então o Centro organizava um plano plurianual. Mas, isto pelo menos no nosso contexto não é possível, não é possível devido à mobilidade dos professores, chegando a Julho acabou o projecto. Já vão para outra escola. Como é que se pode organizar a formação a partir das suas propostas? Repare que é muito difícil.

G 5

P. Relativamente à possibilidade do Centro responder às necessidades das escolas e dos professores, durante este ano todos os professores tiveram oportunidade de frequentar a primeira opção de formação?

R. Ninguém fica de fora, não há suplentes, aliás há colegas que fazem mais do que uma acção, fazem várias durante o ano. Mas isso não é maioria, é uma minoria.

C 1

P. Sente que a maior parte dos professores já ultrapassou a ideia de fazer formação para obtenção de créditos?

R. A maioria creio que não, penso eu que não, era preciso fazer um estudo, mas creio que não porque o peso dos créditos é muito forte, mas digo isto a nível geral e não apenas sobre os professores do 1º ciclo. Aliás, os professores do 1º ciclo até são os professores que fazem mais formação por interesse próprio, por necessidade, em relação aos outros níveis de ensino. Isto é o meu ponto de vista, o que eu penso, mas de facto, os professores que procuram mais formação são os professores do 1º ciclo. Mas há aqui um factor que também não podemos deixar de referir, que é o facto de haver os complementos de formação. Esta formação, como sabe, às vezes dá equivalência, dá, portanto, pontos. É por isso que a gente não sabe bem as razões desta procura. Será unicamente por gostarem e por quererem e por terem necessidade para a prática? Eu penso que não, que também aproveitam para os complementos.

A 1a

A 1a

P. Em sua opinião, considera que o plano de formação existente se adequa às necessidades das escolas associadas e dos professores?

R. Penso que sim, penso que se tem adequado. Repare, a média das acções neste Centro até 2000 é, sensivelmente, uma média de 10, 11, 12 acções.

P. Essas acções também são destinadas aos professores do 1º ciclo?

R. As acções com professores do 1º ciclo não são só para o 1º ciclo, eu não consigo separar nos planos, só a parte do 1º ciclo, são considerados na globalidade.

E na globalidade os planos de formação têm evoluído significativamente em termos qualitativos e quantitativos. Em termos quantitativos é bem visível: este ano fizemos 19 turmas, agora não sei o que é que está previsto para o 1º ciclo, mas há muitas acções para o 1º ciclo também.

D 1c

São acções que englobam todos os níveis de ensino, até porque nós pensamos que é mais benéfico porque existe mais intersectorialidade, mais comunicação com os professores dos diferentes ciclos, por isso, nós pensamos que é positivo haver um debate mais alargado. Claro que em áreas mais específicas separamos, não é?

G 2

P. Então, não realizam acções de formação apenas para os professores 1º ciclo?

R. Não, nós temos a preocupação que, realmente, haja essa intersectorialidade da comunicação entre os professores dos vários níveis de ensino e temos várias acções abertas a todos os níveis. Por exemplo: a acção sobre reorganização curricular é para os professores do 1º, 2º e 3º, ciclo; a temática: Actualidade na sala de aula foi para um grupo proponente de uma escola. Depois temos a acção sobre criatividade que é mais específica para o pré-escolar e 1º ciclo. Só para o 1º ciclo acho que não há nenhuma. Já tivemos, mas agora penso que não há nenhuma; já tivemos no plano anterior nas áreas específicas, precisamente na Matemática e na Língua Portuguesa, de resto, nas áreas transversais são sempre para todos os níveis de ensino. O pré-escolar às vezes não entrará tanto mas entram professores do 1º ciclo ao secundário.

G 2

P. Existe algum agrupamento de escolas neste concelho?

R. Eu não tenho conhecimento de nenhum, mas parece-me que se está a tentar formar um agrupamento entre escolas do pré-escolar e do 1º ciclo.

P. Existe alguma articulação entre o plano de formação e os projectos educativos das escolas associadas?

R. Isso é um projecto muito complicado, toda a gente sabe disso, primeiro serão verdadeiros projectos educativos? Depois, contemplarão as necessidades de formação? Parece que ainda não há essa preocupação das escolas em contemplar as necessidades de formação nos seus projectos educativos não é? Depois, quem é que elabora os projectos educativos? Quem é que desenvolve um plano de acção para concretizar um projecto educativo?

É preciso saber quem é quem, e a partir daí solicitar a formação adequada ao desenvolvimento desses projectos que levarão à consecução do projecto

educativo, não é? Porque penso que o Centro de Formação deveria ser um Centro de Recursos e nós gostaríamos que fosse, mas é necessário que as escolas e os professores se organizem nesse sentido, para haver essa articulação. Tem havido um esforço por parte de alguns elementos da Comissão Pedagógica, nomeadamente do 2º e 3º ciclo, em fazer essa articulação. De facto, já houve aqui uma acção proposta por uma escola do 2º e 3º ciclo, que levou à prática um projecto curricular, e solicitaram a formação aqui ao Centro para apoiar esse projecto, foi precisamente no plano de 2001. O Projecto Educativo como Instrumento de Identidade e de Autonomia da Escola, esta acção foi realizada para dar apoio ao projecto de flexibilização curricular que eles aplicaram na sua escola. Mas, mesmo aqui houve dificuldades, foi preciso um grande esforço por parte do Presidente do Executivo e o Presidente do Pedagógico, para que se fizesse essa ligação ao Centro de Formação, a ligação do Centro à prática da escola.

B 6

P. Qual é a principal preocupação da Direcção do Centro ao decidir sobre os temas e modalidades das acções que integram o plano de formação?

R. A principal preocupação é responder aos pedidos, às solicitações, às preocupações dos professores e das suas escolas. As acções que forem pedidas por grupos de professores e pelas escolas, são as primeiras a serem organizadas e a serem incluídas no processo de acreditação e de financiamento para responderem a essas necessidades, esta é a primeira prioridade. O Centro gostaria que todo o plano fosse organizado em função dessas necessidades, mas nem sempre isso acontece. Mas, já vai havendo alguns grupos.

B 1a

P. Mas como ainda são poucos os grupos que propõem a formação em que se baseia este Centro ao organizar as acções de formação?

R. Claro que depois o Centro terá que, inevitavelmente, apresentar uma oferta. Os temas são discutidos na Comissão Pedagógica, os representantes das escolas prenunciam-se e, ultimamente, consideram que podíamos apostar na formação em áreas consideradas estratégicas no âmbito da nova reorganização curricular: Estudo Acompanhado, Projecto Curricular de Escola, Projecto Curricular de Turma e Área de Projecto. Considerando essas novas áreas, procuramos organizar formação para os professores.

B 1a

P. A formação sobre Estudo Acompanhado foi participada por professores do 1º ciclo?

R. Para o 1º ciclo não, não foi muito solicitada, apareceram apenas uma ou duas pessoas, foi para professores proponentes do 2º e 3º ciclos. Havia dois grupos proponentes de duas escolas, mas um grupo falhou e nós só conseguimos realizar uma turma. Por parte do 1º ciclo não houve procura nessa área, porque senão teríamos criado uma turma para responder a essas necessidades para o 1º ciclo, mas não houve. Nós conseguimos fazer uma turma de Estudo Acompanhado com 17 participantes.

P. Que modalidades de formação são mais frequentes no plano deste Centro de Formação?

R. Predomina o curso de formação porque nós só organizamos acções de formação nas modalidades de oficina de formação ou círculo de estudos, não vamos para além disso, se essas modalidades forem solicitadas por grupos de professores para eles saberem como que é que vão trabalhar, se vão produzir materiais, para que é que vão servir esses materiais... Por exemplo no caso das oficinas se têm que os testar na sala de aula, reflectir sobre a utilização desses materiais; no caso da modalidade de círculo de estudo, vão ter que reflectir em conjunto, de uma forma mais interactiva, mais participativa, mais interventiva e as pessoas têm de saber o que realmente querem ou não querem. Não podemos propor essas modalidades e depois as pessoas chegam à formação e dizem: eu não quero fazer isto. Só organizamos acções nessas modalidades quando são pedidas pelos professores.

B 1b

P. Que balanço faz da formação que este Centro realiza?

R. Eu penso que tem sido positivo, dentro do contexto, dentro de todos os condicionalismos existentes, de todos os constrangimentos que há, penso que tem corrido bem. Tem corrido bem quer em termos quantitativos quer em termos qualitativos, a quantidade também tem que se ter em conta não é? Se realmente no Centro a média de acções era de 10, 11 e passa para 19 é porque realmente há procura. Uma parte dessa formação é proposta, mas outra também é oferecida. Se os professores e as escolas as propuserem, ficamos encantados, se não propuserem, portanto, há uma reorganização curricular em curso e pensa-se nas áreas que são consideradas transversais prioritárias, estratégicas, então vamos oferecer formação sobre essas áreas, e, apesar de não haver uma procura intensa, as pessoas têm feito essa formação. Por exemplo: temos tido formação na Área de Projecto, que foi uma formação proposta, foi um círculo de estudos; a Educação

D 1c

para a Cidadania, Estudo Acompanhado, Projecto Curricular. Portanto, nós procuramos contemplar aqui a formação de acordo com a reorganização curricular, embora não tivéssemos uma procura intensa, mas as acções realizaram-se e penso que foi positivo. E depois, nós somos um Centro, não digo muito pequeno, mas digo médio baixo. Já não podemos comparar com outros Centros onde o número de professores é muito maior, assim como o número de escolas. Para este Centro 19 turmas, é realmente muito. Basta dizer que nós temos uma média de 250 inscrições e depois terminamos com mais de 300. Há pessoas que fazem várias acções porque, penso eu, para além dos factores externos da progressão na carreira, dos complementos de formação, no caso do 1º ciclo, a temática que eles procuram também terá interesse não é?

B 1a

P. Em sua opinião, a formação tem algum efeito ao nível das práticas educativas dos profissionais?

R. Não é linear responder a essa questão, não é linear, mas as opiniões que correm é que de facto, à priori, não há efeitos directos nas práticas. Mudar as práticas pressupõe uma mudança de atitude, uma mudança de uma cultura escolar que já predomina há muitos anos e isso não é assim fácil de mudar de um dia para o outro, não queiram agora que a formação contínua vá ser a panaceia para todos os problemas que existem no ensino não é? Há outros aspectos que deviam ser coordenados com a formação contínua e que não estão aqui presentes, como o caso da avaliação dos professores. É claro que eu penso que, possivelmente, algumas “sementes” terão sido lançadas e agora depende do que as pessoas vão fazer com isso, porque, se as pessoas não quiserem, pode vir a formação contínua em que modalidade vier, que se as pessoas não quiserem mudar as práticas não mudam. É possível que a longo prazo haja alguma mudança de atitude porque a curto prazo essas mudanças, de facto, não são visíveis, não são visíveis nem podem ser, depois há outros factores que não são considerados. Por exemplo: alguém se lembrou de dizer se a formação inicial prepara os professores para inovar nas escolas, para se organizarem em torno de projectos? A articulação entre a formação inicial e a formação contínua existe? Há especialistas que agora estão a debater os efeitos desta formação em termos das práticas, mas há outros factores que estão associadas e que também não são debatidas, não é? Agora que aqui se tem feito formação de qualidade, isso não tenho dúvida nenhuma e no final das acções de formação as pessoas ficam bastante agradadas, agora sobre os efeitos directos na prática, é natural que algumas coisas sejam feitas, não é? Em

C 6

termos de mudanças estruturais toda a gente sabe que são muito difíceis e que levam muito tempo a acontecer.

P. Como foi constituída a equipa de formadores?

R. Os formadores são seleccionados em função das necessidades que o Centro tem. Portanto, o Centro pretende realizar acções em determinadas áreas, porque são pedidas pelas escolas ou porque pretende oferecer e, o Centro convida formadores com perfil e qualificação nessas áreas.

F 3

Mas também acontece de aparecerem aqui formadores com propostas interessantes, e eu levo à Comissão Pedagógica, falo com o formador, este diz o que se pretende com o projecto e a Comissão Pedagógica analisa e aceita ou não.

B 3

Por exemplo, tivemos aqui o caso da acção sobre Educação Musical para o pré-escolar e para o 1º ciclo, que iniciou há pouco tempo, realmente, nunca tínhamos promovido aqui formação nesta área, apareceu aqui o formador com o projecto, levei-o à Comissão Pedagógica e os colegas, nomeadamente do pré-escolar e do 1º ciclo acharam que o projecto era interessante e então avançamos.

P. Há alguma característica específica prioritária que os formadores devem possuir para formar professores do 1º ciclo?

R. Nós damos preferência a formadores originários desse nível de ensino, principalmente nas áreas específicas, por exemplo nas áreas da Matemática, da Língua Portuguesa, das Expressões, por conhecerem melhor a realidade desse nível de ensino. Nas áreas transversais não.

D 3

P. Neste Centro equipa de formadores muda ou mantém-se constante?

R. Pontualmente pode mudar, mas, quando a avaliação de desempenho do formador é positiva nós mantemos porque já conhecemos, os professores também e muitas vezes são eles próprios que propõem o formador. Por exemplo, vamos ter uma acção no próximo ano sobre a área das Expressões - Dança e foi o próprio grupo que escolheu o formador. É um professor que vem de Lisboa e eu não conheço, penso que lecciona na Universidade Lusíada e que eles consideram que é excepcional. Pois nós até gostamos que os professores digam que formador é que pretendem.

A 3

P. Que formas de avaliação têm sido utilizadas para os formadores?

R. A avaliação é, normalmente em função da apreciação que os formandos fazem no final da acção. Nós também nos vamos apercebendo e fazemos a nossa avaliação sobre o trabalho do formador, porque se, realmente, não corresponder às expectativas dos formandos não o voltamos a convidar. Isso não tem acontecido porque, na minha opinião, os formadores deste Centro têm feito um trabalho muito bom e alguns fazem um trabalho excelente. Há acções na modalidade de curso de formação que são verdadeiras oficinas.

C 3

P. Qual é o encaminhamento da avaliação que os formandos fazem no final da acção, através do preenchimento desses inquéritos?

R. Servem para ver o nível de satisfação que os formandos tiveram acerca da acção de formação, fazemos o tratamento dos dados, colocamos no dossier e no final do ano fazemos uma avaliação global que enviamos para o PRODEP.

P. O formador tem conhecimento dessa avaliação.

R. Sim, sim, também tem conhecimento. O formador apercebe-se do grau de satisfação dos formandos e se, realmente, nota que não houve agrado, ele não propõe continuar aqui o trabalho.

P. E, que formas de avaliação têm sido utilizadas pelos formadores?

R. Essa avaliação é, predominantemente, formativa. Se as pessoas se esforçarem minimamente e tiverem o número de presenças exigidas por Lei, obtêm o certificado. Normalmente, as pessoas até se empenham e produzem materiais e realizam trabalhos que fazem de forma individual ou em conjunto. Por exemplo, nas modalidades de oficina utilizam os materiais na sala de aula, no caso da Expressão Plástica realizaram um dossier com materiais que mais tarde podem requisitar para trabalhar com os alunos na sala de aula.

P. Durante os últimos anos tem existido alguma diferença nos planos de formação?

R. Aumentou o número de acções, o número de turmas, procuramos, de acordo com a disponibilidade financeira, criar mais algumas turmas do que o previsto para responder às solicitações dos professores, antes não fazíamos isto, agora temos feito, procuramos sempre diversificar o máximo possível as acções, as temáticas e aparecem também novas modalidades de formação. Embora predomine o curso, já aparecem modalidades de formação consideradas mais activas, ou com metodologias de formação mais activas, que é o caso que acontece com as oficinas de formação e os círculos de estudo.

D 1c



P. Mas as oficinas de formação destinadas aos professores do 1º ciclo, durante os últimos três anos ainda aparecem com pouca frequência nos planos de formação.

R. Penso que a partir de 2000 têm vindo a aumentar, mas para o 1º ciclo tem pouca frequência. Apareceu pelo menos uma acção na modalidade de círculo de estudos nos últimos planos para o 1º ciclo. Têm pouca frequência porque, como já disse anteriormente, só organizamos nessas modalidades de formação quando os professores propõem. Para o 1º ciclo houve um círculo de estudos em 2000, 2001 e uma acção na modalidade de oficina. Houve uma oficina em 2001, outra em 2002 e vai haver outra em 2003.

P. Foram acreditadas e financiadas todas as temáticas e modalidades de formação propostas ao CCPFC e ao PRODEP durante os três últimos anos?

R. Sim, sim foram, foram todas aprovadas, nunca nos cortaram nada.

P. Na sua opinião o que mais tem facilitado e dificultado o planeamento e a realização da formação neste Centro?

R. O que mais tem facilitado é, realmente, aparecerem propostas de grupos de professores das escolas para a gente integrar esses projectos no plano de formação. Isso facilita muito, porque a nossa pretensão é que todo o plano fosse organizado para responder rigorosamente às necessidades das escolas e dos professores, esses grupos de professores e algumas escolas que propõem formação têm facilitado a organização e o planeamento da formação.

E 4

O que dificulta, de facto, em grande parte, são os *timings* de acreditação e de financiamento. Porque, como já disse, está a decorrer um plano e temos que estar a pensar já no próximo, e ainda nem sequer foi feita a avaliação daquele que está a decorrer e depois também os tempos não são os mais adequados para os professores pensarem na formação que pretendem. Outro aspecto tem a ver com a mobilidade dos professores, se estão envolvidos em projectos, querem formação para implementarem aqueles projectos e dali a algum tempo mudam de escola, fica tudo desfeito, não é? Isso às vezes é complicado. De qualquer modo, dentro deste contexto, não temos tido dificuldades de grande nível em organizar o plano e arranjar formadores.

P. Se não houvesse qualquer obstáculo, fazia alguma alteração à formação desenvolvida por este Centro de Formação?

R. Sim, sim, se não tivesse de cumprir prazos, possivelmente agora incluía uma acção de formação que fosse pedida por uma escola ou por um grupo de

professores, e que, neste momento, não está acreditada. Por exemplo: numa escola pretendiam formação sobre Linguagem Gestual, havia um grupo de professores interessados, mas não falaram a tempo para a acreditação e agora já não há tempo. Mas eu também concordo que tem que haver uma certa regulação, um efeito regulador porque poderia também criar outros problemas não é? Eu penso que o papel do CCPFC não é muito enriquecedor para a formação contínua, devia de dar uma volta.

A 7

P. Então propunha alguma alteração?

R. Eu penso que é necessário alterar o processo de acreditação e a dependência dos Centros ao Conselho Científico. Penso que as Comissões Pedagógicas podiam desempenhar um papel mais activo a nível da acreditação das acções, embora houvesse necessidade de uma regulação, mas não tão dependente do Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua.

A 7

P. Mas, já me referiu que todas as acções que foram propostas foram acreditadas pelo CCPFC?

R. Foram acreditadas, mas têm que ser pedidas dentro dos *timings* não é? São acreditadas porque a gente já sabe as regras. Nós realmente não temos dificuldade na acreditação das acções porque preocupamo-nos, já sabemos o que é que a entidade quer e procuramos realizar os projectos de acordo com as normas impostas para não termos problemas de pedirem aditamentos. Só que muitas vezes nós pretendemos realizar uma acção numa modalidade mais activa, numa oficina ou num círculo de estudos, e eles são muito exigentes, às vezes sem razões que o justifiquem. Por exemplo: temos aqui uma acção que é a acção n.º 15 do plano de 2002 - "Oficina do aprendiz de fotografia, contributo para uma aprendizagem interdisciplinar", esta acção de formação está elaborada na modalidade de oficina e penso que todos os itens dos formulários estão bem delineados, no entanto, enviamos para o Conselho Científico e eles puseram algumas reservas a nível da metodologia. Na altura o formador não estava em condições de reformular porque tinha tido um problema familiar grave e qual foi a solução, vi que não queriam acreditar assim como está, então solicitei para ser

D 5

acreditada na modalidade de curso de formação, porque nesta modalidade nunca há problemas com nada, e portanto, foi solicitada na modalidade de curso. Vamos ver o resultado prático dessa acção, as pessoas produziram materiais fabulosos, na prática foi uma autêntica oficina. Depende da equipa que está lá no Conselho Científico. Um ano implicam com as metodologias, outro com os conteúdos, outro era com os efeitos a nível das práticas.

D 5

P. Será que o PRODEP promove mais as modalidades mais participativas? Como o círculo de estudo e as oficinas de formação?

R. Sim, sim, dá prioridade, financia primeiro essas modalidades. O Conselho Científico às vezes coloca problemas desnecessários, penso que não há razões para isso.

P. Sente que há falta de coordenação entre o PRODEP e o Conselho Científico-Pedagógico?

R. Não há coordenação. Dá uma certa autonomia aos Centros, isso também tenho que referir, porque depois a acreditação definitiva nessas modalidades é feita pelas entidades formadores, ou seja, pelo Centro de Formação. Há uma avaliação externa que é feita por um especialista que também acaba por ser um pró - forma. Normalmente o especialista concorda com a proposta do formador, a proposta de acreditação definitiva e depois a Comissão Pedagógica analisa todas essas avaliações, também acaba por concordar e depois apenas informamos o Conselho Científico. É uma avaliação meramente informativa, é assim que funciona.

P. Esses são os principais obstáculos?

R. Os timings estão um pouco desajustados à realidade e eu penso que a Comissão Pedagógica poderia, com algumas referências, substituir o Conselho Científico na acreditação das acções de formação, porque a Comissão Pedagógica é constituída pelos representantes das escolas associadas. Neste Centro existem dois representantes do 1º ciclo, um do pré-escolar e um de cada área do 2º; 3º ciclo do ensino básico e do secundário.

A 7

Esse papel poderia perfeitamente ser atribuído à Comissão Pedagógica, porque se o perfil de um formador está ou não adequado, a Comissão Pedagógica é constituída por pessoas idóneas que sabem perfeitamente ver se o perfil do formador é adequado para aquela acção, se o projecto tem interesse, até porque

são as pessoas com um perfil mais adequado para ver se aquele projecto serve para a escola, serve para os professores, se realmente é pedido pelos professores, eles é que conhecem melhor a realidade. Por isso, a Comissão Pedagógica, com algumas referências, poderia perfeitamente substituir o Conselho Científico, ou este sofrer algumas alterações. Porque estamos sempre com a preocupação de em Janeiro termos que preparar o plano, para mandar para o Conselho Científico, se não depois as acções não estão acreditadas em Julho. Em Setembro ou até Outubro surgem propostas de professores ou até das escolas, com o arranque do ano lectivo, é nessa altura que as pessoas estão mais predispostas para dizer das necessidades que têm de formação e já não há tempo de incluir os projectos no financiamento, porque não estão acreditados, porque estamos dependentes desse organismo não é?

A 7

A 5

P. Em sua opinião, qual é a metodologia adoptada pela maior parte dos formadores no desenvolvimento das acções de formação?

R. A maioria dos formadores dá um carácter prático às acções, há de facto um ou outro, que na formação contínua adopta metodologias mais tradicionais, mais directivas e não resultam com este público, não resultam. As pessoas querem acções práticas, querem participar, preferem uma dinâmica mais activa, um ambiente mais participativo. Na prática, as acções desenvolvidas na modalidade de curso de formação vão mais no sentido das novas modalidades, aplicam as metodologias mais activas, predomina muito o trabalho de grupo, a reflexão conjunta, o debate. Porque as metodologias mais tradicionais e directivas não resultam e os próprios formadores vão-se apercebendo que os formandos rejeitam.

E 2

Não se realizam mais acções nessas modalidades mais activas porque os próprios formulários são diferentes. Por exemplo, num círculo de estudos pede-se no formulário o grupo proponente, o período de realização, quem é o avaliador externo, portanto, requerem que as coisas estejam organizadas em torno de propostas concretas e se não estiverem nós não vamos arriscar. Depois tem de se arranjar o avaliador, ficam sempre mais dispendiosas estas acções e é mais morosa a avaliação. No final o formador é que propõe uma acreditação e depois essa proposta e o relatório dele vai ser avaliado por um especialista na área e depois a Comissão Pedagógica tem o veredicto final e a Direcção do Centro informa o Conselho Científico da acreditação definitiva. No curso é sempre igual, não há avaliação externa, a cinco horas de formação correspondem a um crédito.

D 5

D 5

## Formadora - Entrevista 2 (2003/03/11)

P. Como foi seleccionada pelo Centro para orientar a formação?

R. Eu estou requisitada num protocolo existente entre a Universidade do Minho e o DEB para desenvolver um trabalho de apoio às escolas durante o Projecto de Gestão Flexível do Currículo e, posteriormente, na reorganização curricular.

P. Houve alguma característica específica que teve que possuir para formar professores do 1º ciclo?

R. Eu pertenci à rede Procur e trabalhei com professores do 1º ciclo, por isso, conheço a realidade das crianças do 1º ciclo, ao nível da abordagem integrada do currículo, das potencialidades que encerra, do trabalho desenvolvido em torno de questões/problemas pertinentes em comunidades específicas, capaz de provocar aprendizagens significativas e funcionais e de atender ao desenvolvimento global e equilibrado das crianças.

D 3

P. Para trabalhar no Centro de Formação foi convidada pelo DEB?

R. O Centro de Formação contactou a Universidade do Minho para conseguir formador para formar os seus professores em reorganização curricular e a Universidade do Minho indicou-me a mim, entre outras pessoas.

F 3

P. Que conteúdos, instrumentos e metodologias utiliza durante a formação?

R. Os conteúdos estavam muito relacionados com a reorganização curricular, especificamente, debruçando-nos sobre os projectos curriculares de turma e sobre a articulação e uma aproximação dos projectos curriculares à realidade.

Utilizo metodologias activas, metodologias próximas das necessidades das escolas que procuramos conhecer. Apostamos no trabalho cooperativo, simulamos Conselhos de Turma, reuniões de Conselho Escolar, elegemos questões/problemas que perspectivamos pedagogicamente, construímos redes de conteúdos e de actividades, repensamos planos anuais de actividades, em função de projectos educativos.

A construção do PCT dificulta-se mais ao nível do 2º e 3º ciclos. Ao nível do 1º ciclo, os professores têm à partida mais possibilidades de gerir um currículo mais adequado à sua turma. Tudo passa, também, por questões de cultura escolar, à qual o trabalho colaborativo é, muitas vezes, estranho. Mas, tem-se feito conquistas e avançado nestas mudanças.

P. Considera que a integração curricular, característica do 1º ciclo, facilita a realização e desenvolvimento dos projectos?

R. Os professores sabem que há algo de novo com que estão a ser confrontados e à partida reconhecem as vantagens educativas desta abordagem curricular, mas há professores que formalizam documentos sem alterar as suas práticas, continuam a “dar o programa” como sempre fizeram. A ideia de programa prescritivo, identificado com o currículo, é muito difícil de destronar.

P. Que instrumentos utiliza durante a formação?

R. Utilizo instrumentos muito diversificados: materiais criados nas escolas para análise e melhoramento, guiões com as etapas a seguir para a construção de projectos educativos e curriculares, textos para reflexão crítica, slides, data shows, acetatos...

P. Que modalidades de formação orienta?

R. Oriento a formação nas modalidades de círculo de estudos e curso de formação.

P. No Cinfor houve alguma razão para que fosse curso de formação e não círculo de estudos?

R. Foi proposto assim pelo Centro de Formação.

P. Qual é a sua principal preocupação ao organizar e orientar a acção de formação?

R. É, como já disse, utilizar metodologias activas que vão ao encontro das necessidades das escolas. Para isso, procuro que os formandos tragam dados concretos das suas escolas, para podermos reflectir e orientar a formação nesse sentido. Assim, analisámos diversos projectos educativos, projectos curriculares de turma, trabalhos desenvolvidos no âmbito das novas áreas curriculares não disciplinares, questionando a sua integração.

H 2

P. Que papéis assumem os formandos e a formadora durante a formação?

R. Apostamos num processo de questionamento participado e na procura de consensos. Como formadora dinamizo o processo, recorrendo a diversos instrumentos, sem o limitar.

P. Que formas de avaliação têm sido utilizadas no final e durante a formação?

R. No final da formação os formandos têm feito trabalhos individuais sobre temas do seu interesse que tivessem sido trabalhados durante a formação. Durante a formação fizeram trabalhos em pequenos grupos, que serviram para avaliação.

Todos os trabalhos são analisados e perante a qualidade dos trabalhos realizados, da formação feita e da validade da participação dos formandos fomos propondo os créditos. O Centro de Formação também apresenta uma grelha formal que cada formando preenche.

P. Que reflexos tem a avaliação nas acções de formação?

R. Nós vamos sempre adaptando a formação às necessidades dos formandos e a avaliação orienta-nos nesse sentido, tem um carácter iluminativo, leva-nos a privilegiar os aspectos práticos, a destacar dinâmicas de funcionamento em detrimento de aspectos burocráticos.

B 2

P. Na sua opinião o que mais tem facilitado e dificultado a organização e a realização da formação?

R. O facto dos formandos de uma turma pertencerem aos vários níveis de ensino pode causar alguns constrangimentos. Mas, se por um lado causa alguns constrangimentos, porque temos que direccionar a formação para as necessidades de cada um desses níveis de ensino.

L 5

Por outro lado, também proporciona a troca de experiências, a troca de impressões e a diversidade de opiniões e experiências é maior, permitindo organizar vários grupos de trabalho. Portanto, tem vantagens e desvantagens.

F 4

P. Se não houvesse esses obstáculos, fazia alguma alteração à formação que organiza e orienta?

R. Nós vamos sempre aprendendo, vamos enriquecendo a nossa formação, de acordo com os grupos que vamos encontrando vamos investindo na formação. Pessoalmente, acredito nos benefícios de um trabalho de assessoria, acompanhando o desenvolvimento dos projectos em cada escola.

P. Antes da publicação da reorganização curricular já era formadora?

R. Comecei com a Gestão Flexível do Currículo.

P. Houve alguma mudança na formação após a generalização da reorganização curricular?

R. Sim. Desde a análise da legislação que a sustenta, até ao levantamento de novas prioridades. Neste contexto existem escolas – projecto, escolas com projecto, escolas activas à procura da sua identidade e também existem escolas que não desejam ou são indiferentes à autonomia. Promover encontros em rede para troca de experiências tem sido uma linha de trabalho que privilegiamos.

E 1

P. Sente que a formação contínua está a ter alguma influência ao nível do desenvolvimento de comportamentos nos professores do 1º ciclo, para serem decisores curriculares?

R. Eu penso que sim. A formação inicial e contínua têm sido apontadas como uma das principais prioridades de preparar os professores para esta reorganização.

P. Em sua opinião a formação contínua tem algum efeito ao nível das práticas educativas dos formandos?

R. Hoje encontra-se já um grande grupo de professores que querem investir nos projectos, que querem adequar os projectos às suas realidades, que fazem os projectos porque estão motivados, porque se sentem motivados. Ora bem; as realizações também se vão fazer notar. E têm-se feito notar em muitos aspectos. Eu penso que hoje são muitas as vertentes que mostram este investimento, este esforço para a mudança: ao nível da comunicação nas escolas, ao nível das formas de trabalho colaborativo encontradas, ao nível da aposta numa avaliação de qualidade.

A 6

P. Perante a dificuldade em conseguir atender aos vários níveis de ensino, consegue responder às necessidades das várias escolas representadas na formação pelos seus professores e articular a formação com os projectos escolares?

R. Nós fomos sempre dois formadores, em toda a formação desenvolvida. Em 99/2000 fiz parceria na formação com o Professor V. F., fizemos uma formação, na qual acompanhamos o desenvolvimento de projecto na escola F. S., até agora.

P. Perante um grupo tão heterogéneo de professores que compunha a turma desta acção de formação, que possibilidades existem de articular os conteúdos da acção com os projectos escolares?

R. Os professores trouxeram documentos que tinham sido elaborados para as suas realidades ao nível da formalização do plano de actividades e dos projectos curriculares de escola. Questionámos a sua articulação à luz de uma abordagem integrada do currículo. Foi feito um esforço muito grande, subdividindo o grande grupo de formandos em grupos menores, para trabalharem em determinados pontos de etapas que podiam ser melhoradas.

B 6



Utilizámos guiões comuns, que, depois, eles adaptaram a essa realidade própria e acho que conseguimos ultrapassar esse constrangimento de termos vários níveis em simultâneo. Conseguimos trabalhar com muitas das perspectivas que foram apresentadas, havendo um ajustamento muito maior entre os planos de actividades e os projectos. Apresentaram os trabalhos e então aí houve partilha, em que uma das desvantagens se tornou uma potencialidade, uma vez que ao partilharem as consecuições alcançadas foi possível um contacto com a realidade dos outros níveis. Para isso, utilizamos materiais didácticos muito diversificados e materiais curriculares não como modelos, mas como exemplos conseguidos em diferentes escolas, que poderiam enriquecer perspectivas que cada professor contextualizaria na sua prática pedagógica.

B 6

P. Porque é que esta acção foi efectuada na modalidade de curso?

R. Foi, também, por vontade dos formandos, através de um levantamento que o Centro fez dos seus centros de interesse, que nos foi proposta esta modalidade para esta acção.

D 2

P. O que caracterizou mais a metodologia desta formação, a componente teórica ou a componente prática?

R. No início da formação houve a necessidade de esclarecer determinados conceitos, de trabalhar algumas linhas de fundo que sustentam a reorganização curricular, isso também foi feito na formação. Embora grande parte do curso de formação foi desenvolvido mais na vertente prática, também nos debruçamos sobre a análise teórica e a fundamentação.

E 2

Nós ligamos sempre a teoria à prática porque sentimos que a grande vontade dos professores era a parte prática, era a construção dos projectos curriculares de turma e, então enveredamos para aí as nossas orientações porque a nossa formação não é dirigida, nós partimos para ela sempre com o misto de programação e de imprevisibilidade e assim vamos orientando a formação.

B 6

P. Em sua opinião, a formação tem efeitos na prática educativa?

R. Eu penso que há esse investimento, há essa tentativa, o que não quer dizer que seja uma concretização fácil e muito menos imediata. Existem muitos constrangimentos, muitas barreiras a vencer que se prendem com a cultura de dependência em que os professores foram socializados, com o funcionamento e a organização das escolas.

C 6

P. Durante a formação sente que os professores constroem os projectos curriculares por necessidade de responder às necessidades da escola e da turma ou porque a administração central assim o impõe?

R. As perspectivas dos professores quanto ao projecto são muito heterogéneas, mas nas escolas que eu tenho contactado existem grupos de professores que têm a vontade consciente de que esta mudança é necessária às escolas, perante os níveis de abandono escolar, os níveis de insucesso e indisciplina que se verificam.

No 1º ciclo também sinto que há uma vontade de esclarecimento neste sentido. No caso dos professores que mudam de escola todos os anos, estes não se sentem tão motivados para o desenvolvimento de projectos que exigem muita energia e muito investimento e que, muitas vezes, a própria realidade sócio-cultural lhes escapa. Muitas vezes, não têm sequer tempo para tomarem consciência das características da comunidade que afecta a escola, neste tipo de trabalho. Existe um grupo de professores que se identifica com o corpo docente estável das escolas que deseja a mudança, que investe na procura de novas formas curriculares e assume outro conceito de currículo, afastando-se da escola tradicional, da escola que foi pensada e organizada principalmente para a execução de um currículo como somatório das disciplinas. Ora, essa concepção de currículo e de desenvolvimento curricular em que os objectivos são determinantemente constrangidos por um programa prescritivo não tem cabimento nos nossos dias, devido às características das comunidades e dos públicos diversificados. Esta ideia é assumida por esse corpo docente estável. Não quero dizer que seja só esse, mas predominantemente esse grupo em cada escola sente a necessidade da construção e desenvolvimento do projecto curricular de turma.

G 5

A 6a

P. Considera que novo regime de concursos, ao possibilitar a recondução por três anos, irá beneficiar a participação dos professores na concepção e desenvolvimento duma formação que responda às necessidades das suas escolas?

R. Eu penso que será uma medida para mudar esta questão da mobilidade do corpo docente, mas as questões de concursos são sempre muito difíceis. Contribuirá, certamente, para a estabilidade do corpo docente, a possibilidade de poderem estar três anos na mesma escola, que estará a acompanhar a duração dos projectos, será certamente benéfica para as escolas, ou, à partida, poderá ser benéfica.

C 4

### Formador - Entrevista 3 (2003/04/01)

P. Como foi seleccionado pelo Centro para orientar a formação?

R. Para o processo de selecção, quando nos interessamos pela formação, apresentamos a candidatura, o Centro apreciou e, a partir daí, penso que já é o sexto ano que trabalhamos com este Centro de Formação.

P. Houve alguma característica prioritária que devia possuir para formar professores do 1º ciclo?

R. No início, a preocupação não foi essa, a primeira acção a que nós nos candidatamos era na área da educação para os media. Não era propriamente as novas tecnologias. A nossa área de formação permite-nos trabalhar nessas duas vertentes. Depois, começamos a trabalhar na área da educação para os media e mais tarde, por opção do Centro devidamente conversada connosco, no sentido de nos começarmos a direccionar para o 1º ciclo, até porque somos professores do 1º ciclo e havia um outro formador na área das novas tecnologias que era só do secundário. E, então, especializamo-nos nessa área até porque é uma área com as suas especificidades, é diferente das outras. Daí termos tomado esta opção: as tecnologias da informação e comunicação.

D 3

P. Que conteúdos, instrumentos e metodologias utiliza durante a formação?

R. Em termos de conteúdos muito concretamente é o processador de texto Word e o Excel na perspectiva de utilização com os alunos; o PowerPoint a nível das apresentações electrónicas; a Internet que é incontornável e o correio electrónico. São os elementos que nós trabalhamos com bastante assiduidade. Nós definimos uma iniciação e um aprofundamento, e quando passamos ao aprofundamento destas áreas, destes cinco pontos que eu já referi, e a introdução dum sexto que é a elaboração de conteúdos para colocação on-line, páginas para a Internet, no aprofundamento introduz-se este novo além de aprofundar os outros.

As cinquenta horas são poucas para alguns formandos e são muitas para outros. Portanto, há uma discrepância muito grande em termos dos pré-requisitos da entrada. À partida, as primeiras cinquenta horas seriam para professores que nunca contactaram com as novas tecnologias e o aprofundamento seria para professores que já fizeram o primeiro módulo de iniciação, o que acarreta alguns problemas em termos de organização de própria acção. Nota-se, sobretudo, nos professores do 1º ciclo alguma impreparação para o trabalho com as novas tecnologias.

E, depois, o que se nota entre o módulo de iniciação e o módulo de aprofundamento é que grande parte daqueles que frequentaram o módulo de iniciação e que logo desde a partida não utilizavam as novas tecnologias no contexto educativo ou seja, não as continuaram a utilizar têm depois outra vez muitas dificuldades. Há uma regressão motivada pela falta de utilização.

P. Também me referiu que se preocupam essencialmente com a aplicação à prática. Será que essa aplicação acontece?

R. Nós procuramos que sim. Mas só poderíamos verificar com alguma certeza se alterássemos o esquema da formação oferecida. Oficina de formação aqui seria o contexto apropriado, mas iríamos reduzir em muito o alcance da própria acção de formação. Ou seja, teríamos que rever completamente a própria acção para podermos fazer isto como oficina de formação, com materiais construídos, elaborados, estudados num contexto formativo e depois aplicados na sala de aula.

O que nós achamos é que há gente que a transfere para a prática e outros que não. Achamos isso porque o *feedback* é a acção de aprofundamento. Muitos professores chegam lá num estado quase inicial. Chegam lá, à acção de aprofundamento, com uma base muito reduzida, muito mais reduzida do que aquela que saíram na primeira acção. O que prova que, de facto, eles não utilizaram. É este pequeno *feedback* que nós conseguimos. Agora, há outros, há um conjunto de professores que pode chegar aos 50% que as utiliza. Portanto, há um conjunto de professores que não utiliza, há um outro que passou a utilizar e outro que já utilizava antes e que continuou a utilizar depois. Agora, os conhecimentos aprofundam-se na sala de aula com a utilização. É isso que se pode considerar uma mais-valia desta formação. O que eu acho é que as novas tecnologias têm uma base que eles têm que saber e é isso que nós pretendemos com a iniciação. Mas se não houver depois uma continuidade de trabalho com o computador, depois em casa, para cimentar os conhecimentos que adquiriram na formação, esses conhecimentos perdem-se. Até porque estamos num mundo (o mundo da informática e das novas tecnologias) em constante mutação. Enquanto que temos um livro, há várias edições nas bancas, mas o texto é sempre o mesmo, as versões possíveis de *software*, mesmo que tenham o mesmo nome, vão alterando muito.

C 6

E quem não conseguir acompanhar, quem não conseguir actualizar ao longo do tempo alguma coisa, perde completamente o fio à meada e, normalmente, entra em desânimo e não utiliza mais.

C 6

P. Que instrumentos utiliza durante a formação?

R. Os computadores são essenciais, a impressora, *scanner*, *webcam*, o projector de vídeo, sempre que possível. É muita tecnologia.

P. E a metodologia que adopta durante a acção?

R. A metodologia que utilizamos é muito simples. É uma metodologia muito ligada à prática, mas sempre apoiada por uma projecção e por um tutor que somos nós. Nós temos o projector, toda a gente segue a imagem do projector. E, depois, há um trabalho individual prático que toda a gente terá que realizar. Nós costumamos utilizar o exercício prático porque é a perspectiva da formação-acção, o formando está em constante acção nas aulas de novas tecnologias. Por isso é que elas são muito mais leves na perspectiva de quem as frequenta porque estão sempre em acção com o computador. Há algo divertido, medonho para uns, mas divertido para outros.

E 2

O aspecto positivo do curso de formação é conseguirmos trabalhar com muito mais profundidade e com muitos mais conhecimentos. Numa oficina tem que se reduzir aos conteúdos, tem que se fazer uma ligação muito grande à prática.

D 2

P. Porque desenvolveu a formação na modalidade de curso de formação?

R. Por causa do alargamento, assim conseguimos trabalhar com muito mais gente. O próprio Centro também tem interesse em alargar isto ao máximo número de pessoas. Se calhar, o ideal será a oficina, será mais restrito, terá que ser muito mais restrito e terá que ter uma dinâmica diferente.

Nós já chegamos a uma fase que, no início, propúnhamos acções de formação, hoje, já é o contrário, já são as pessoas que nos propõem a nós. O Centro ausculta os professores, ouve as suas necessidades e, hoje, é o Centro que propõe uma acção em determinada área e modalidade. E nós tentaremos ir de encontro à vontade do Centro, neste caso, foi o Centro. Mas eu prefiro a modalidade de oficina, porque em termos práticos os frutos são maiores.

D2

P. Qual é a sua principal preocupação ao organizar e orientar uma acção de formação?

R. Em primeiro lugar, é tentar situar-me. Procurar que as pessoas entendam o que estão ali a fazer para aproveitar isso. E, depois, tentar um *feedback* permanente para detectarmos as dificuldades, para saber se estamos a errar no caminho e a sobrecarregar as dificuldades que têm. Tento ir ao encontro das necessidades dos professores.

H 2

P. Que papéis assumem os formadores e os formandos durante a formação?

R. Salvo algumas excepções, os formadores têm um papel activo, os formandos têm um papel mais passivo. Aquilo que devia acontecer numa acção de formação com gente adulta, formada, que está no mesmo barco, é que devia haver uma participação maior dos formandos. Ou seja, que fossem trazidos para a sala de aula mais projectos: “Aprendi isto, transferi ou utilizei na sala de aula o que fiz aqui”, havia um ponto de partida. Mas isso não se verifica, portanto, nós somos confrontados com a necessidade de estarmos a debitar conteúdos e perguntarmos muitas vezes como é que as coisas vão. Mas gostávamos que fossem no sentido contrário: “ontem fizemos isto, eu tive esta dificuldade em aplicar isto” ou “aprendemos isto e eu tenho dificuldade em transpô-lo para a sala, como podemos utilizar?”. Esse seria um bom ponto de partida mas, normalmente, não se verifica.

F 2

A acção é prática na utilização de uma tecnologia, mas não no contexto da sala de aula, tem que haver a prática no contexto da sala de aula. Eu, aí, gosto mais da oficina.

P. Sente que a formação se adequa às necessidades dos professores?

R. Temos a consciência que elaboramos um currículo de raiz destinado a ir de encontro aos problemas que os professores sentem. Eu acho que a formação vai de encontro às expectativas dos professores e às necessidades das escolas.

C 1

Agora, tudo isto tem em conta muitas limitações. Estamos a falar de professores que todos os dias estão nas escolas e trabalham com um grupo de alunos. E nós pensamos que isso, em termos quantificáveis, na formação, vai de encontro às necessidades desses professores. Uma coisa tem a ver com a prática, outra coisa tem a ver com a planificação da própria acção.

Portanto, nós temos uma facilidade que é a seguinte: nós passamos o ano inteiro a percorrer as escolas. O nosso trabalho é de itinerância e sentimos que conhecemos suficientemente as escolas, os professores e as dificuldades deles. Ao tentarmos, dentro da nossa acção visitar escolas, somos muitas vezes confrontados com problemas de informática e temos a certeza que estamos a espelhar nesta acção e nestes conteúdos esses problemas.

C 1

Nós andamos pelas escolas porque estamos na coordenação dos apoios educativos e a nossa acção é de orientação e itinerância, percorremos as escolas todas. E isso facilita-nos bastante porque conhecemos tudo: conhecemos a realidade das escolas, e os seus problemas, somos confrontados com problemas informáticos. A gente vai sentindo quais são os problemas deles e quando apresentamos um currículo base, estamos a contar com isso.

P. Nessas visitas às escolas, podem ver se a formação tem efeitos na prática pedagógica?

R. Tal como eu referi, 50%. É que há um salto que se dá entre aquilo que é tratado numa acção de formação e, depois, aquilo que, no dia seguinte, é tratado na sala de aula, com o professor que recebeu formação. Estamos a falar em acções de formação de cinquenta horas em que se tratam, de facto, bastantes conteúdos. Mas depois vem aqui uma grande questão que é essa dificuldade. Um professor está diante de um grupo que integra, na sua maioria, até alunos que são capazes de saber mais que o professor, este sente-se sempre inibido para tentar mostrar alguma coisa, tentar ensinar alguma coisa, há, aqui, um retraimento natural. Têm que saber cada vez mais, terem mais força e cada vez estarem mais seguros. Há uma falta de conhecimento, é o que se passa com os professores do 1º ciclo. Eles estão habituados a trabalhar com aquilo, sem terem a certeza se estão a trabalhar bem.

U 5

P. Que formas de avaliação têm sido utilizadas?

R. Nós fazemos uma avaliação através da observação, depois utilizamos um questionário bastante aberto e fazemos a nossa auto-avaliação. Portanto, falamos dos conteúdos da acção e faz-se uma auto-avaliação.

P. Que reflexos tem a avaliação nas acções de formação?

R. A primeira coisa que fazemos é um inquérito, desde o primeiro dia. Depois ajustamos os conhecimentos básicos ao nível da informática e depois ao nível da utilização dos programas.

A acção organiza-se a partir do resultado desses inquéritos e através da participação na sala de aula. São dois por computador, procuramos juntar um com um mínimo de formação com outro com mais conhecimentos. E depois há cooperação, eles têm que cooperar, têm que alternar a utilização.

P. Na sua opinião, o que mais facilita e o que mais dificulta a organização e o desenvolvimento da formação?

R. O que mais facilita são as boas condições que o Centro tem. Tem várias salas disponíveis, qual delas a melhor equipada.

O que mais dificulta é a *décalage* dos conhecimentos dos formandos nas acções de formação. Há uns que têm conhecimentos técnicos muito avançados, há outros que não têm nenhuns. Em termos de organização e do próprio trabalho que a acção dá, é muito complicado.

M 5

P. Se não houvesse qualquer obstáculo, fazia alguma alteração à formação que organiza e orienta?

R. Era mais rigoroso a nível dos pré-requisitos, fazia uma entrevista prévia. Isso podia facilitar a nível da prossecução da própria acção, de atingir os objectivos. Era muito mais fácil organizar a acção com professores que estivessem ao mesmo nível e era muito melhor para todos porque, normalmente, quando começamos no nível de iniciação, os que já sabem alguma coisa não se interessam. Se vamos começar por um nível mais avançado, há quem não perceba. Tem que existir aqui um ponto de equilíbrio e o único ponto de equilíbrio que existe é dar mais atenção àqueles que não sabem.

M 7

P. Há pouco, também me falou da dificuldade relacionada com a modalidade de curso de formação.

R. Mas isso é um aspecto que tem a ver com a própria estrutura, é uma das possibilidades. Eu penso que toda acção de formação devia ser uma oficina. Mas também acho que, nesta área, não há condições para fazer oficina. Estamos a falar do 1º ciclo, onde há demasiada dispersão. Uma oficina de formação deve estar centrada numa escola. Partíamos do princípio que havia uma escola com muitos professores que tinham necessidade de formação, queriam formação e queriam estar numa oficina de formação. Nós só temos neste concelho uma escola onde isso era possível. Eu acho que não há aqui campo para se aplicar uma oficina. Para se fazer uma oficina, deve haver professores proponentes.

H 5

P. Na sua opinião, será que os agrupamentos de escolas facilitam a organização e o desenvolvimento da formação?



R. Se as pessoas o entenderem como tal vão facilitar, mas tem que ser entendido pelos professores. As dinâmicas de formação têm que estar sempre centradas na escola. Essas pessoas, sentindo necessidade de formação, pedem ao Centro, tem que ser uma formação pedida neste sentido. As pessoas têm que escolher o que querem. A dispersão é um constrangimento, é mais fácil com os ] H 5  
professores do 2º e 3º ciclo: estão num grupo, todos juntos numa escola, querem uma formação, pedem e têm, o 1º ciclo não está, ainda, preparado para isso. Mesmo quando estiverem todos em agrupamento, vai demorar até se organizarem ] D 4  
e começarem a entender e a preparar para esta nova realidade. Nos agrupamentos, a grande vantagem é juntar e a grande desvantagem também é juntar gente que nunca esteve junta.

P. Antes da publicação da actual reorganização curricular já era formador?

R. Sim, desde 1996.

P. Sente que houve alguma mudança na formação após a reorganização curricular?

R. Houve. Porque acho que a formação se tem centrado cada vez mais nas áreas transversais, ou seja, não em áreas específicas mas em áreas transversais. Por exemplo, as novas tecnologias é uma área transversal, a Educação para a Cidadania, a educação para os media, a educação para a sexualidade. Eu acho que a formação, em geral, centrou-se mais em áreas transversais e esta é uma delas.

Aqui, há duas questões que se cruzam e que surgiram quase ao mesmo tempo: o equipamento das escolas e a questão da reorganização curricular, elas cruzam-se. E o objectivo foi dar resposta às necessidades de formação relativamente a isso. Primeiro, o equipamento das escolas e, depois, a reorganização curricular que prevê, de facto, uma interligação muito grande entre as áreas e uma transversalidade muito maior do currículo. Eu penso que este é um facto importante na perspectiva da criação de instrumentos de trabalho. É preciso que sejam criados: utilizar o correio electrónico, utilizar o PowerPoint na área das apresentações, a utilização do processamento de texto na perspectiva da utilização com os alunos. Esta perspectiva de transversalidade já está um bocado presente nos objectivos da formação.

P. Então a reorganização curricular teve alguns reflexos na forma como organiza e desenvolve as acções de formação?

R. Quando se está a organizar esta acção de formação, pensa-se muito mais na perspectiva dos alunos. Enquanto que, antes, pensava-se muito mais no professor. A nível do professor do 1º ciclo, não havia um computador na sala de aula. Então, era um instrumento para eles utilizarem no seu trabalho pessoal, na sua organização, na planificação, na preparação de aulas, etc. Há uma especificidade na organização e na orientação, principalmente transversal. O que eu acho é que a reorganização curricular veio dar alguma resposta ao facto de haver computadores nas escolas, isto coincidiu, mais ou menos. A reorganização curricular apareceu em 2001 e coincide com o equipamento. Se nós damos resposta ao facto de haver equipamento, estamos a dar resposta à reorganização curricular, são indissociáveis.

E 1

Ao nível do 1º ciclo, penso que agora têm aparecido mais na formação aqueles professores que estão realmente interessados. Mas tem havido sempre, a procura é imensa.

P. Sente que a formação contínua está a ter alguma influência ao nível do desenvolvimento de comportamentos nos professores do 1º ciclo para serem decisores curriculares?

R. Eu penso que sim, mas nem todos tiram proveito. Muita gente vai lá com o sentido da progressão na carreira. Uns 50% aproveitam, os outros não, destes cinquenta que não, há muitos que estão lá só para aproveitar o crédito.

P. Existe alguma articulação entre a formação e os projectos educativo e curriculares das escolas dos formandos?

R. Quem tem que fazer essa articulação é o Centro, nós estamos abertos a tudo o que forem propostas. Nós preferíamos que as propostas de trabalho surgissem da prática. Normalmente não surgem, mas há uma preocupação nesse sentido. Agora, a nossa preocupação inicial não é essa porque nós não podemos articular os conteúdos e os objectivos de uma acção com os projectos das escolas de todo o concelho, terá que ser feito individualmente. Nesta formação, houve pouca articulação entre os projectos das escolas. Era uma acção só com professores do 1º ciclo. Normalmente, utilizávamos o PowerPoint, que é um programa que se destina a fazer apresentações. Tentava-se fazer essa articulação e, depois, normalmente, era utilizada dentro da sala de aula, faz-se apresentações interessantes.

B 6

As próprias pessoas conseguem fazer uma aplicação multimédia com alguma disponibilidade e, normalmente, utilizavam para desenvolver os temas do projecto educativo, como a reciclagem, a protecção do meio ambiente, as espécies em risco. Havia muitas áreas que eles trabalharam era, aí, na área do PowerPoint, era isso que utilizavam.

B 6

Aliás, o nosso trabalho final era esse: era fazer a apresentação do PowerPoint na sala de aula para todo o grupo. E, depois, fazíamos uma coisa muito mais engraçada que era gravar um CD de todos os trabalhos e distribuir por toda a gente, toda a gente levava e podia utilizar na sala de aula. Pelo menos, toda a gente levava o CD. Nós não dávamos o CD na última sessão, deixávamos no Centro de Formação e toda a gente o ia buscar. Isto faz-me ter alguma esperança que eles tenham sido utilizados. Nós recolhíamos todos os trabalhos e gravávamos no CD e deixávamos no Centro, os interessados iam buscar, e iam todos. Se utilizavam ou não, nós depois não temos esse *feedback*. Os trabalhos eram na perspectiva da utilização do PowerPoint e havia sempre discussão sobre as dificuldades e problemas que tiveram na sua utilização na sala de aula com os alunos. Pelo menos nessa área, quando eles estavam a discutir o que realmente aconteceu, falavam das dificuldades.

P. Em sua opinião, a formação contínua tem algum efeito ao nível das práticas educativas dos profissionais?

R. Obviamente. Agora, podemos é pensar se tem o efeito desejado em toda a gente que faz formação, porque a tal parte em que nós passamos pelas escolas de alguns dos nossos formandos, permite-me verificar que há situações diferentes. São colocadas dúvidas de coisas que nós demos há um ano atrás. Nesses não tenho dúvidas que estão a ser aplicados. Mas também sinto que há gente que não aplica, que não utiliza. Agora, se há sector pouco receptivo à mudança, é o sector do ensino. Mas, de qualquer maneira, embora haja resistentes, também há aqueles que rapidamente passam a utilizar estas coisas.

Eu acho que a formação, pelo menos, contribui para que eles tenham mais instrumentos. Acho que a formação não faz sentido se não tiver uma aplicação prática. Nós, quando estamos a oferecer formação, é sempre com a perspectiva de melhorar a prática na sala de aula. Se não houver uma preocupação com a prática, com os efeitos na sala de aula, não faz sentido. É formar as pessoas cada vez melhores para que consigam desenvolver a prática da sala de aula.

C 6

#### Formador - Entrevista 4 (2003/04/03)

P. Como é que foi seleccionado pelo Centro para orientar a formação?

R. Teve a ver com o facto de acerca de três anos eu estar a leccionar na Escola EB 2,3 de F. e, na altura, o Presidente do Conselho Executivo propôs-me que apresentasse uma acção de formação ligada aos Direitos Humanos no Centro. Foi dessa forma que o Centro teve conhecimento da minha acção de formação, que na altura era sobre: Educação Para os Direitos Humanos. Depois, no ano seguinte, então apresentei uma proposta de formação ao Centro.

P. Houve alguma característica prioritária que devia possuir para formar professores do 1º ciclo?

R. A minha acção de formação era uma acção destinada a professores de todos os níveis de ensino, como as questões da Educação para a Cidadania acompanham todo o currículo e portanto, a acção foi preparada nesse sentido e, portanto, também eu tive um público bastante heterogéneo, tinha professores do 1º, 2º, 3º ciclo e ainda professores do ensino secundário. No entanto, na altura a directora chamou-me à atenção que isso poderia acontecer, portanto, estar perante um público diversificado e foi o que aconteceu. O que por um lado também foi muito enriquecedor, obviamente que depois em algumas questões tivemos que trabalhar em grupo, com conteúdos muito próprios para cada um dos ciclos, mas as questões relacionadas com o debate, a discussão foram muito importantes, até para todos os formandos perceberem que as questões da Educação para a Cidadania no fim não se resumem apenas ao seu ciclo, mas abrangem toda a escolaridade básica a secundária.

G

P. Não é originário do 1º ciclo, é professor de História do ensino secundário, mas teve alguma preocupação com a formação que orientou para os professores do 1º ciclo?

R. Tive, tive. Aliás preocupei-me porque conhecia muito bem os currículos do ensino básico e secundário, mas não conhecia o do 1º ciclo e, portanto, tive que ter uma preparação prévia para trabalhar com os professores do 1º ciclo. Portanto, tive de conhecer os programas, saber quais eram as competências que os professores deveriam trabalhar, portanto, essa preocupação existiu da minha parte anteriormente, justamente porque eu não conhecia nem o meio, nem também aquilo que era leccionado, nem quais eram as estratégias que os professores utilizavam. Também para mim a experiência com os professores do 1º ciclo foi

D 3

muito enriquecedora, porque o contacto com esses professores permitiu-me adquirir um conjunto de informações que não dispunha, que não conhecia, porque uma coisa é o que se lê, a teoria, outra coisa é a prática e ouvirmos os professores a falarem dos seus problemas, das suas preocupações, daí se conclui que foi bastante enriquecedor.

P. Esta acção foi participada por dez professores do 1º ciclo.

R. Exactamente, foi um número bastante significativo. Na acção sobre Educação para a Cidadania os formandos eram privilegiadamente do 1º ciclo, se não me engano.

P. Porque é que esta acção foi desenvolvida na modalidade de curso de formação?

R. Foi uma opção minha, nós inicialmente discutimos, eu com a senhora directora e optei por fazer uma acção na modalidade de curso de formação porque como a área de Educação para a Cidadania, na altura ainda era pouco falada, ainda estávamos no início da reorganização curricular, pareceu-nos, a mim e à directora, que, talvez, transmitir conhecimentos era muito importante e, nessa medida, um curso, embora talvez não seja a modalidade adequada, quando se trata de transmitir informação era muito importante e, portanto, optou-se por um curso de formação, embora depois também acabei por perceber que no que respeita a este tipo de acções podia-se fazer a acção na modalidade de círculo de estudos, precisamente porque são questões bastante heterogéneas que provocam discussão, não há modelos únicos e por isso a discussão e o debate são momentos muito importantes e daí que talvez o círculo de estudos para esta acção de formação talvez fosse a modalidade mais adequada.

D 2

P. Que conteúdos, instrumentos e metodologias utilizou durante a formação?

R. Naturalmente a exposição, porque se tratava de transmitir a informação, a análise de documentação, de documentos até motivadores, nomeadamente imagens. Também foram usados os jogos, o debate, a discussão, o trabalho de grupo, o que é importante uma vez que havia formandos de vários grupos e de vários níveis de ensino. Portanto a certa altura temos de trabalhar mesmo em grupo, portanto também usei a tempestade de ideias, usei jogos, como disse, porque há muitos jogos e até para exemplificar. Embora provavelmente os formandos gostariam mais de ter mais jogos e mais actividades práticas, eu considerei que também era importante transmitir alguma informação.

P. Será que os formandos preferem acções essencialmente práticas?

R. Preferem, essa foi uma crítica que me apontaram e que eu reconheço, de facto a acção teve um cunho teórico, não digo fortemente, mas teve um cunho teórico, devia ser mais prática, mas, na minha opinião, é muito importante para os professores adquirirem informação, adquirirem um conjunto de conhecimentos e discutir sobre eles, debater sobre eles, porque não dispõem de outros momentos para o fazer e estes são temas muito vivos sobre os quais todas as pessoas têm opinião para dar, não só opiniões, mas também a transmissão de ideias que as pessoas sedimentam e depois podem tomar posições e seguir os valores que entenderem. Isto é, no fundo, uma formação muito virada para os valores e para a discussão dos valores e, portanto além da discussão do debate, há que dar informação. As pessoas pretendam uma formação mais prática, com actividades mais práticas, mas esquecem-se que é preciso haver espaços de informação, debate, discussão de ideias, até porque nós quanta mais informação tivermos estamos mais preparados para depois reagirmos perante as situações.

E 2

P. Os debates que proporciona durante a formação têm alguma relação com a prática?

R. Têm, têm sempre. Digamos que é uma informação teórica que se procura transmitir e depois vai-se tentar na prática, vamos utilizar os nomes práticos, vamos utilizar exemplos práticos e os modelos das melhores experiências que são feitas, tanto em Portugal como no estrangeiro. Mas consideram-se sempre os exemplos práticos, porque é muito importante debater as experiências que cada formando tem, depois, naturalmente, as suas opiniões, mas essa parte prática existe, isto é, cada formando tem a possibilidade de expor alguns exemplos, e até questionar melhores alternativas de acção, perante as situações vividas.

E 2

P. Em que conteúdos se baseou a acção?

R. No que respeita às questões da Educação para a Cidadania, eu fiz uma panorâmica do geral para o particular, ou seja, comecei por contextualizar o que era a Educação para a Cidadania, nomeadamente ao nível dos conceitos, do que se entendia por Educação para a Cidadania, foi por aí que comecei. Fiz um historial das questões de Educação para a Cidadania a nível global, depois falei da importância da Educação para a Cidadania nos vários sistemas educativos, depois discutimos e debatemos o porquê da Educação para a Cidadania, quais as razões, porque é que hoje se fala tanto da Educação para a Cidadania, portanto, o contexto genérico da Educação para a Cidadania. Depois passamos para o caso

português, dei algumas informações sobre as questões cívicas no passado, fiz o historial daquilo que se passou para contextualizar as pessoas e fazer perceber que afinal as questões de Educação Cívica têm um historial. E, depois, passamos para o ambiente escolar, a escola enquanto espaço de formação para a cidadania. Depois disso houve a parte prática que se baseou na análise de um manual, a maior parte das pessoas analisou um manual que tinham na escola no ponto de vista de questões e de tópicos de cidadania. Foi uma análise interessante, e verificamos que muitos formandos tinham manuais muito pobres, no que respeita a questões cívicas.

**P.** Além dos manuais escolares utiliza outros instrumentos durante a formação?

**R.** O feedback da reacção dos formandos porque eu penso que em termos participativos isso pode ser um bom instrumento. Vejo se aderem aos jogos, às iniciativas, portanto, essa é a observação directa que eu vou utilizando para medir até que ponto a acção está a correr bem ou não. Portanto, a observação directa e o diálogo com os formandos serviu para orientar a acção. Muitas vezes a acção teve alguma flexibilidade para ter em conta as preferências dos formandos. Portanto eu se for a avaliar a acção, a minha preocupação foi basicamente a observação directa e o diálogo com os formandos.

B 2

**P.** Utilizou outras formas e instrumentos de avaliação?

**R.** A avaliação foi contínua, portanto, os formandos tinham que fazer um trabalho prático, nomeadamente a análise de manuais e esses trabalhos constavam, digamos assim, da acção e esse foi o elemento que serviu de avaliação, assim como a assiduidade, a participação e o trabalho final. Mais concretamente a avaliação das questões cívicas nos manuais escolares.

**P.** Essa avaliação teve reflexos na orientação da formação?

**R.** Sim, pois, os formandos também preenchem uma ficha de avaliação e isso também é um instrumento que serve para eu aferir no decorrer da acção.

No final da acção tinha reflexos se houvesse uma nova acção a fazer, não foi o caso, portanto, não aconteceu. No que respeita ao durante, é através deste diálogo e desta observação, que eu vou tentando aferir e encontrar, mudar estratégias, se for o caso, de forma a tornar a acção mais interessante e também chegar aos interesses dos formandos. O facto de ter um número muito grande de professores do 1º ciclo obrigou-me a mim durante a acção a ter, que fazer outras consultas e a pensar em estratégias para estes professores, porque, de facto, tive um número significativo de professores do 1º ciclo.

B 2

**P.** Qual é a sua principal preocupação quando organiza uma acção de formação?

**R.** Existem várias preocupações: que seja uma acção que, de facto seja interessante para os formandos, ou seja, eu penso se estivesse do lado dos formandos se gostaria de ter uma acção assim. Portanto, há essa preocupação em que a acção e os temas sejam interessantes, motivadores para os formandos. Depois há outras preocupações: ter cuidado com os conteúdos a tratar, porque há muitos conteúdos sobre esta área e eu tenho que fazer uma selecção, pensar nas estratégias que vou desenvolver, nos recursos também são muito importantes, o material que é disponibilizado aos formandos.

H 2

**P.** Esse material baseia-se em textos de análise?

**R.** Os recursos foram vários, nomeadamente, fiz uma selecção de actividades para os formandos usarem nas suas aulas e também aí eu verifiquei que tinha maioritariamente recursos para actividades destinadas ao 3º ciclo e, uma vez que me deparei com bastantes professores do 1º ciclo, tive que fazer novas recolhas, fazer nova selecção e separar alguns materiais de actividades que não faziam sentido, porque havia actividades que eram para o ensino secundário. Portanto, fiz uma compilação de actividades, de jogos, de conteúdos, estratégias, formas de avaliação para os professores poderem utilizarem nas suas salas de aula. Depois, também fiz sínteses daquilo que ao longo das várias secções íamos trabalhando, para servir de orientação, eram guiões. Também disponibilizei alguns documentos ligados à Educação para a Cidadania, foram, basicamente, guiões muito práticos para orientar os formandos, esclarecer sobre todas as questões de Educação para a Cidadania e a síntese da bibliografia que eu li.

**P.** Que papéis assume o formador e os formando durante a formação?



R. Durante a acção os formandos têm um papel muito activo, interveniente, não só em grupo como também em plenário. Expõem as suas ideias, os seus comentários, as suas opiniões, obviamente que o formador é o líder da acção, mas de maneira nenhuma está ali para ditar conteúdos, não é isso que se pretende. Aliás as acções de formação são exactamente para colocar questões ao formador, o formador é mais um orientador, que está lá para esclarecer, tem um pouco mais de experiência, tem mais informação e que está a partilhar com os formandos, mas também o formador pode receber muita informação vinda dos formandos, há aqui uma partilha de informação e de experiências, que é importante e deve existir. Quando se trata de um curso de formação há uma transmissão de informação, porque essa transmissão de informação existe em todas as situações, ela é essencial. Neste caso, é uma transmissão que é, naturalmente, feita de uma forma que pode ser criticada, debatida, discutida, sobre esta formação podem-se fazer trabalhos práticos, portanto, o formador tem o papel de orientador de uma acção. No entanto, há que transmitir informação, mas também dando a possibilidade aos formandos de terem um papel activo nas acções de formação.

F 2

P. Na sua opinião, o que mais facilita e o que mais dificulta a organização e o desenvolvimento da formação?

R. Eu penso que a formação é essencial, porque nós ouvimos constantemente os professores dizerem: tenho falta de formação e, aliás, muitas vezes, é desculpa para não fazerem certas actividades, não usam o computador porque não têm formação ao nível das técnicas de formação e comunicação, não dão Formação Cívica porque não frequentaram uma acção de formação. Portanto, é lógico que a formação tem existir, as pessoas não podem dizer que a formação é uma actividade secundária, senão o professor tem que fazer uma auto-formação. A vantagem das acções de formação é que há momentos em que se pode partilhar informação, são momentos em que se consegue adquirir informação sem necessidade de ler imensos jornais, imensos livros, portanto, é possível acontecer isso em tempo de formação.

Agora, na minha opinião, a formação deveria fazer parte da escola, a escola deveria ter um plano de formação em que se achava que os professores poderiam ter competências em determinados assuntos e eram as escolas que deveriam arranjar formadores para orientar determinada formação, que inscreviam directamente no próprio plano de actividades, à qual os professores não poderiam faltar. Portanto, no meu ponto de vista, a formação devia fazer parte do plano de actividades de cada escola.

D 7

P. Será que os agrupamentos de escolas vêm facilitar a organização da formação nesse sentido?

R. No que respeita às escolas do 1º ciclo eu percebo que seja complicado, porque são escolas muito pequenas, não se vai fazer uma acção para quatro professores. Mas nas escolas básicas de 2º e 3º ciclo e secundárias, isso é possível. Também é verdade que muitas escolas actualmente, não estão preparadas para fazer esse tipo de formação porque tem que ser pensada de uma forma global, temos que pensar no projecto educativo, no plano de actividades que não é feito em cima da hora, mas é feito com uma antecedência enorme, em que há grande discussão, temos que pensar que tem que haver um corpo estável porque se não houver um corpo estável também já não funciona numa escola. Onde a maioria dos professores não é daquela escola, é evidente, que não se sabe quais são as preocupações dos professores, que adianta preparar uma acção de formação para aqueles professores se depois pode não ter a ver com os seus interesses? Portanto, são questões que, talvez, façam com que a formação não corra pelo melhor, mas as experiências que estão a surgir mostram que esse vai ser o caminho que a formação vai seguir, isto é, que as escolas vão começar a propor soluções de formação para os seus professores. As possibilidades dos professores proporem a formação numa determinada área, pode ser que se generalize e faça com que seja a escola, o Conselho Pedagógico a propor uma determinada formação para os professores da sua escola.

G 5

P. Na sua opinião deveriam ser as escolas a organizar a formação e receber o financiamento para a sua concretização?

R. Exactamente, agora é evidente que isto implicava outras questões como haver transparência nos processos, haver uma partilha de responsabilidades entre os vários órgãos, para fazer com que os professores participem activamente nesta questão da formação, ou seja, que não fosse algo imposto a todos os professores pelo órgão de gestão da escola, tem de haver uma discussão de baixo para cima; o que não quer dizer que os Centros de Formação não possam continuar a ter o papel que têm.

P. Na sua opinião o que mais facilita a concepção e realização da formação?

R Digamos que do ponto de vista logístico o Centro deu todas as facilidades, não há nenhum aspecto negativo.

P. Se não houvesse qualquer obstáculo fazia alguma alteração na formação que organiza e orienta?

R. Ora bem, se me perguntar no final da acção se teria feito de forma diferente, é evidente que uma pessoa faria sempre diferente porque qualquer pessoa responsável no final do seu trabalho pensa sempre que podia fazer melhor.

Mas, a grande alteração que faria era orientar a formação mais na base das necessidades dos agrupamentos, ir ao encontro dos planos que esses agrupamentos propunham, mas também tendo presente que há questões nacionais, isto é, há uma forma global de ver os problemas, há temáticas, há assuntos, há questões, há problemas nacionais que nunca deviam ser escamoteados e as pessoas também têm que ter presente esse aspecto. Pode haver problemas, questões nacionais para os quais os professores não estejam sensibilizados, são questões mais ao nível macro e que as escolas também devem ter em atenção. Porque se começarmos a olhar muito para os problemas locais das escolas, esquecemo-nos que os professores podem sair daquela escola e ir para outra escola. Por isso, é importante dar uma formação de banda larga, digamos assim, aos professores. Também tem a ver com o seguinte; é que a formação é uma formação contínua ao longo da vida, e todas as competências de banda larga que os professores adquirem são importantes.

P. Considera que o novo regime de concursos que está para ser publicado, ao possibilitar aos professores a permanência de três anos na mesma escola, irá ajudar a formação a dar um salto qualitativo?

R. Sim, sem dúvida, há um salto qualitativo na medida em que os professores podem ficar três anos numa escola, na medida em que, de certa maneira, vai fixar as pessoas a uma determinada zona pedagógica e isso permite que a formação possa ser vista não a curto prazo, mas a longo prazo.

C 4

Porque a formação é pensada para o dia de amanhã e não devia ser, devíamos pensar numa formação mais a longo prazo, percebendo que há determinadas questões que têm que ser trabalhadas, pensadas e reflectidas a longo prazo e não num plano que todos os anos se altera, onde também os professores são diferentes. A formação devia ser pensada por um período de três anos, porque é o período dos projectos.

O 7

P. Antes da publicação da reorganização curricular já era formador. Houve alguma mudança na organização e desenvolvimento da formação após a reorganização curricular?

R. Não, não, porque quando eu comecei a dar formação já estava dentro das questões da reorganização curricular. A minha primeira acção de formação foi em Setembro de 1999 e nessa altura a gestão flexível do currículo já era muito falada. Nessa altura, quando eu dei a primeira acção de formação, que era sobre: Educação Para os Direitos Humanos já apontava para muitas destas questões e desse ponto de vista até foi uma acção, digamos assim, bastante antecipada no tempo e, portanto, quando esta reorganização curricular entra em vigor eu já estava dentro das questões e não alterou nada, apenas ouvi as experiências dos professores, nomeadamente, na acção de formação dada no ano passado, porque já tinha entrado em vigor a reorganização curricular, dei conta que ainda havia muita falta de formação, tive consciência que realmente os professores não estavam preparados para muitas questões que a reorganização curricular vinha trazer, nomeadamente nas questões de Educação para a Cidadania, e isso é que eu tenho consciência. Eu não alterei nada, eu já estava preparado desde 1999 e, portanto, não veio alterar rigorosamente nada.

E 1

P. E ao nível do 1º ciclo?

R. Ao nível do 1º ciclo só me obrigou a pesquisar e a consultar para conhecer melhor. Foi só em 2001 que dei formação a primeira vez ao 1º ciclo.

P. Em sua opinião, a formação contínua está a permitir que os professores do 1º ciclo adquiram saberes e desenvolvam competências para serem decisores curriculares?

R. Eu nesse aspecto fiquei muito satisfeito com a minha acção de formação porque uma acção de formação de Educação para a Cidadania é justamente para fazer lembrar aos professores que mais do que professores são cidadãos e que têm um papel importante enquanto decisores na construção dos projectos curriculares e dos projectos educativos. Aquilo que eu procurei fazer entender é que nós enquanto cidadãos temos um papel muito importante na discussão, na tomada de decisões e os professores têm muitos mecanismos, muitas formas de poderem eles próprios intervir na escola e na sociedade. E acho que isso é um papel importantíssimo do professor, se quer passar para os alunos essa ideia de que está na sociedade, pode ter um papel, pode contribuir para o bem da sociedade, então o professor também tem que dar o exemplo e mostrar isso aos alunos.

A 6

Durante a formação, os professores expõem os problemas e, portanto, nas discussões que tivemos, muitas vezes dizem que é difícil mudar de atitudes, comportamentos, que é difícil liderar os projectos. A mensagem que eu passei é que isso é possível com o trabalho em equipa e que trabalhar em grupo significa partilhar, significa dialogar e perceber que há momentos de discussão e há momentos também de decisão.

P. Existe alguma articulação entre a formação e os projectos educativos e curriculares das escolas dos formandos?

R. Esta acção de formação foi feita em Junho, portanto no final do ano escolar e partiu-se do princípio de pensar no ano novo, a partir de Setembro. Digamos que os projectos já estavam em fase final, portanto, não adiantava nada mudar. O que esta acção procurou foi, em função das experiências do ano, debater questões, assuntos e ver o que fazer para o ano seguinte. Esta acção de formação resultou bem em Junho, porque também serviu de balanço, mas, iniciar um ano lectivo com uma acção de formação sobre este tema, talvez, não fosse má ideia. Penso que ajudava os professores a irem a tempo de mudar, de reflectir sobre os projectos que iam desenvolver. Portanto, a acção serviu para que os professores pudessem reformular os projectos e pensarem já no ano lectivo seguinte.

P. Em sua opinião, a formação tem algum efeito ao nível das práticas educativas dos profissionais?

R. Depende dos professores, mas eu penso que algum efeito tem, algumas discussões foram feitas. Eu não tenho a mínima dúvida que em alguns professores tem efeitos, sobretudo naqueles professores que são bons profissionais. Não tenho a mínima dúvida que esses professores, que são bons profissionais, vão ser

C 6

influenciados pela formação. E, qualquer formação que tenha qualidade é algo de muito importante para qualquer profissional, com certeza que ganha com essa formação. E, como prova disso é que alguns professores reconheceram que, de facto, a acção lhes foi útil, serviu para ver que podem mudar as suas atitudes. Agora, é evidente que esta mudança das atitudes pode não ser logo, pode ser mais um conhecimento que fica incorporado na pessoa mas que depois com o tempo e à medida que as circunstâncias o proporcionarem vai tentar mudar as suas atitudes.

C 6

Durante a formação eu senti que eles ficaram com vontade de mudar algumas práticas, agora não todos. A grande maioria ficou sensibilizada, agora se na prática vai concretizar aquilo que discutiu e que aprendeu, isso não posso garantir. Sei é que as práticas dependem dos contextos, mas pareceu-me que estavam sensibilizados e que perceberam que muitas dos assuntos lhes diziam respeito e que eram importantes para a sua formação.

P. Sentiu que a maior parte dos professores frequentou a acção porque estava motivada para o tema ou seria para obter créditos?

R. Alguns estavam lá motivados, outros estavam lá para receber créditos, não há dúvida. Mas, uma parte significativa penso que estava lá porque queriam, porque achavam que era interessante e creio que esses foram na sua maioria aqueles que estão mais disponíveis para alterar as suas práticas na sala de aula.

P. Sente que a reorganização curricular teve efeitos na procura de formação sobre esta temática?

R. Penso que sim, acerca de três ou quatro anos, uma acção de formação sobre Educação para a Cidadania não acredito que provocasse tanto interesse nas pessoas. Os professores agora estão mais motivados para esta área, o que não quer dizer que se os professores frequentassem esta acção há quatro anos atrás, não sentissem que isto era importante. Mas hoje há uma maior motivação, maior interesse para as questões de Educação para a Cidadania e em geral para as áreas curriculares não disciplinares. É algo imposto a nível superior, mas faz com que as pessoas se interessem e se preocupem com estas questões.

A 1a

## Formanda - Entrevista 5 (2003/04/23)

P. No ano de 2001, foi publicada a reorganização curricular. Este facto teve algum efeito na procura de formação?

R. Sim, foi fundamental, porque logo que tive acesso ao plano de formação do Centro de Formação a que estou ligada, não tinha necessidade de créditos para progressão na carreira, mas procurei algo que me pudesse ajudar a integrar de uma forma mais directa e mais prática, na reorganização curricular. E a acção que encontrei penso que era a única que dava resposta a essa necessidade.

Por isso, foi a partir do momento em que se começa a falar de reorganização curricular em que há legislação que sai nesse sentido, que eu procurei formação nessa área. Mas de uma forma geral, toda a formação que tenho feito tem a ver com a necessidade que sinto de progredir em termos de formação específica, em fazer com que o que sai na legislação possa ser aplicado na prática, no dia a dia da escola. Com a formação procuro desmistificar de certa forma, desconstruir aquilo que está na Lei e saber até que ponto a escola que temos hoje pode ou não ser enquadrada nas orientações que saem em termos institucionais. É que uma coisa é teoria, aquilo que se pretende através de uma medida ou de uma reforma ou uma reorganização e outra coisa é aquilo que, efectivamente, podemos aplicar na escola com os recursos que temos, com as tradições e outras circunstâncias.

A 1a

P. Costumas participar na organização da formação que frequentas?

R. Não, não, nunca participei, porque nunca me foi proposto, eu quando me dirijo ao Centro de Formação é porque o plano que me oferecem tem alguma formação que me interessa. Eu nem sequer ponho essa hipótese, de tentar participar na organização do plano de formação.

A 2

P. Nunca sentiste necessidade de participar na organização do plano?

R. Eu gostava, se bem que não sei até que ponto isso seria possível. Eu já consegui fazer isso mas foi como formadora e não como formanda. A formação que eu realizei foi para um grupo de proponentes, para um número restrito de professores. Como formanda nunca participei na organização do plano, porque uma vez que eu não tenho estado ligada só a uma escola durante muito tempo com um grupo de professores do 1º ciclo, nunca houve a possibilidade de trabalhar em grupo. Eu penso que nós estamos muito isolados, estamos um ano aqui outro ano ali e assim não surge essa necessidade.

P. Consideras que o plano de formação existente se adequa às tuas necessidades, e às necessidades da escola?

R. Sim e vejo que há uma preocupação do Centro de Formação em modernizar-se e em organizar o plano de formação de acordo com as novas solicitações.

P. Quais as razões que te mobilizam para preferires mais determinado tema e modalidade de formação?

R. Eu no ano passado fiz esta acção sobre reorganização curricular ligada ao PCT, depois na prática acabou por ser trabalhado o PCE e o PE. Depois, fiz a acção que foi proposta pelo DEB, sobre a gestão curricular.

P. Quais as razões que te levam a seleccionar determinada temática de formação?

R. É estar actualizada e acreditar que a escola pode mudar.

A 1a

P. Esta acção de formação que realizaste no Cinfor foi na modalidade de curso. Porque é que preferiste esta modalidade?

P. Sinceramente, não liguei muito à modalidade, liguei ao tema e, naquela altura, não entendia qual era a diferença entre curso de formação e oficina de formação; para mim, era tudo formação, a modalidade não era fundamental, o tema foi que o que mais me interessou.

A 1b

P. No Cinfor só te candidataste a esta temática?

R. Só.

P. Que conteúdos foram abordados durante esta acção de formação?

R. Fizemos a abordagem sobre o que é hoje o currículo, o que se pretende. E a partir daí abordamos o currículo como projecto, o projecto da escola, o trabalho de grupo, as exigências da reorganização curricular, depois abordamos aquilo que mais me interessava, que foi como organizar um projecto curricular de turma, como levar à prática um projecto curricular de turma, como integrar as várias áreas curriculares disciplinares e não disciplinares. É um trabalho que, eu entendo, que deve pertencer à escola e cada vez menos à minha turma, à minha sala.

P. Esta acção de formação correspondeu às tuas expectativas?

R. Sim, correspondeu, porque me deu pistas fundamentais, ao nível da organização ao nível de saber criar guiões, de criar estruturas; aliás, foi nesta formação que eu tive pela primeira vez um contacto com um guião para organizar um projecto curricular de turma e um projecto curricular de escola. Até aí, eu tinha feito e colaborado na organização do projecto educativo e no projecto



curricular de escola mas não tinha a certeza se aquilo corresponderia ou não aquilo que era esperado, ao que é necessário. Portanto, há uma certa garantia, há uma certa segurança, quando vemos que o trabalho que foi iniciado por nós tem algum sentido e que também é partilhado por outros professores,

P. Que metodologias foram utilizadas durante a acção?

R. Fiquei bastante satisfeita, é como te digo, apesar de ser um curso de formação em que predominou uma parte teórica, não foi única e simplesmente uma acção expositiva, foi um curso de formação muito participado. Tivemos a oportunidade de fazer trabalho de grupo, para expor, para reflectir e tivemos a oportunidade de reconstruir aquilo que já tínhamos no projecto curricular. Partimos de guiões que já existiam, nomeadamente do projecto educativo, do projecto curricular de escola e do projecto curricular de turma e enquadrámos o trabalho da nossa escola, caracterizamos a nossa escola através daqueles guiões. E isso resultou bastante, houve uma certa uniformidade de ideias.

E 2

Esses guiões serviram para que eu como professora, tivesse uma certa estrutura, uma certa orientação para, a partir dali, poder organizar um currículo na turma com um grupo específico.

C 6

P. Sentiste se havia grupos de professores da mesma escola ou do mesmo agrupamento, com projectos comuns?

R. Eu da minha escola era a única, mas havia outros colegas que pertenciam à mesma escola. O que eu achei interessante nessa formação é que estavam presentes professores de vários ciclos e penso que foi um ponto fundamental para a valorização da acção. Porque primeiro se há uma reorganização curricular e se o que se pretende é um percurso entre os vários ciclos em espiral, penso que só se pode conseguir se os próprios professores também tentarem essa experiência de ligação em espiral. Porque os conteúdos do 1º ciclo são o alicerce do que é trabalhado no 2º ciclo e, em termos de metodologia de trabalho, de organização, de sabermos o que é o currículo, da organização do currículo, acho que ajudou imenso porque conhecemos as expectativas dos outros professores e conhecemos o feedback do nosso trabalho e da forma como nos organizamos. É como se fosse uma hetero-avaliação, quer queiramos quer não, estamos-nos a observar intencionalmente. Eles observam-nos a nós e nós observamos-los a eles e a partir daqui tem interesse. E na formação dos grupos houve a preocupação de se misturar professores dos vários ciclos, havia essa preocupação por parte das formadoras.

G 2

P. Que instrumentos foram utilizados durante a formação?

R. Acabamos por compilar um dossier de formação muito interessante, e, curiosamente, como já vai há um certo tempo aquilo que me ficou em termos de instrumentos, foi a quantidade de imagens que as formadoras tiveram a preocupação de encontrar para elucidar as ideias ligadas à reorganização curricular. Eram ideias fantásticas, com sentido de humor, com certa crítica e que nos ajudaram muito bem a ir de forma directa aquilo que se pretendia e que nos provocaram para debate em grupo.

P. Que papéis assumiram as formadoras e os formandos durante a acção?

R. No início, sentia-se mais a diferença entre esses papéis da formadora e dos formandos, mas a certa altura como o grupo era muito participativo, acabamos por diluir e aquilo notava-se que era acima de tudo um grupo de colegas, um grupo de professores que estava a procurar resposta para várias questões, não se sentiu um comportamento de destaque entre formadores e formandos.

F 2

P. Durante a acção existiu articulação entre a formação e os projectos educativos e curriculares das escolas?

R. Exacto, nós tivemos oportunidade de, como disse, a partir de guiões que nos foram fornecidos, fazer a avaliação do nosso trabalho na escola. Chegamos mesmo a levar os nossos projectos educativos, o que tínhamos, naquela altura ainda não havia projecto curricular de escola nem projecto curricular de turma, as escolas ainda não os tinham, quer dizer, eu digo que não havia, não quer dizer que não estivessem a ser construídos, havia determinadas tentativas. O motivo que me levou a ir para a formação, foi, de uma vez por todas, abrir a “gaveta e tirar as cartas e por em cima da mesa” e sujeitar à avaliação aquilo que estava a ser feito na escola.

B 6

Fez-se essa articulação, porque os professores disseram qual era o tema que estavam a trabalhar na escola. Havia muito aquela ideia de que tinha que se fazer projectos mas que não passavam do papel, foi um bocado para quebrar essa ideia que temos, e acabamos por ficar a saber que realmente as escolas estavam a tentar fazer algo para além da necessidade de estruturar um documento para apresentar aqui, penso que na prática, as coisas estavam muito bem.

P. Que formas e instrumentos de avaliação foram utilizados pelas formadoras?

R. Nós fizemos um trabalho teórico de reflexão final sobre o trabalho que tínhamos feito, foi muito proveitoso. Mas como te digo, o que gostei mais foi dos instrumentos que ficaram e que ainda hoje me sirvo deles para a escola e para a organização do meu trabalho.

P. Durante a formação sentiste que as formadoras faziam uma avaliação contínua?

R. Sim, sim, se bem que se notava, e isso também foi bom, que tinham um trabalho muito estruturado porque não era a primeira vez que estavam a orientar aquela acção. De forma que dada a necessidade de cumprirem determinado programa nunca havia assim uma quebra muito grande. Havia sempre novas propostas e isso foi bom, porque podíamos cair na tentação de repisar sempre o mesmo tema, as mesmas questões e chegarmos ao final da acção e não termos trabalhado todos os conteúdos que estavam propostos, e isso não aconteceu, os conteúdos foram todos trabalhados. Esta formação acontecia sempre na primeira pessoa, ou seja cada um falava da sua escola, da sua experiência e das suas dúvidas e depois tentávamos acertar, afinar as preocupações e dúvidas de cada professora, com o contributo das formadoras.

E 2

P. Participaste na selecção das formadoras?

R. Não, porque procuro aquilo que o Centro de Formação me dá.

P. Gostavas de participar na selecção da formadora ou nunca sentiste essa necessidade?

R. Neste caso não senti essa necessidade, porque eu só vejo útil essa preocupação em seleccionar a formadora, se a minha vontade coincidissem com a vontade do grupo que está próximo, com o grupo de trabalho que me está próximo. Aí sim, aí já não era só a formadora, mas era a prática, a formação teria que produzir efeitos na escola onde eu estou a trabalhar e nesse grupo. Infelizmente ainda não chegamos lá, penso que estamos a tentar, mas eu pessoalmente ainda nunca participei numa acção, em que sentisse que na escola a formação alterou grande coisa, porque altera na minha maneira de trabalhar, mas sozinha e eu penso que não é isso que se pretende, devia alterar a forma do grupo trabalhar, aí ainda não chegamos.

F 3

P. Em tua opinião a formação contínua está a permitir que os professores do 1º ciclo adquiram saberes e desenvolvam competências para desenvolverem projectos específicos para as populações com quem trabalham?

R. No ponto de vista de saber estruturar um projecto, penso que sim, ficamos com competências para isso e eu, pessoalmente, ganhei essas competências, o que sei aprendi com a formação que procurei. Mas, uma questão é estruturar e delinear um projecto no início do ano lectivo em Setembro, outra questão é conseguir construir equipas de trabalho para as várias fases do projecto e outra questão é conseguir que essas equipas de trabalho se desenraízem dos costumes de trabalhar individualmente nas suas salas e consigam reunir-se para acompanharem esse projecto na prática. Nas escolas onde eu tenho passado ainda não se conseguiu, há uma boa intenção no arranque do ano escolar, tem que se organizar um projecto, tem que se passar ao papel para que as coisas fiquem mais ou menos orientadas. Os professores ainda se juntam para constituir, mas depois para se encontrarem durante o ano para reflectir e debater as actividades ficamos pelos dias comemorativos e o projecto acaba por ser desenvolvido muito a sós.

A 6

Sinceramente, eu acho que a formação contribui, mas de uma forma muito personalizada, ou seja, cada um desenvolve a sua competência, fica muito contente e muito entusiasmado. Quando chega ao grupo, no 1º ciclo penso que é muito difícil, sinceramente penso que a reorganização curricular ainda não surtiu o efeito que se pretendia, infelizmente. Penso que individualmente temos capacidade para o fazer, mas ainda não sabemos mobilizar os professores para o trabalho de grupo nas escolas.

A 6

P. Em tua opinião, a criação de agrupamentos de escolas e o novo regime de concursos irá ter influência nesse aspecto?

R. Eu quanto aos agrupamentos tenho uma grande esperança, mas até ao momento ainda não vivi a situação em nenhum agrupamento, porque as escolas onde tenho trabalhado neste concelho ainda não estão agrupadas, penso que vão ser agrupadas no próximo ano. Agora do que entendo do que serão os agrupamentos, penso que só podem beneficiar, porque de uma forma ou de outra em termos do 1º ciclo penso que já estamos a perder a ideia de que aquelas crianças só são nossos alunos, é que não são, são os alunos do agrupamento. Penso que a interacção pedagógica é fundamental, entre os professores e entre os alunos.

Sobre o novo regime de concursos eu ainda não estou muito dentro da nova legislação mas, o facto de podemos ficar reconduzidos por três anos na mesma escola, essa possibilidade poderá beneficiar, claro que vai beneficiar certamente,

C 4

principalmente os professores que ainda não se mantêm muito tempo na mesma escola, com certeza que vai ajudar.

P. Que opinião tens sobre os formadores que tiveste na formação que tens realizado?

R. A nível dos Centros de Formação os formadores têm-se apresentado como colegas, que vêm desenvolver um conteúdo teórico sobre um determinado tema, mas, também tentam partilhar, chegar à resolução de questões práticas, do dia a dia, e penso que é assim que deve continuar. Nesta acção de formação as formadoras entendiam-se muito bem, tinham os papéis muito bem divididos: uma fundamentava mais as questões no ponto de vista teórico, a outra fundamentava mais as questões no ponto de vista prático, através de projectos que tinha estado envolvida nas escolas e acho que funcionou bastante bem.

C 3

P. Sentes que a formação contínua te traz algum contributo para um melhor desenvolvimento das práticas educativas?

R. Sim, eu não conheço outra forma de me actualizar, a não ser a questão dos agrupamentos que nos vão obrigar a criar momentos de reflexão das nossas práticas, através das reuniões dos Conselhos Pedagógicos e dos Conselhos de Docentes, mas penso que não há outra forma de podermos mudar as nossas práticas de uma forma fundamentada. E acho que, neste momento, a formação é a resposta possível. Agora, é como o que eu dizia, no ponto de vista individual traz sempre muito proveito para a progressão de cada professor, mas no ponto de vista profissional para que se mude efectivamente a escola, esta modalidade de curso de formação em que cada um se inscreve independentemente da escola onde está, penso que assim a formação não traz grande efeito. Poderá surtir mais efeito nas práticas se for uma modalidade mais centrada naquele grupo, naquele local, aí sim, aí acredito. Agora como foi nesta acção, em que cada professor se inscreve independentemente do local em que está a trabalhar, penso que assim acaba por não surtir grande efeito. Mas, esta acção foi fundamental e foi curioso porque foi esta formação que me deu uma certa segurança para avançar para a construção da proposta de formação na modalidade de oficina de formação, que eu organizei como formadora. Esta formação foi essencial, e eu neste momento posso dizer que as escolas onde me encontro ligada, têm projectos que foram estruturados com uma orientação que resultou desta formação que tive com os guiões que realizamos, para saber como se constrói o projecto curricular de escola e o projecto educativo. Na prática esta acção foi fundamental.

C 6

C 6

P. Na tua opinião o que mais tem facilitado e dificultado a participação na organização e desenvolvimento da formação?

R. O que mais tem dificultado é a mobilidade docente e a tradição que nos prende, ao nível do 1º ciclo somos muito individualistas. Temos a noção do que faz falta, mas somos incapazes de nos organizar para tentar dar resposta às necessidades; somos muito reivindicativos mas pouco actuates.

O que tem facilitado é que quer como formadora, quer como formanda nunca senti qualquer impedimento do Centro de Formação para que pudesse participar tanto na organização, como noutros aspectos, como os horários, aliás, o trabalho do Centro do Formação tem sido excepcional. Penso que o impedimento de questões ligadas à formação não surge do Centro de Formação, surge mesmo dos professores. Eu penso que o que mais tem facilitado a organização da formação é a disponibilidade dos Centros de Formação, mais uma vez. Quem está ligado ao Centro vê que a sua representante se encontra sempre disponível e dá um acompanhamento muito bom.

L 4

A principal dificuldade, continuo a insistir é a cultura do isolamento dos professores do 1º ciclo e é a auto-estima ainda muito baixa, que faz com que não acreditemos nas nossas capacidades de nos mobilizarmos para darmos respostas concretas aos problemas que temos. O que me leva a dizer isto é a experiência que tenho tido com os colegas do 2º e do 3º ciclo. Vejo que a esse nível já estão numa fase de uma abertura maior de uma auto-estima profissional mais alicerçada e isso tem ajudado bastante.

T 5

P. Se dependesse de ti fazias alguma alteração à formação desenvolvida por este Centro de Formação?

R. Eu acho que se existisse uma pressão exterior à escola para que esta se mobilizasse no sentido de organizar as suas propostas e que obrigasse os professores de cada escola a trabalharem em conjunto numa formação, penso que no ponto de vista prático dava mais resultado, ou seja, cada um tendo a possibilidade de ir para o curso que quer, para a modalidade que quer, evolui pessoalmente mas não cria a cultura do grupo, a que está ligado, o que faz com que o local e o destinatário final, que era o aluno e a escola, acabem por só indirectamente, receber os ecos da formação, directamente não se sente. Eu só acredito na formação centrada na escola.

N 7

## Entrevista 6 (2003/05/02)

P. No ano 2001 foi publicada a reorganização curricular. Este facto teve algum efeito na procura de formação?

R. Teve, sim, teve, teve efeitos. Eu queria-me valorizar e tive que fazer essa formação, procurar alguma coisa que me ajudasse a mim e aos meus alunos.

A 1a

P. Costuma participar na organização da formação que frequenta?

R. Não, não, directamente, porque, a partir de agora, como há os agrupamentos nas escolas, eles fazem as perguntas aos professores, vêem se estamos interessados em determinado tipo de formação e nós damos a nossa opinião e, a partir daí, eles escolhem os temas que forem mais procurados. Ouvem os nossos pedidos e depois vão escolher a formação, com base nesses nossos pedidos. Penso que eles respondem aos pedidos que são efectuados, porque eu fui seleccionada para em Junho fazer numa acção de formação que escolhi, também sobre novas tecnologias porque achei que ainda não estava bem preparada (risos).

P. Quais as razões que a mobilizam a preferir mais determinado tema e modalidade de formação?

R. Eu escolhi este tema porque estava muito insegura. Havia um computador na escola e eu não sabia mexer nele, os alunos já eram capazes de saber ligar e desligar e a professora não sabia. E achei que me devia valorizar, saber alguma coisa sobre aquilo e, principalmente, para ensinar os alunos, foi esse o motivo porque escolhi este tema. A minha preocupação é saber trabalhar e aplicar os conhecimentos na sala de aula.

P. Também se preocupou com a selecção da modalidade?

R. Não. Eu só procuro o tema da formação

P. Esta formação foi desenvolvida na modalidade de curso. Já alguma vez frequentou formação noutra modalidade?

R. Não, nunca fiz formação noutra modalidade, certamente que até gostava de fazer, mas, sabe o que é? A gente quando vai a escolher não se debruça muito sobre a modalidade.

P. Considera que o plano de formação existente se adequa às suas necessidades e às necessidades da sua escola?

R. Sim, no geral, porque tudo isto vai de encontro às necessidades dos alunos. Eu considero que são temas pertinentes, gostava era de, realmente, poder e ter tempo para frequentar mais, é isso o que me falta.

C 1

P. Em que temas se candidatou em 2002, como primeira opção?

R. Foi esta acção: o Currículo Básico e Novas Tecnologias.

P. Que conteúdos, instrumentos e metodologias foram utilizadas durante essa formação?

R. Ora bem, os instrumentos utilizados foram o computador, não é? Aprendemos a trabalhar o Word, o PowerPoint e fomos à Internet.

Sobre as metodologias eu julgo que a acção poderia ser melhor aproveitada uma vez que havia muita gente como eu, que eu notei, que tinha dificuldade, mas para não demonstrar tanta ignorância (risos), acabei por não ficar muito bem esclarecida. Porque havia pessoas que frequentavam a acção e que, realmente, tinham muitos conhecimentos e outros, como eu, iam porque gostavam mesmo de aprender alguma coisa, e não quisemos estar a perguntar tanto e foi esse o motivo porque não foi tão proveitosa como nós esperávamos.

E 2

Portanto, esta acção de formação não correspondeu na totalidade às minhas expectativas. Se, realmente, houvesse no início uma espécie de selecção, para saber bem as dificuldades de cada uma, e começar por grupos pequenos para depois chegarmos todos à mesma meta, talvez fosse melhor.

Quer dizer, no início, eles foram ao encontro das necessidades de quem sabia menos como eu, só que, como havia pessoas nesta acção de formação que sabiam muito, talvez por causa desses nós fôssemos um bocado prejudicados, até porque dá gosto trabalhar com pessoas que sabem muito, não é? Enquanto que eu e outras colegas minhas não sabíamos tanto e a gente acabava por retrair-se. Mas já ficamos felizes por aquilo que aprendemos porque achei que aprendi alguma coisa.

P. Que papéis assumem os formandos e o formador durante essas acções? Concorda com a metodologia utilizada? Porquê?

R. Os dois formadores desta acção estavam sempre preocupados em perguntar se nós estávamos realmente a perceber aquilo que nos era exposto. As aprendizagens que fazíamos, no dia seguinte aplicávamos com os alunos, e enquanto que fomos aplicando os conhecimentos percebíamos alguma coisa, mas quando acabou a formação uma parte foi metida na “gaveta” (risos) e acabámos por não a utilizar.

Durante a formação os formadores preocupavam-se, talvez mais com uns do que com outros, talvez mais com aqueles que sabiam mais. Enquanto que eu e uma ou duas colegas que faziam parte do meu grupo contentávamo-nos com o

E 2



mínimo, havia colegas que traziam já trabalhos pré-planeados da escola e eles resolviam os problemas que eles tinham. No nosso caso, como nós íamos mesmo para saber o mínimo e como conseguimos aprender alguma coisa, não nos preocupamos com mais nada.

**P.** Durante as acções existiu alguma articulação entre a formação e os projectos educativo e curriculares da sua escola?

**R.** Sim, senti que houve essa articulação com o trabalho de muitas colegas. E eu podia também ter feito isso, tenho a certeza que me ajudavam. Só que o meu objectivo era aprender o principal e não me preocupei com isso. Havia colegas que, realmente, traziam muitas questões para projectos que queriam desenvolver e que eles ajudaram.

B 6

**P.** Que formas e instrumentos de avaliação foram utilizados pelo formador?

**R.** No final da acção fizemos um relatório em que cada uma, individualmente, respondeu e expusemos as nossas ideias. Houve, também, um trabalho de grupo de duas, em que uma escolhia uma parte do texto, a outra completava e, depois, colocávamos uma fotografia. Uma coisa que me marcou nesta formação e a colega que estava comigo também me referiu isso era que, quando houvesse uma acção de formação, inicialmente devia ser feito um diagnóstico para ver o que cada um sabia. Para irmos para ali todos no mesmo patamar. E, se fossemos colocadas em turmas diferentes conforme os conhecimentos que tínhamos, era provável que, no fim da acção, nós tivéssemos um êxito maior.

M 7

**P.** Participou na selecção do formador que orientou as acções?

**R.** Não. Nem sabia que era possível fazer isso, desconhecia. Talvez agora que pertenço a um agrupamento, e sabendo agora, através deste inquérito, que isso é possível, então, na próxima oportunidade terei que mencionar realmente um formador, porque há formadores que eu conheço e que gosto.

F 3

**P.** Que opinião tem dos formadores que teve durante o ano 2002, na formação realizada no Centro de Formação?

**R.** Eu fiz uma acção de formação neste Centro e outra no Centro de B. No Centro de B. já conhecia o trabalho do formador e escolhi o tema de acordo com o formador porque sabia que, no fundo, a acção era proveitosa. Esta formação que eu tive neste Centro sobre a informática não teve aspectos tão positivos como eu pretendia, mas também não foram negativos.

P. Em sua opinião, a formação contínua está a permitir que os professores do 1º ciclo adquiram saberes e desenvolvam competências para desenvolverem projectos específicos para as populações com quem trabalham?

R. Julgo que sim, julgo que, ultimamente, as pessoas querem saber, querem adquirir conhecimentos para poderem concretizar projectos específicos. Eu inscrevi-me nesta acção e não precisava de créditos, mas também não queria ficar ultrapassada e foi um dos motivos que me levou a frequentar a acção de novas tecnologias, para saber alguma coisa e poder transmitir aos meus alunos esse conhecimento.

P. Sente que a formação contínua lhe traz algum contributo para um melhor desenvolvimento das práticas educativas?

R. Sim, sim. Eu quando saía da acção de formação, antes que me esquecesse, ensinava aos alunos aquilo que eu sabia, aquilo que eu sabia transmitia. E fiquei feliz porque cheguei ao fim da acção e achei que eles aprenderam mais do que eu. Acho que os miúdos estão mais atentos a estas aprendizagens do que a matéria dos manuais. Quando eu dizia o que tinha aprendido no dia anterior eles adoravam e neste momento, tenho a certeza que eles sabem mais do que eu. Eu só não posso dar mais porque não tenho mais conhecimentos, aquilo que eu aprendi transmiti logo, no dia seguinte e eles aprenderam.

C 6

P. Na sua opinião, o que mais tem facilitado e dificultado a sua participação na organização e desenvolvimento da formação?

R. Eu penso que se toda a gente quando fosse participar numa acção de formação tivesse o mesmo nível de conhecimentos facilitava mais, porque quando as pessoas têm conhecimentos e saberes diversificados, umas captam mais rápido e outras têm mais dificuldade.

M 5

P. Então se dependesse de si, fazia alguma alteração à formação desenvolvida por este Centro de Formação?

R. Fazia uma espécie de selecção a nível dos conhecimentos. Se não fosse possível no momento da inscrição era no início da acção, para tentar ir de encontro a esta dificuldade. Era necessário que toda a gente comesse a dizer o que sabia e, depois, serem distribuídas as pessoas por grupos, para que os que tivessem mais dificuldades fossem aprendendo, de modo a que toda a gente, no fim, soubesse alguma coisa.

M 7

## Entrevista 7 (2003/05/13)

P. No ano de 2001 foi publicada a reorganização curricular. Este facto teve algum efeito na procura de formação?

R. Sim. Porque, no fundo implicou o Projecto Curricular de Turma, uma nova organização e uma nova planificação do trabalho, o que veio trazer alguma novidade e, por outro lado, com as novas disciplinas: Formação Cívica, Área de Projecto e Estudo Acompanhado. O que na prática, isto leva sempre uns anos a ser implementado. As reformas não se fazem por decreto.

A 1a

P. Costuma participar na organização da formação que frequenta?

R. Ora bem, os Centros de Formação, em teoria, são aquilo que os professores e as escolas pedem que esse Centro seja, na prática, isto rege-se mais pela oferta do que pela procura. No fundo, os Centros de Formação começam a ter as suas bolsas de formadores e é em função dessas bolsas de formadores e dos projectos de formação apresentados, que depois se dá a possibilidade de inscrição.

Portanto, não quer dizer que não tenha respondido aos inquéritos, mas estou consciente, e essa é a prática, que não se vai dar resposta a este ou àquele caso pontual mas que se joga e que se faz formação de acordo com as possibilidades, com o material humano a nível de formadores que os Centros têm.

A 2

P. Costuma propor alguma temática ao Centro de Formação?

R. Ora bem, nós propusemos formação ao Centro porque isso era uma das perguntas que se fazia nas fichas. As fichas foram feitas e foram respondidas e não vou dizer que não se dê pontualmente respostas a esta ou àquela situação. Por exemplo, no ano passado, com o Projecto Curricular de Turma, foi uma coisa nova que foi pedida e houve formação. Só que, no fundo, não me parece que seja uma prática haver, nos Centros de Formação (e não estou a falar neste Centro de Formação porque também conheço outros, também sou formador), haver uma resposta às reais necessidades e um trabalho de formação no terreno com os professores, ponderando todos os elementos, mas as acções de formação são em função dos formadores que há e das idiossincrasias das pessoas, mais que pela necessidade pedagógica dos professores.

A 2

No fundo, as únicas situações com o Centro de Formação em relação às propostas de formação, foram a resposta aos inquéritos que eram, normalmente, por escola. E, nessa altura, participei nas várias escolas onde estive porque isso é uma prática que já vem de há vários anos e, portanto, com o passar do tempo

foram apresentadas diversas propostas mas, nessa situação, terão sido dadas respostas pontuais.

Mas, de um modo geral não apresentei propostas de formação no contexto escola, só respondi às fichas que foram pedidas. E foram dadas respostas de forma pontual, até porque isto é de tal modo abrangente que se dá sempre resposta aos pedidos que mais se ventilam. Claro que, nuns Centros mais do que noutros porque uns Centros têm maior disponibilidade nesta ou naquela área de determinados formadores. E, assim, aparecem Centros que privilegiam as acções sobre Projecto Educativo ou as áreas curriculares ou as áreas organizacionais, outros privilegiam as áreas de Expressão e outros privilegiam as novas tecnologias. Não quer dizer que não tenham lá acções sobre estas temáticas, mas uma coisa é por sistema, outra coisa é pontual. Para alguns Centros, há acções que formam quase um tronco comum, que existem todos os anos, e há outras que vão sendo esporádicas. É o caso da acção sobre o Projecto Educativo e o Projecto Curricular de Turma que houve no ano passado e este ano já não existe.

A 2

Nesta perspectiva é que eu digo, e digo em relação a vários Centros, que me parece que há uma resposta de acordo com os formadores existentes. Isto também tem a ver com dinheiros porque quando se vai buscar um formador a outra zona que não é a zona dele já se tem que pagar os quilómetros, o que tem custos acrescidos. Portanto, são esses custos acrescidos que também levam os Centros de Formação a trabalhar, por assim dizer, com a “prata da casa”.

A 2

P. Quais as razões que o mobilizam a preferir mais determinado tema e modalidade de formação?

R. Eu, normalmente, pretendo a formação em termos da área em que sou especializado, também não descuro as novas tecnologias, fiz uma de Matemática, mas fora do Centro de Formação, e parece-me que as áreas de Expressão deveriam ter um peso maior e uma dinâmica maior. Também não quero com isto dizer que há acções de formação que, no fundo, não há, ainda, em termos de formação a ligação da teoria com a prática, dos Centros de Formação com as escolas. Portanto, este *feedback* só muito pontualmente é que tem acontecido, porque, no geral, a acção de formação é passada no Centro de Formação ou na sala onde ela se dá, até porque os professores são de diversas escolas. Portanto, não se pode contextualizar uma acção de formação.

B 6

Eu especializei-me em Administração Escolar e, portanto, por um lado, fiz esta acção sobre o projecto porque está relacionada com a área que eu tinha e como era nova, privilegiei-a. Este ano, por exemplo, estou a fazer outra que já tinha feito em novas tecnologias porque estão sempre a evoluir e parece-me que faz sempre bem uma pessoa aprender coisas novas em termos de Expressão.

A 1a

P. E porque seleccionou a modalidade de curso nesta acção de formação?

R. Normalmente, a modalidade não tem interferido, não tem interferido porque o menu não dá para jogar com essas opções todas. Portanto, não dá para jogar com a modalidade, de cursos, de oficinas, com essas situações. Eu, se quisesse fazer uma acção sobre reorganização curricular e Projecto Curricular de Turma, só tive nesta modalidade, não tenho outra opção ao lado. Portanto, eu não posso fazer a escolha porque eu não tenho outra opção, não há nenhuma oficina. Como não havia oferta, eu não posso dizer que optei, era o que havia. Se houvesse a modalidade de oficina, optava por essa modalidade num contexto de escola. Mas, muito bem contextualizada, ou seja, obrigava a contextualizar, o que é sempre vantajoso, muito vantajoso.

A 1b

Porque esta acção de formação com diversos professores de diversas escolas, não quero precisar mas eram sempre mais de dez, e, entretanto, tenho a certeza que, com os vários níveis de ensino e que cobriam todo o concelho, portanto, não se pode contextualizar. Ora, um Projecto Curricular de Turma tem que ser iniciado pelo levantamento e pelo contexto.

B 6

P. Considera que o plano de formação existente se adequa às suas necessidades e às necessidades da sua escola?

R. Os planos de formação nunca satisfazem toda a gente. E, se fossem satisfazer toda a gente, não tinham clientes para a oferta, portanto, isto tem que ser analisado também nestes níveis. Há determinado número de formações porque há determinados formandos à procura, determinadas pessoas que precisam de créditos, que vão à formação, que fazem, normalmente, a procura neste Centro de Formação. Noutro Centro de Formação, têm outros clientes, têm outros números e têm que jogar também em função de outros clientes, porque a formação é, em termos teóricos, vista como uma necessidade, como uma prática, mas, em termos práticos, isso tem também muito a ver com custos. Portanto, as acções de formação são planeadas em função das necessidades, mas também são planeadas em função dos custos e do dinheiro que há.

Portanto, parece-me que tem um leque abrangente. Claro que, pontualmente, não servirá esta ou aquela pessoa que tem esta ou aquela necessidade. É nessa perspectiva que as pessoas podem dizer que não correspondeu às necessidades que apresentaram nesta ou naquela altura mas, no fundo, o leque de acções é diversificado, não quer dizer que tenha continuidade. Por exemplo, esta acção não teve continuidade, foi uma acção que apareceu, que tem poucas horas, vinte e cinco horas para tratar um tema destes a fundo que não tinha antecedentes e que não teve, depois, continuidade. Portanto, é uma acção que teve o valor que teve, mas que não se pode dizer que seja uma acção devidamente inserida e que dê a quem está no terreno segurança para trabalhar, formação que seja objectiva e que dê a todos envolvimento e que as pessoas estejam totalmente preparadas para trabalhar. Houve um levantar de situações e, perante esse levantar de situações é que as pessoas podem ficar com algumas dúvidas e que, depois, como não teve continuidade, leva a que não haja uma ligação entre a escola, os professores que lá estiveram e o objectivo que se pretende que era a realização do Projecto Curricular de Turma e a sua avaliação. Portanto, não se pode fazer isto tudo em vinte e cinco horas, não se pode planear e não se pode chegar e ver os resultados da avaliação daquilo que se fez.

C 1

Q 5

Portanto, nesta perspectiva, os Centros de Formação não têm continuidade em termos de formação porque eles trabalham em função do projecto apresentado e de ser ou não aprovado, de terem ou não financiamento. É nessa perspectiva que se faz a formação.

**P.** Fazia alguma alteração à forma de organização e desenvolvimento da formação neste Centro de Formação?

**R.** Eu penso que nesta acção de formação, no fundo, as pessoas pretendiam elaborar um Projecto Educativo de Escola e pretendiam elaborar um Projecto Curricular de Turma. Ora, se estas são as pretensões tem que ser uma acção de formação mais abrangente para que se possa sair da teoria e vir à prática e com vinte e cinco horas não se pode. Portanto, parece-me que era preferível fazer acções de formação mais perto das escolas, mais ligadas às escolas, do que fazer acções de formação a este nível generalizadas e com participantes de todo o concelho. Parece-me que, de facto, precisava de ser mais contextualizada. Portanto, nem o Projecto Curricular de Escola foi objectivado, nem o Projecto Curricular de Turma foi objectivado, houve aqui algo que ficou no ar para quem teve vinte e cinco horas nesta temática.

P. Em que temas se candidatou em 2002 como primeira opção?

R. Em 2002 foi precisamente esta a primeira opção.

P. Que conteúdos, instrumentos e metodologias foram utilizadas durante essa formação?

R. Para o tempo da acção, eu julgo que os conteúdos estavam certos, as metodologias também estavam correctas e os materiais foram diversificados. Agora, se me disserem que, se calhar, valeria mais a pena fazer esta acção em três vezes o que foi feito nesta, ou em quatro, em módulos, eu vejo muito as acções de formação feitas por módulos em que as pessoas faziam um, depois no outro ano podiam fazer outro e podiam fazer outro a seguir, integrados em qualquer uma das temáticas, do que assim numa situação em que se pretende abranger tudo. Mas isso é o próprio Conselho Científico que leva a que a gente tenha que apresentar objectivos, porque tem que apresentar umas coisas bonitas para que o projecto apresentado seja apoiado e seja financiado e, portanto, parece-me que era mais lógico fazer as acções de formação por módulos. Demais, em relação a esta situação, pareceu-me que as metodologias e os conteúdos foram correctos. Pareceu-me que se apresentou demais uma situação que era uma vivência dos formadores que era de B. que ninguém conhecia, nem ficou a conhecer. Portanto, parece-me que os projectos que se apresentaram ali e as práticas, talvez tenham sido demais, as situações que se apresentaram de B., que os formandos não conheciam, é que parece que estavam descontextualizadas.

E 7

Relativamente aos conteúdos abordou-se o Projecto Curricular de Turma que, como disse, fazia parte e fez-se uma primeira abordagem ao Projecto de Escola. Foram pedidos os Projectos de Escola dos vários níveis de ensino porque, aí posso dizer e muito bem, que a acção era para os três níveis de ensino. Portanto, parece-me que já não é muito actual a gente fazer a separação do 1º ciclo, 2º ciclo e 3º ciclo, porque a realidade aponta para que tudo isto esteja misturado: o 1º pode estar com o 2º ciclo, o 2º pode estar com o 3º ciclo e o 3º pode estar com o secundário. Portanto, em termos de distribuição da rede escolar isto pode acontecer e como é a nossa prática, é isto que as acções de formação devem contemplar e devem juntar. No fundo, acho que fez bem haver os vários níveis de ensino e foram abordados os projectos das várias escolas. Agora, só o tema Projecto de Escola não daria para vinte e cinco horas? Se calhar, daria para muitas mais. Mas, pelo menos, aquilo que eu dizia há pouco era a acção ser repartida e poder aprofundar mais cada um dos conteúdos.

G 2

E 7

P. Além dos projectos, foram utilizados outros materiais e instrumentos durante a formação?

R. Os Projectos de Escola foram pedidos, foram analisados e foram os projectos das vivências das formadoras e entretanto foram apresentados os Projectos Educativos, as vivências, as realizações que houve nessa situação porque, de facto, nós em tão pouco tempo não tínhamos possibilidade de fazer um levantamento, de partir para uma elaboração de um projecto curricular de turma, de analisar e de avaliar esse projecto. Portanto, as formadoras serviram-se dos meios que tinham para, de algum modo, dar algumas pistas aos formandos.

E 7

Como digo, para as horas que foram, as vinte e cinco horas, não me parece que fosse possível aprofundar mais qualquer um dos temas que foi apresentado, porque eles faziam parte do plano de acção e o projecto contemplava todos esses conteúdos. Tinha que ser passado, como se costuma dizer, como o gato pelas brasas.

P. Concorde com a metodologia utilizada?

R. Eu concordei com a metodologia utilizada de acordo com as horas em que é feita a acção. Se a acção é para vinte e cinco horas, a metodologia foi a mais prática possível dentro deste contexto, dentro do contexto do tempo e dentro do contexto da diversidade dos formandos. Porque, como disse, eles tinham várias escolas do 1º ciclo, tinham professores de várias escolas do 2º e 3º ciclos e tinham alguns ainda do secundário, salvo erro.

E 2

Portanto, nesta situação, eu digo que não se pode pedir que se queira fazer um levantamento, um trabalho mais profundo, mesmo em termos de curso de formação em que se possa analisar melhor as teorias que estão subjacentes, não se pode descer a esse pormenor. Tem que se apresentar, no fundo, fazendo uma abordagem em que se apresente algo de prático do que se fez ou do que se pode fazer para que as pessoas gostem da acção (porque as acções de formação também são feitas para os formandos gostarem). E, nessa perspectiva, as pessoas têm que fazer a acção de modo a apresentar alguns conteúdos e algumas actividades que foram sugeridas, mas tornando a acção de formação pouco maçuda. E, portanto, não vejo que fosse possível em vinte e cinco horas pedir às formadoras que façam outro tipo de abordagem, que aprofundem mais os conteúdos, quando estão limitadas a um tempo que é exíguo. No fundo, é sempre pouco tratar uma temática destas em vinte e cinco horas.

Q 5

P. Que papéis assumiram os formandos e o formador durante a formação?



R. Durante a formação, era sempre uma busca porque também não há referências, quer dizer, o Projecto Curricular de Turma é uma busca, uma procura, os alunos são diferentes, os contextos são diferentes. Havia uma procura de se delinear uma construção, de se pensar o melhor caminho. As formadoras, baseadas no que tinham feito no projecto de B., os formandos cada um com a sua experiência e a sua vivência.

F 2

Havia uma partilha, uma procura e, portanto, as formadoras apresentaram alguns conteúdos. No fundo até faziam uma abordagem, primeiro, prática e, como síntese, era apresentada alguma teoria fundamentada. Claro que em vinte e cinco horas eu não posso aprender muito mais que as mil e tal que já tenho. Portanto, é nessa perspectiva que eu digo que era preferível fazer acções com menos objectivos.

Quando se vai trabalhar o Projecto Educativo, não se vai trabalhar o Projecto Curricular de Turma. Quando se vai trabalhar um Projecto Curricular de Turma, se forem vinte e cinco horas, antecipadamente as pessoas têm que ter formação em Projecto Educativo. Portanto, nesta perspectiva, as formadoras eram cooperantes e também estavam receptivas e os formandos também participaram, apresentaram e dialogaram e fez-se a partilha de saberes entre os vários profissionais dos vários níveis de ensino, porque as pessoas vêem sempre o outro nível de ensino com umas lentes que são as lentes deles e, às vezes, a realidade é diferente. Como digo, para além das temáticas, houve também um contacto, uma troca de informação, uma partilha de opinião entre os professores que participaram na acção de formação e que pertencem a vários níveis de ensino. Portanto, as formadoras apresentaram as situações da forma mais prática possível mas, claro, com a vivência delas (que era a tal escola de B.), os formandos partiam para a situação com as suas experiência e cada um conforme o nível de ensino em que estava. E, nessa perspectiva, criou-se um ambiente de trabalho bastante bom e com partilha de opinião.

F 2

G 2

F 2

P. Durante as acções sentiu alguma articulação entre a formação e os projectos educativo e curriculares da sua escola?

R. Não porque não havia tempo. Houve um pedido dos projectos, uma abordagem à forma como os projectos estavam feitos e não houve aqui uma passagem para o terreno, nem uma abordagem do terreno, nem tão pouco a caracterização, e o projecto se estava bem elaborado, porque aquele projecto partiu daquela caracterização, partiu daquela situação, não se verificou se eram

B 6

exequíveis ou não, as actividades propostas. Não houve ligação do terreno com a escola A, B ou C. Limitou-se, pura e simplesmente a receber os projectos, a analisá-los e a emitir uma opinião sobre esses projectos, não houve um trabalho de terreno, no local, com nenhuma das escolas intervenientes.

B 6

P. Que formas e instrumentos de avaliação foram utilizados pelas formadoras?

R. Um trabalho final. Portanto, cada participante ou cada grupo de participantes escolheu um tema relacionado com o Projecto Curricular de Turma e com as temáticas abordadas na acção e apresentou um trabalho. Não quer dizer que durante as sessões não fossem pedidas outras realizações que fossem elementos de avaliação. Nestas acções de formação não há avaliação contínua, isto é tão rápido, o contacto é tão exíguo que os formadores chegam ao fim sem identificarem os formandos, ou seja, não estou a falar desta acção, estou a falar das acções em geral de vinte e cinco horas, com vinte e tal pessoas pela frente que é feito num mês e pouco, normalmente, não se consegue identificar as pessoas pelo nome. É nessa perspectiva que digo que, na prática, normalmente, não há avaliação contínua, nem nesta acção nesta nem nas outras.

P. Participou na selecção das formadoras que orientaram a acção?

R. Não, porque não foi possível, as formadoras apresentaram o projecto, o Centro de Formação candidatou-se e apresentou a acção no plano de formação.

P. Já alguma vez participou na selecção do formador?

R. Não é prática do Centro de Formação participar na escolha dos formadores. O processo é sempre ao contrário, as pessoas apresentam um projecto de formação ao Centro de Formação e o Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua viabiliza ou não esse projecto. O projecto é financiado e o Centro de Formação com esse formador apresentam o nome do projecto à formação. Portanto, não há antes uma escolha dos professores para verem qual é o formador que vai apresentar o projecto.

F 3

Era, provavelmente, interessante que se pudesse fazer a selecção quer das acções de formação quer dos formadores. Mas, sei que é difícil e é impossível.

F 3

Penso mesmo que é impossível no contexto actual utilizarmos toda essa liberdade de escolhermos primeiro as acções, primeiro os formadores e, só depois, mandar a financiamento, porque tudo isto tem que ser feito com um ano de antecedência. Portanto, isto, na prática, era difícil.

P. Que opinião tem dos formadores que teve durante o ano 2002, na formação realizada no Centro de Formação?

R. Eu acho que as formadoras desta acção de formação eram pessoas conscientes, responsáveis e que estavam à altura das exigências.

No geral eu penso que os formadores, quando apresentam um projecto de formação, estão conscientes de que vão ter, quer nos cursos de formação, quer nos círculos de estudos, quer nas oficinas, que levar a “água ao moinho”, não ao seu mas ao de toda a gente. E, portanto, vão ter que dinamizar as acções de formação, apresentando alguns conteúdos, dinamizando a aprendizagem de alguns conteúdos de uma forma que seja agradável porque as acções de formação, além da formação têm também de levar as pessoas a gostarem de participar nessa acção  
Não tenho dúvidas que qualquer formador dos que conheço e dos que já tive como formadores tinham conhecimentos para desenvolverem o projecto de formação que apresentaram, isso é aquilo que lhes é pedido. Continuo a dizer que, em algumas acções, claro que, se me perguntassem: mas esta é a maneira mais correcta de tratar o assunto? Com certeza que não, para Novas tecnologias, o Centro de Formação tem muitos computadores, mas se existisse uma possibilidade de a gente ir em Janeiro, Fevereiro ou Março trabalhar este tema, abordar mais este e aquele assunto, se calhar, havia pessoas que não saíam de lá e que, no fundo, havia sempre coisas a aprender. Não iam só a uma acção de formação se isto estivesse feito de outra maneira e se os formadores estivessem o ano todo a desenvolver acções de formação e as pessoas iam, aí sim, de acordo com as suas necessidades e a sua disponibilidade ter a acção quando queriam e construíam a sua própria formação. Neste caso, o plano de formação sai dentro daqueles prazos porque os formadores têm os seus horários e as suas contingências e é em função do que está, não quer dizer que as pessoas não possam alterar. Não quer dizer que as pessoas não possam pedir um círculo de estudos, porque os círculos de estudos existem. Mas, normalmente, para que se constitua um grupo, é porque já tiveram uma acção com esse formador, é sempre apresentado com um ano de antecedência. Portanto, é sempre em função dessa situação.

P. Em sua opinião, a formação contínua está a permitir que os professores do 1º ciclo adquiram saberes e desenvolvam competências para desenvolverem projectos específicos para as populações com quem trabalham?

C 3

R. As acções de formação estão a desenvolver competências, disso, não tenho dúvidas. Agora, eu já em 1992, quando terminou o PIPS, eu achava que esta modalidade de formação talvez não fosse a melhor. Eu penso, e já na altura pensava, que se devia, ou por concurso ou por currículo, eu penso que seria muito mais vantajoso e menos moroso criar, a nível distrital, um grupo de formadores nas diversas áreas e esse grupo de formadores estava disponível para, durante todo o ano, fazer acções de formação em cada concelho de modo a que existisse continuação e em que as pessoas pudessem optar por módulos de formação.

A 6

Esse grupo, depois de ter sido seleccionado, teria uma ligação às escolas e às Universidades da área, que lhe davam apoio e teria um trabalho no terreno. Portanto, faria um acompanhamento no terreno e ia beber as últimas informações teóricas portanto, teria informações teóricas com outros especialistas, com os investigadores. Portanto, em termos práticos, eu penso que um grupo de formadores nas diferentes áreas com ligação directa às escolas com trabalho no terreno, um grupo por distrito com dois, três, quatro, pessoas, mas em cada uma das áreas que era possível criar uma formação que fosse mais perto das necessidades, e mais de acordo com a disponibilidade dos formandos.

G 7

Mas, a formação que se tem desenvolvido tem a ver com a prática, tem a ver com as pedagogias, tem a ver com a nova mentalidade, tem a ver com os novos métodos de ensino, as diferentes formações dão competências aos professores. Qualquer acção de formação tem sempre algo que valoriza os professores.

Agora, o que eu quero dizer é que, para mim, é possível fazer aqui uma modalidade de formação contínua que seja mais consistente, ou seja, as pessoas, neste momento, escolhem esta formação ou aquela e as acções de formação não têm continuidade. Elas valorizam os professores, desenvolvem competências, não têm muito a ver com a prática, ou seja, não partem das necessidades do terreno.

A 6

Mas, as pessoas podem fazer círculos de estudos, podem criar um conjunto de pessoas desta ou daquela escola, só que tem que ser feito com um grupo de professores, porque num círculo de estudos ou numa oficina, embora o Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua esteja a pressionar para que estas modalidades se venham a generalizar, elas não são muito exequíveis. Porque no 1º ciclo neste concelho é capaz de haver uma percentagem mínima que não chega aos 5% (eu estou a falar sem ter aqui os dados, mas tenho a certeza), que tenha mais de cinco professores em cada escola, ou seja, são poucas as escolas que consigam fazer, por si, um círculo de estudos nesta ou naquela área. E fazem

H 5

numa área ou duas e não fazem nas outras porque só algumas (e contam-se pelos dedos das mãos) escolas é que têm mais de cinco professores a trabalhar. Portanto, não se pode constituir um grupo para formação centrada na escola. Não é possível constituir grupos de formação para círculos de estudos ou oficinas porque não há professores que cheguem mesmo que todos tivessem os mesmos interesses. Porque faz falta ter o mínimo de dez professores, entre dez a quinze para que se constituam os grupos para fazer acções nessas modalidades.

H 5

P. Sente que a formação contínua lhe traz algum contributo para um melhor desenvolvimento das práticas educativas?

R. Sim, claro. Quando as pessoas vão para alguma acção de formação, estão sempre, objectiva ou subjectivamente, a retirar algo que, numa ou noutra situação, vão adaptar. Salvo algumas acções de formação, como a Matemática, as áreas de Expressões e outras, Estudo do Meio, em que pode até haver quase uma ligação directa entre aquilo que se aprendeu e aquilo que é aplicado. As outras são um *background* que nos dão um suporte para determinadas situações que também precisamos. No fundo, é o caso mesmo das acções sobre o currículo, uma pessoa não aplica aquilo directamente mas tem informação, tal como as novas tecnologias, que estão a ser aplicadas e que fazem falta no dia a dia. É um suporte que nos dá informação para, numa ou noutra situação, a gente ter uma atitude mais correcta e dinamizar melhor o processo de ensino-aprendizagem.

C 6

P. Na sua opinião, o que mais tem facilitado e dificultado a sua participação na organização e desenvolvimento da formação?

R. Eu não corri muito por fazer voz activa na escolha e na participação nesta ou naquela acção de formação. Portanto, não fiz a participação directa na escolha e na dinâmica do grupo e na escolha do formador, não o fiz porque não senti necessidade e não me dinamizei para escolher este ou aquele círculo de estudos como formando e, portanto, limitei-me a fazer a minha inscrição nos cursos que existiam.

I 5

Porque eu tenho conhecimento que neste Centro, se aparecer lá alguém com um grupo constituído com o formador, e que este tenha habilitações para ser formador, se ele já for formador reconhecido a acção de formação é desenvolvida sem problemas. O conhecimento que eu tenho é que, de facto, o Centro não põe qualquer obstáculo a essas modalidades. E até posso dizer mais, para o Centro é meio caminho andado, é um processo burocrático que já está feito. Para o Centro, até facilita e o Centro não dificulta nada.

L 4

**Formanda - Entrevista 8 (2003/05/13)**

P. No ano de 2001, foi publicada a reorganização curricular. Este facto teve algum efeito na procura de formação?

R. Tem sempre efeito uma vez que nós sentimos necessidade de fazer formação não só pelos créditos, mas para nos sentirmos mais capazes de exercer as nossas funções. Mas, eu não me limitei muito à reorganização curricular, limitei-me a escolher acções de formação que eu sentisse mais dificuldade e que, portanto, me proporcionassem uma ajuda no meu trabalho.

A 1a

Eu sempre procurei a formação, portanto, como uma ajuda, um apoio no meu trabalho. Procuro sempre a minha formação tendo em conta as minhas dificuldades na minha acção educativa dentro da sala de aula. Por exemplo, há determinadas actividades, nomeadamente as Expressões, em que eu não me sinto muito à vontade, e, portanto, procuro formação ligada a essas actividades para conseguir transmitir, de uma maneira mais adequada, aquilo que pretendo.

P. Costuma participar na organização da formação que frequenta?

R. Não, não costumo participar. O plano de formação vem para a escola, o Centro manda-nos, e eu procuro aquelas acções em que eu sinto falta e mais necessidade de ter formação. Eu nunca senti muito a necessidade de participar nessa organização do plano, porque eu gosto muito de dar aulas e, portanto, eu procuro acções de formação que me valorizem, que dêem apoio, em que eu me sinta mais capaz de conseguir lidar com os meus alunos.

A 2

P. Quais as razões que a mobilizam a preferir mais determinado tema e modalidade de formação?

R. Eu não estou muito dentro das novas tecnologias. Portanto, foi uma das acções que eu procurei porque acho que os computadores, na vida de hoje, são eles que nos põem em contacto com o mundo. Portanto, acho que os miúdos devem ter um leque de abertura, devem saber trabalhar com o computador e investigar. Como eu não me sentia muito à vontade, essa foi uma das acções de formação que eu procurei.

E também nas áreas das Expressões porque são actividades em que eu não me sinto à vontade talvez por não ter tanto jeito.

A 1b

P. A modalidade desta acção teve alguma interferência na selecção da acção?

R. A modalidade não teve interferência. Eu vi o trabalho que ia ser desenvolvido e procurei inscrever-me nestas acções de formação. Portanto, foram naquelas que eu achei que me traziam mais vantagens.

A 1b

P. Já frequentou alguma acção de formação noutra modalidade sem ser curso de formação?

R. As minhas acções de formação têm sido sempre cursos de formação. Eu acho que, às vezes, há trabalhos que seriam mais concretos noutras modalidades, mas acho que, nesta, qualquer coisa que eu não entenda, procuro perguntar ao formador ou procuro investigar. Portanto, acho que a formação que me é oferecida tem-me satisfeito.

C 1

P. Considera que o plano de formação existente se adequa às suas necessidades e às necessidades da sua escola?

R. Eu acho que sim, há várias acções: há Matemática, há Estudo do Meio, há Língua Portuguesa, há Expressões, há novas tecnologias, têm-nos oferecido várias acções de novas tecnologias. Portanto, acho que é uma das actividades que deve estar sempre presente. Portanto, não tenho sentido necessidade de pedir outras acções.

C 1

P. Em que temas se candidatou em 2002, como primeira opção?

R. Foram as novas tecnologias. Portanto, foram as novas tecnologias e foi uma ligada ao Estudo do Meio que também achei muito interessante; era ligada à saúde. Achei muito interessante porque, agora, nas nossas escolas, todos os nossos miúdos, em princípio, frequentam a cantina escolar. Portanto, nós também temos que ajudar os miúdos a saber comer, a saber-se comportar, a desenvolver comportamentos sobre a sua higiene alimentar. Portanto, foi uma das acções que eu também frequentei e achei proveitosa.

A 1b

P. Que conteúdos, instrumentos e metodologias foram utilizadas durante a formação sobre as novas tecnologias?

R. Eles começaram por nos ensinar a investigar, a ir à Internet, a procurar aquilo que nós desejássemos, depois ensinaram-nos a desenhar, ensinaram-nos a colorir, ensinaram-nos várias actividades que nós poderíamos transpor para a nossa actividade. Acho que foi muito proveitosa, pelo menos, para mim. Eu sou uma pessoa que não estou muito disposta para as novas tecnologias e acho que me ajudou, pelo menos, a ter os conhecimentos básicos e a procurar desenvolver na minha escola.

P. Concordou com a metodologia utilizada?

R. Como era uma área que não dominava e, ali, demos os primeiros passos, para mim, foi bom. Portanto, a acção foi ao encontro das minhas expectativas, foi muito proveitosa. Eu tinha um bocado de medo das novas tecnologias e agora já me sinto mais à vontade, tanto é que, na escola, o computador é utilizado.

Sobre os conteúdos, cada um fez um trabalho. Portanto, íamos à Internet procurar aquilo que queríamos e, por acaso, escolhi o “Lobo Ibérico”. Procurei várias informações para passar para o Word e arranjamós várias imagens para ilustrar o nosso trabalho e acho que foi um trabalho bonito. E depois até trocamos experiências, portanto, leram o trabalho, mostraram uns aos outros, estivemos a ver e acho que foi um trabalho interessante.

Durante a formação, qualquer coisa que nós não sabíamos, os formadores ajudavam. Portanto, foram dois formadores: davam alguns dos conhecimentos que tinham, deram algumas fotocópias e ajudavam-nos. Qualquer dificuldade, nós chamávamos e eles iam até junto de nós. Portanto, acho que foi um trabalho rico.

F 2

P. Que papéis assumem os formandos e o formador durante essas acções?

R. Eles eram como colegas. Eles não estavam numa posição de serem as pessoas que transmitem os conhecimentos. Eles estavam lá para nos ajudar. Senti que estávamos ali como colegas a tentar superar as nossas dificuldades e a procurar qualquer coisa que nós não sabíamos. Portanto, não senti que eles estivessem muito distantes. Senti que eles estavam a trabalhar em parceria connosco e, portanto, não senti grande distância. Porque, às vezes, há pessoas que nós sentimos muito distantes. Aqueles, não, pelo menos senti que estiveram em parceria connosco.

F 2

P. E que papel assumiram os formandos durante a formação?

R. Havia formandos que já tinham participado em várias acções de formação. Como já sabiam, estavam ali por estar, não era para aprender, eu penso que era mais para se divertirem. É um trabalho que lhes agrada e, portanto, às vezes até diziam “isto já sei, não é preciso desenvolver, nós já sabemos”. Mas eu não, eu e outras, estávamos ali para aprender. Algumas pessoas já sabiam, e os formadores, às vezes, não estavam tão atentos a quem não sabia como eu. Talvez esse até fosse um aspecto negativo. Não sei se foi mas, como já sabiam diziam “como já sabemos, é passar à frente” e alguns de nós estávamos para aprender.

Como não havia computadores para toda a gente, trabalhámos sempre em grupos de dois, e até foi bom, porque eu procurei uma pessoa que não soubesse



muito, mas que soubesse alguma coisa para começar, talvez para que não houvesse uma grande distância entre nós.

Durante a acção penso que desistiram duas pessoas, penso que por questões de horário. É um dos inconvenientes, mas tem que ser, não é? Um dos inconvenientes é nós, depois de um dia de trabalho, estarmos ali duas horas seguidas, isso é uma desvantagem porque se fica um bocado cansado.

P. Durante as acções existiu alguma articulação entre a formação e os projectos educativo e curriculares da sua escola?

R. Não, na acção não foi feita essa articulação. Nós aproveitamos os conhecimentos para depois, mas na acção não houve articulação com os projectos.

B 6

P. Que formas e instrumentos de avaliação foram utilizados pelo formador?

R. Nós fizemos um trabalho de grupo e, depois, esse trabalho foi gravado e nós ficamos com as fotocópias. Depois, apresentamos o trabalho, tivemos que dizer como o fizemos e trocaram-se impressões sobre os trabalhos desenvolvidos. Esse trabalho serviu para a avaliação final, nós fomos fazendo o trabalho durante a formação. Foi um trabalho prático e eu acho que tem vantagens, porque se tivesse sido fora da acção, poderia nem ter sido feito pelos formandos. Para a parte teórica tínhamos que ir buscar documentação à Internet, recortar e colar com a ajuda do formador.

P. Participou na selecção do formador que orientou as acções?

R. Não, não participei. Estes formadores são pessoas que já vêm de longa data. Portanto, são pessoas com uma Licenciatura em Comunicação e acho que estão dentro do assunto e eu sinto que inspiravam segurança. Sabia-se que qualquer problema que houvesse, principalmente um deles resolvia-o. Um transmitia imensa segurança, qualquer problema que nós tivéssemos, ele resolvia.

Eu já conhecia os dois formadores, mas inscrevi-me pela temática. Para seleccionar formadores, tinha que os conhecer bem. Para serem formadores, têm que ter determinadas habilitações, têm que ter determinados conhecimentos sobre a área que vão desenvolver, não é? Portanto, eu não os conheço, não podia fazer bem essa selecção. Estes formadores são pessoas que já há bastante tempo têm desenvolvido estas acções.

F 3

P. Que opinião tem dos formadores que teve durante o ano 2002, na formação realizada no Centro de Formação?

R. Destes, tenho óptima, principalmente de um deles. Acho que um inspirava mais segurança, talvez por o outro ser mais calado, portanto, talvez pela

sua postura. Agora, eu tenho tido sorte, acho que os formadores têm sido competentes. Nas acções que eu tenho frequentado, acho que têm sido orientadas por pessoas competentes e pessoas que nos inspiram confiança e segurança. Não só neste Centro de Formação, mas também noutras instituições que também já tenho frequentado formação, como no Centro L. e também já frequentei algumas acções na Casa do Professor.

**P.** Em tua opinião, a formação contínua está a permitir que os professores do 1º ciclo adquiram saberes e desenvolvam competências para desenvolverem projectos específicos para as populações com quem trabalham?

**R.** Se está a atingir esses objectivos, não sei, devia ser. Portanto, as acções de formação deviam ser canalizadas nesse sentido para se desenvolverem projectos nas freguesias em que as pessoas estão inseridas.

No meu caso, eu já conheço muito bem a freguesia onde moro, já trabalho lá há vinte e nove anos, e conheço mais ou menos as carências que existem na freguesia. E o trabalho que nós temos desenvolvido e o projecto educativo é feito tendo em conta essa carências. Penso que aquilo que vou aprendendo nessas acções tem contribuído para que haja um envolvimento de toda a comunidade educativa no projecto que nós tentamos desenvolver, tendo em vista as carências existentes. Eu procuro formação e acho que essa formação vai ajudar a que esse projecto se desenvolva positivamente, portanto, penso que contribui sempre.

**P.** Sente que a formação contínua lhe traz algum contributo para um melhor desenvolvimento das práticas educativas?

**R.** Isso sem dúvida. Até porque eu procuro a formação contínua não é pelos créditos, mas para me valorizar e, valorizando-me a mim, valorizo o ambiente de trabalho. Portanto, acho que há uma ligação, portanto, se eu procurar formação, o que eu aprender vai sempre ser transmitido, de alguma maneira, nas minhas atitudes, nas minhas palavras ou em tudo o que eu consiga transmitir. Pode não ser só a falar, pode até ser no meu comportamento. Portanto, vai ser apreendido pelos alunos e pelo meio envolvente, por isso, acho que tem.

C 6

**P.** Durante a formação sentiu que as professores estavam lá para obter créditos ou para se valorizarem profissionalmente?

**R.** Na acção das novas tecnologias, por acaso, até senti que as pessoas estavam ali porque, talvez não fosse tanto pelos créditos, acho que não. Acho que foi mesmo para as pessoas saberem aproveitar as novas tecnologias.

P. Na sua opinião, o que mais tem facilitado e dificultado a sua participação na organização e desenvolvimento da formação?

R. Às vezes, há uma atitude menos positiva dos formandos. Eu não tenho participado porque há um Centro de Formação que coordena todas as actividades e eu nunca me quis envolver na escolha dessas actividades. Embora, às vezes, no final têm-nos questionado se nós gostamos da acção, porquê, se achamos que o formador esteve à altura, e isso, talvez, já seja um envolvimento. Porque as pessoas que estão a orientar a criação dessa formação toda, acho que devem ter em conta a nossa opinião. Agora directamente é que não me tenho envolvido, mas dou a minha opinião, através desses inquéritos e acho que deve ser tida em conta a opinião dos formandos.

I 5

Costumo sugerir e costumo ser muito rigorosa a preencher. Procuro ser o mais correcta possível, dentro daquilo que eu acho que deve ser o trabalho do formador e já tenho dado sugestões de actividades que possam ser desenvolvidas.

O horário, depois de um dia de trabalho, também é um obstáculo. Uma pessoa também se sente cansada. Mas, nós estamos ali no sentido de aprendermos o mais possível e, portanto, talvez isso seja uma vantagem. Como estamos ali com a avidez de aprender, acho que é uma vantagem, o que vem, muitas vezes, superar o cansaço que nós sentimos.

## Formanda - Entrevista 9 (2003/05/20)

P. No ano de 2001, foi publicada a reorganização curricular. Este facto teve algum efeito na procura de formação?

R. Penso que não, pelo menos aqui neste Centro já se preocupavam há alguns anos com os temas muito ligados ao currículo, não notei que houvesse muito de diferente. Esta acção foi sobre um tema novo, mas, penso que não tem a ver com esta publicação, tem a ver com o formador, que é uma pessoa muito dedicada a esta temática, com o facto de muitas pessoas o conhecerem.

P. Costuma participar na organização da formação que frequenta?

R. Não, quem faz plano, aqui, é a Comissão Pedagógica, e como há lá um representante do 1º ciclo, não temos participado. Antes de ser feito o plano, é feito um inquérito nas escolas para saberem qual é a formação que gostaríamos de ver contemplada. E, a partir desse levantamento, o Centro faz o plano, portanto, no fundo, participamos. Eu, de vez em quando também dou sugestões, quando falo com a Directora do Centro, já lhe tenho dito: podia fazer uma acção assim. Tenho dado sugestões mas organizar, ser eu a organizar, propriamente, não.

P. Quais as razões que a mobilizam a preferir mais determinado tema e modalidade de formação?

R. Eu como estou a trabalhar na Educação Especial, sinto-me mais vocacionada para frequentar acções deste género. Todas as que há à volta deste Centro ou Braga, Viana ou Porto, eu tento frequentar essas todas, porque estou, neste momento, a trabalhar nos apoios educativos. Mas a educação sexual também me entusiasma porque no ano passado andei numa desse género; tem também a ver com a educação especial, tem a ver com tudo, com toda a educação.

A 1b

P. Porque preferiu a modalidade de curso de formação?

R. O que me levou àquela acção foi o tema, não foi a modalidade. A modalidade de que eu gosto mais é círculo de estudos, mas eu não sei se eles funcionam mesmo como círculo de estudos. Acabam sempre por ser cursos de formação, porque num círculo de estudos tem que haver muito trabalho fora do Centro. Tem que haver muito trabalho a nível do formando e eu não vejo muito isso, não que eu tenha frequentado mas tenho observado. O círculo pressupõe que tenha que se criar muito material, mesmo, e isso dá trabalho. Frequentar, nunca frequentei mas sei bem o que é um círculo de estudos. Nós depois vamos falando com os colegas que estão a participar e vê-se bem que não é círculo de estudos.

A 1b

Os círculos de estudos é para quando se tem uma necessidade comum àquela turma. E, a partir dali, vão pesquisar, vão estudar. Mas não é o que acontece, geralmente, é o formador que domina sempre a acção.

A 1b

P. Considera que o plano de formação existente se adequa às suas necessidades e às necessidades da sua escola?

R. Sim, penso que sim. É bastante variado, mesmo. Nesse aspecto, penso que o Centro tem tido esse cuidado, tem todas as áreas de formação.

C 1

Na modalidade, penso que é mais o curso de formação. Tem havido um ou outro círculo de estudos mas... Pode não ser bem assim, posso estar enganada.

P. Não tem sentido necessidade de realizar formação noutras modalidades?

R. Da formação, a gente tem sempre necessidade, eu gosto de aprender coisas novas, senão, não ia. O meu critério é, se calhar, interessar-me. Nunca fui por causa dos créditos. Fiz a especialização e subi dois escalões, a partir daí, desde que os Centros iniciaram este tipo de formação, nunca fiz formação para subir, porque já estou no topo da carreira.

P. Em que temas se candidatou em 2002, como primeira opção?

R. Foi esta acção, Educação para a Cidadania. Lá está, tem a ver com a educação especial e também fiz a de educação sexual, foram as duas.

P. Que conteúdos, instrumentos e metodologias foram utilizados durante essa formação?

R. Foi mais análise de documentos e depois vimos quais são os pontos do currículo do ensino básico que estavam relacionados, analisamos quais os conteúdos dos manuais que contemplam esta área...

Sobre a metodologia, houve trabalho de grupo que foi apresentado à turma. O último não foi apresentado, mas como o trabalho foi feito durante a acção, íamos comentando e transmitindo uns aos outros.

P. Que papéis assumem os formandos e o formador durante essa acção?

R. Houve bastante troca de ideias, houve interacção. Este formador tem tendência para discursar muito.

P. Concorde com a metodologia utilizada?

R. Não, porque o formador devia dar mais a palavra aos formandos. A participação não partia dele, mas nós provocávamos. Dizíamos “agora vou falar eu” e ele aceitava muito bem, nesse aspecto ele aceitava.

E 2

P. Durante a acção existiu alguma articulação entre a formação e os projectos educativo e curriculares da sua escola?

R. Não, não. O único trabalho que fizemos relacionado com a escola foi esse de analisarmos os manuais utilizados e descobrir quais os conteúdos dos manuais que tinham a ver com Educação para a Cidadania.

B 6

P. Que formas e instrumentos de avaliação foram utilizados pelo formador?

R. A avaliação, pelo que eu me apercebi, foi contínua e houve, depois, a avaliação final que foi aquele relatório que tínhamos que fazer. O nosso foi um trabalho de grupo, foi engraçado, foi acerca dos manuais, foi um trabalho prático. Tinha alguma teoria, também, mas foi prático, até foi um bom trabalho. A parte prática foi durante a acção, a parte teórica foi depois a acção.

P. Sentiu que o formador respondeu às suas necessidades e às dos outros formandos e das suas escolas?

R. Senti. Quando a gente fazia perguntas, ele aderiu às nossas situações. Ia à nossa beira, trabalhava um pouco em grupo, intervinha sobre aquilo que lhe pedíamos, dava ajuda para o trabalho, sugestões...

E 2

P. Participou na selecção do formador que orientou a acção?

R. Não, nem o conhecia, conheci-o ali. Tinha ouvido falar já dele até porque tinha havido aqui um grande encontro relacionado com os direitos do Homem e ele foi o organizador disso, conhecia o nome, mais nada.

Só participei na selecção dos formadores para a acção de educação sexual. Fui eu que dei a sugestão ao Centro daqueles formadores. Conhecia-os, sabia que eles tinham especialização nessa área e sugeri ao Centro.

P. Que opinião tem dos formadores que teve durante o ano 2002, na formação realizada no Centro de Formação?

R. Tenho gostado muito deles. Este fala muito, é demasiado expositivo. Não deixa o formando falar. Mas os outros formadores que conheço são mais ou menos no mesmo género. Encontram-se com mais frequência formadores muito teóricos. Começam a expor demasiado as sessões, a dar muitos acetatos e cansa estar a olhar para o acetato. Há formadores que abusam um bocadinho disso, da exposição e dos acetatos.

C 3

P. Em sua opinião, a formação contínua está a permitir que os professores do 1º ciclo adquiram saberes e desenvolvam competências para desenvolverem projectos específicos para as populações com quem trabalham?

R. Eu acho que não. Os projectos fazem-se porque têm que se fazer, salvo raras excepções.

A 6

P. Sente que a formação contínua lhe traz algum contributo para um melhor desenvolvimento das práticas educativas?

R. Isto tem sempre alguma influência. Há sempre um bocadinho que fica cá e isso vai influenciar a prática. Eu lembro-me de uma acção que frequentei, não foi aqui, foi no Porto, onde se utilizou muito o trabalho de grupo, mas foi ali que eu fiquei a saber como é que se faz o trabalho de grupo. O que eu estava habituada a fazer não era aquele tipo de trabalho de grupo, eram sempre os mesmos grupos e ali não. Nós, no mesmo dia, tínhamos trabalho de grupo, mas nunca os elementos eram os mesmos, os elementos rodavam. Quem foi o porta-voz aqui, cada elemento que esteve no outro grupo tinha que ser o porta-voz de outro grupo. Tinha que transmitir ao outro o que se fez ali, foi um trabalho muito interessante. A partir dali, eu comecei a utilizar mais o trabalho de grupo, principalmente aqui nesta escola, apesar de com estes meninos ser difícil, mas fiquei a saber bem o que é um trabalho de grupo.

C 6

P. Na sua opinião, o que mais tem facilitado e dificultado a sua participação na organização e no desenvolvimento da formação?

R. Nós estamos muito habituados a que as coisas nos cheguem às mãos. Isto é um deixa andar, é um comodismo da nossa parte. Acomodamo-nos aos planos feitos sempre pelos Centros. Às vezes, o próprio plano de acção vai para as escolas e nós não valorizamos muito, se tivermos necessidade, vamos procurar uma acção. O obstáculo é o nosso comodismo, já é uma tradição que temos. No decorrer da acção, eu não gosto muito de acções só para professores do 1º ciclo, só para os do 2º, acho que as acções são boas para todos e devemos estar todos em todas as acções. A selecção devia ser mais heterogénea. E, depois, quando são só professores do 1º ciclo as acções são muito monopolizadas por eles. Eu acho que todos os temas deviam ser para todos os ciclos, mas em conjunto.

I 5

F 4

Esta acção até foi para todos os professores, mas há acções só para o 1º ciclo e há acções só para educadoras.

Como facilidades, o Centro, acho que é muito receptivo às nossas ideias, nesse aspecto, acho que é exemplar. Sem ser só ao nível da formação, toda a bibliografia que tem concebido manda para as escolas, dá material, temos material que o Centro dá, material que sobra das acções, material didáctico. Põem sempre à disposição os computadores, as salas para fazermos trabalhos...

L 4

**Formanda - Entrevista 10 (2003/05/20)**

P. No ano de 2001 foi publicada a reorganização curricular. Este facto teve algum efeito na procura de formação?

R. Não, porque eu já procurava formação antes desta reorganização, portanto, sempre que sinto necessidade ou acho oportuno determinado tema para o exercício das minhas funções. Portanto, não foi isto que veio alterar a procura de formação.

P. Costuma participar na organização da formação que frequenta?

R. Na organização dos planos, não. Quer dizer, quando fazemos aquela avaliação no final da formação, normalmente, costumamos fazer propostas de formação. Na área dos apoios a crianças com necessidades educativas, penso que já fizeram umas duas ou três acções de formação nessa área. Portanto, tem correspondido, tem dado resposta às minhas necessidades e às necessidades da escola.

A 2c

C 1

P. Quais as razões que a mobilizam a preferir mais determinado tema e modalidade de formação?

R. Tem muito a ver com a área que estou a exercer, ou, então, tem a ver com conteúdos que eu penso que me irão enriquecer.

A 1a

P. Porque seleccionou formação na modalidade de curso de formação?

R. Normalmente, tenho frequentado mais nesta modalidade, em cursos de formação. Estive para frequentar num círculo de estudos, mas, depois, tive pena de não poder frequentar porque coincidiu com outras actividades. Mas gostaria de experimentar porque dizem que é muito prático, há mais intervenção dos formandos e é menos teórico. Gostava de experimentar mas ainda não fiz nenhum.

A 1b

A formação que tenho feito tem sido predominantemente teórica e esta também foi muito teórica. Teve alguma parte prática mas foi, essencialmente, teórica. O formador expôs bastante o tema, embora nos desse oportunidade de intervir, mas a nossa participação, às vezes, tinha que ser imposta porque ele não dava oportunidade.

E 2

P. Considera que o plano de formação existente se adequa às suas necessidades e às necessidades da sua escola?

R. Penso que sim, até porque o leque que, normalmente, é oferecido, é vasto e vai dando resposta às várias necessidades dos professores.

C 1



P. Em que temas se candidatou em 2002 como primeira opção?

R. Eu penso que não me candidatei a nenhuma. Para esta acção, fui contactada por uma colega porque havia falta de formandos e a acção corria o risco de não se efectuar por falta de *quórum*. E, então, uma colega que estava a frequentar esta acção contactou-me. Eu achei o tema interessante e acabei por frequentá-la, mas não foi uma primeira opção ou como uma necessidade, digamos, no momento em que foi realizada, não é? Mas foi interessante, há sempre alguma coisa, algum contributo, conteúdos novos que acabamos por assimilar. Acho que foi interessante, acho que sim.

A 1b

P. No ano de 2002, não se candidatou a nenhuma acção de formação. E nos anos anteriores, o Centro de Formação correspondeu à sua primeira opção?

R. Correspondeu e foi precisamente na área que estou a exercer, no Ensino Especial.

P. Que conteúdos, instrumentos e metodologias foram utilizados durante essa formação?

R. Nesta acção de Educação e Cidadania, os conteúdos foram os conceitos e finalidades de Educação para a Cidadania na sala de aula e na escola e também os direitos humanos.

Os instrumentos, eu penso que também foram adequados. Ele foi-nos fornecendo algum material de apoio para que pudéssemos acompanhar mais a acção, até em termos de material, a acção foi bastante pertinente porque podíamos, depois, na prática, aproveitar.

Sobre as metodologias, houve muita exposição, devia haver mais componente prática, foi mais à base da exposição. E depois o debate de alguns temas mas foi, essencialmente teórico, exposição.

P. Concorda com a metodologia utilizada?

R. Não concordo muito porque eu prefiro a parte mais prática, digamos assim. O formador foi, várias vezes, alertado para haver mais participação, mas não mudou muito a sua atitude. Ele concordava mas penso que não mudou muito ao longo da formação, já trazia as coisas mais ou menos estruturadas.

E 2

P. Que papéis assumem os formandos e o formador durante essas acções?

R. O formador teve mais um papel de expositor, nós, os formandos, assumimos um papel mais passivo. Portanto, não tivemos assim muitas intervenções, embora tivéssemos alertado o formador para isso, mas a

oportunidade que nos era dada quase que era por nós imposta. Era mesmo a necessidade de, naquele momento, intervir.

P. Durante as acções, existiu alguma articulação entre a formação e os projectos educativo e curriculares da sua escola?

R. Penso que não, com os projectos desta escola, não. Mas penso que alguns colegas da formação fizeram um trabalho final que tinha a ver com a prática, acabaram por aproveitar isso e fazer essa articulação.

P. Que formas e instrumentos de avaliação foram utilizados pelo formador?

R. Eu penso que a avaliação foi contínua e depois também houve uns trabalhinhos ao longo da acção e essa tal avaliação final que tivemos. Foi um trabalho de grupo, teve um bocadinho mais de componente prática que foi a análise de manuais e, depois, apresentamos por escrito. Depois acho que fizemos uma apresentação ao grupo, dissemos no que consistia o nosso trabalho e o que tínhamos feito, em linhas gerais.

P. Participou na selecção do formador que orientou a acção?

R. Não, até porque nem conhecia, só conheci quando fui participar na acção.

P. Que opinião tem dos formadores que teve durante o ano 2002, na formação realizada no Centro de Formação?

R. Foi só esta formação que frequentei esse ano. Gostei do formador, de uma forma geral, gostei, acho que era acessível. Só não concordei muito com a forma como ele expôs as coisas.

P. E que opinião tem dos formadores que teve nos últimos anos?

R. Têm trabalhado muito à base de expor os conteúdos, vai havendo alguma intervenção nossa, mas quase todos têm o mesmo perfil na orientação e na apresentação da acção, independentemente dos temas. Pelo menos, nas que tenho frequentado, não sei se será regra geral. Daí, se calhar, a necessidade de experimentar uma outra modalidade, como o círculo de estudos para ver se é diferente ou não. Mas as que tenho frequentado têm sido, na maior parte das vezes, orientadas mais para a exposição.

C 3

P. Em sua opinião, a formação contínua está a permitir que os professores do 1º ciclo adquiram saberes e desenvolvam competências para desenvolverem projectos específicos para as populações com quem trabalham?

R. Eu penso que não. Sinceramente, penso que não, porque os professores acabam por fazer essas acções mas, depois, não transpor para o dia a dia, para a prática.

A 6

Agora em termos pessoais, a formação tem ajudado imenso. Há sempre um contributo novo, há sempre alguma coisa que se acrescenta à nossa experiência e à forma como lidamos com os alunos.

C 6

**P.** Sente que a formação contínua lhe traz algum contributo para um melhor desenvolvimento das práticas educativas?

**R.** Tem contribuído para melhor.

C 6

**P.** Na sua opinião, o que mais tem facilitado e dificultado a sua participação na organização e no desenvolvimento da formação?

**R.** Na organização, penso que não temos tido grande intervenção, mas eu penso que não há obstáculos, pelo menos eu não os tenho detectado. Não tenho participado na selecção dos formadores nem nos planos porque espero pela oferta e vejo o que me agrada. Como facilidades, o Centro tem uma grande oferta, normalmente o que oferece é bom.

**P.** Se dependesse de si, fazia alguma alteração à formação desenvolvida por este Centro de Formação?

**R.** Não. Penso que as acções são diversificadas, portanto, tem dado resposta à maior parte dos professores e às necessidades que eles sentem. Quanto às modalidades, tenho a mesma opinião, sei que há outras, só que eu tenho frequentado este tipo, mas sei que há outras modalidades. Eu é que ainda não me inscrevi noutras modalidades, não tenho procurado.

## **ANEXO nº 10**

### **DISCURSOS DOS ENTREVISTADOS DO CINOVA**

**Director - Entrevista 11 (2003/03/05)**

**P.** Neste último ano, foi publicada a reorganização curricular. Este facto teve algum impacto na organização do plano e na procura da formação neste Centro?

**R.** A nossa formação não está organizada na perspectiva da oferta, está organizada na perspectiva da procura de formação pelos docentes. Portanto, os docentes organizam-se e agora em relação ao pré - escolar e ao 1º ciclo como as escolas já estão agrupadas, já têm assento na Comissão Pedagógica do Centro, que é o seu órgão máximo. Essas pessoas, que são os Presidentes dos Conselhos Pedagógicos é que trazem as propostas de formação dos docentes do seu agrupamento. Isto não quer dizer que um grupo de docentes não possa dirigir-se directamente ao Centro e pedir essa formação. Pode e até tem acontecido para o 1º ciclo e para o pré escolar. Há grupos de pessoas que vêm aqui e que solicitam directamente. Com base nisso é que o Centro prepara as acções e prepara o plano de formação.

A 2

**P.** Então os agrupamentos vieram facilitar a organização da formação?

**R.** Vieram facilitar muito.

**P.** Se não houvesse agrupamentos esse trabalho seria mais difícil.

**R.** Claro, mas antes de haver os agrupamentos nós já trabalhávamos nesse sentido, o que era mais complicado, porque isso obrigava-me a mim e aos representantes do 1º ciclo e do pré -escolar da Comissão Pedagógica a fazermos reuniões pelas escolas e pelos jardins de infância, só que era muito mais difícil o contacto, neste momento é muito mais fácil. Os agrupamentos vieram facilitar a metodologia de trabalho que o Centro adopta.

D 4

**P.** Cada agrupamento tem um representante na Comissão Pedagógica?

**R.** Sim, tem um representante na Comissão Pedagógica. Ainda sobre o impacto da reorganização curricular na formação, eu vou-lhe responder na perspectiva das inscrições, mas, este impacto não é no sentido da procura das pessoas, é no sentido de responder ou a agrupamentos ou a grupos de docentes do 1º ciclo que solicitaram essa formação. Eu posso dizer que houve de facto algum impacto porque houve muitas pessoas preocupadas com a reorganização curricular, a solicitar formação nessa área, fundamentalmente na área do PCE e do PCT.

A 1b

Mas, apesar de prepararmos as acções para um grupo de professores, por exemplo, preparamos acções para um grupo de professores de uma escola do 2º e 3º ciclo, mas essa acção podia ter até 16 pessoas e só tinha 12, nós permitimos a frequência a outras pessoas que manifestaram interesse em frequentar essa acção. Então vamos escolher 4 pessoas interessadas para completar o número. Apesar de ser uma acção de formação destinada a uma escola do 2º e 3º ciclo, muitas vezes, entram pessoas do 1º ciclo, porque nós tentamos acreditar as acções em termos de níveis de ensino, o mais alargado possível.

P. Então não há acções só para o 1º ciclo?

R. Nem há só para o 1º ciclo, nem há só para o secundário. Então o que acontece é que, por exemplo, na temática da reorganização curricular nós em 2002 fizemos 15 turmas, também para o 1º ciclo, todas solicitadas pelas escolas, ou pelos agrupamentos, ou por grupos de docentes. Nós fizemos 7 turmas sobre Estudo Acompanhado, onde estiveram pessoas do 1º ciclo.

A 1b

P. Essas turmas fazem parte do plano de 2002?

R. Essas acções constam nesse plano, mas o número de turmas previsto era diferente, porque depois houve solicitações, quer dizer, houve acções que foram pedidas por um agrupamento e depois outro agrupamento manifestou interesse e nós reproduzimos essa acção. Então, além das turmas de Estudo Acompanhado, fizemos 3 turmas de PCE e PCT, fizemos 5 turmas de Metodologia de Projecto e mais 1 turma de Formação Cívica e não estou a entrar nas Tecnologias porque este é um trabalho que já vem de trás, de se fazer muito investimento.

A 1b

P. O 1º ciclo também está incluído nesse trabalho?

R. Essas acções estiveram abertas a toda a gente, embora destinadas a um público alvo. O que é que se esse público era um agrupamento estavam pessoas do 1º ciclo, mas, se era uma escola só do 2º e 3º ciclo, mas se essa escola não ocupava as vagas todas nós íamos completar com pessoas diversas que também pertenciam ao 1º ciclo.

G 2

Agora, há outra coisa que eu queria dizer, a propósito disto. É que, como sabe, não podemos olhar para a formação procurada pelas pessoas do 1º ciclo, porque durante o período que estão a fazer os complementos de formação não têm disponibilidade para fazer formação contínua. Não é porque não quisessem, eu tenho aqui uma ou outra pessoa, que apesar de estarem a fazer os complementos de formação estão a fazer acções de formação contínua, mas com muito esforço, porque os horários são incompatíveis.

P. Mas em relação aos anos 2000 e 2001, em 2002 há menos formação?

R. Sim, há menos, porque as pessoas do 1º ciclo procuram menos, não pedem tanto a formação contínua, e compreende-se, como eu já disse. Porque há um número muito elevado de pessoas a fazer os complementos de formação, ou estão na parte curricular, ou estão a fazer os trabalhos e não têm disponibilidade.

E 5

P. Então a reorganização curricular teve impacto na formação organizada e desenvolvida por este Centro?

R. Sim, teve muito impacto.

Em relação às Tecnologias já é um trabalho que vem de trás e há muita gente do 1º ciclo a fazê-lo. Não sei se sabe, nós temos aqui uma actividade que é um concurso junto das escolas do 1º ciclo, que é o NET Concurso, este é o terceiro ano que funciona. É um concurso que nós fazemos para os professores trabalharem com os seus alunos. Nós colocamos questões na Internet, questões de Matemática, de Estudo do Meio... e os alunos vão à página aqui do Centro ver qual é a pergunta tratam aquilo, cada professor com os seus alunos, e depois respondem à pergunta através, também, da página da Internet. No fim do ano fazemos uma seriação, uma classificação das turmas para apurar o ano de escolaridade e no fim fazemos sempre qualquer coisa. Portanto, no primeiro ano fizemos uma festa grande com desenhos animados, da qual os meninos gostaram muito. Depois no ano seguinte envolvia já muita gente e não conseguíamos trazer todos os alunos envolvidos, então fizemos o contrário, arranjamos prendas e fomos nós pelas escolas entregar. Este ano ainda não decidimos o que vamos fazer, mas em princípio também será isso, portanto, vamos nós às escolas entregar umas prendinhas para os alunos e para as escolas. Actualmente, já há muitas colegas do 1º ciclo que estão envolvidas neste trabalho com os seus alunos e isto, ao fim e ao cabo, também é formação.

C 1

C 1

P. Neste Centro há acções de formação apenas para o 1º ciclo?

R. Às vezes fazemos, fazemos, é muito raro mas às vezes pode aparecer. Em 2002 não realizámos nenhuma que fosse só para o 1º ciclo. Nós não fazemos diferença na formação entre o pessoal docente e não docente e entre os diversos níveis de ensino, não fazemos diferença nenhuma.

G 2

Em relação às acções, vamos imaginar que uma acção é pedida por um grupo de professores do ensino secundário, mas se nós verificarmos que essa acção tem pertinência também para outro nível de ensino, nós pedimos a sua

acreditação para outros níveis de ensino, apesar de depois ela ser só realizada para professores do ensino secundário.

O que eu quero dizer em relação a isso, é que essa especificidade em relação aos professores do 1º ciclo é dada pela procura da formação das pessoas. As pessoas vêm aqui e dizem que querem fazer formação nesta área.

C 1

As pessoas é que vêm aqui e propõe, através dos Presidentes dos Conselhos Pedagógicos dos agrupamentos ou mesmo directamente. Por exemplo, nós temos aqui dois grupos de professores constituídos por pessoas do pré-escolar e do 1º ciclo que todos os anos nos pedem formação, sem passar pelo pedagógico e sem passar pelo agrupamento. Pedem-nos directamente, gostam de fazer todos os anos uma acção de formação contínua. Há sempre nesse grupo uma ou duas pessoas que lideram o processo, fazem o contacto com as pessoas, logo em Junho e Julho entregam as fichas com os dados das pessoas para o ano seguinte, o tema que querem, preparam logo tudo. Apesar de estarem com pessoas novas querem continuar a fazer aqui formação com quem já trabalharam. Se as pessoas do 1º ciclo pedirem agora uma acção de formação, nós fazemos essa acção de formação, mesmo ao longo do ano lectivo.

A 2

P. Mas o pedido de acreditação não tem um período de tempo determinado?

R. Tem, mas, peço, peço mesmo agora.

P. Mas, então têm conseguido acreditar as acções sem ser nesse período?

R. Temos conseguido, pode durar dois meses. Se pedirmos agora, início de Março, podemos começar em Maio, por exemplo.

A 4

P. E consegue sempre a acreditação dessas acções?

R. Isto é muito difícil, este modelo de formação dá muito mais trabalho. É uma formação centrada na escola, as necessidades de formação devem ser sentidas colectivamente e não individualmente. Se numa escola uma professora pede um tema de formação, outra pede outro tema e depois verifica-se qual é a formação mais votada para ser realizada, isso não é formação centrada na escola. Para ser formação centrada na escola tem que partir de um problema que aquela escola ou agrupamento tem. E a partir dali é que se vai então preparar a formação para dar resposta àquele problema, ajudar a resolver aquele problema, encontrar alguma solução.

P. A maior parte das acções são realizadas nas escolas ou aqui no próprio Centro?



R. Cá no Centro fazemos muito poucas acções. Mas há o problema da metodologia que varia muito de escola para escola, há conselhos executivos e pedagógicos que ainda não entendem bem o que isto é e há outros que trabalham muito bem. Portanto, mesmo dentro do Centro há escolas que trabalham isto a vários ritmos e há escolas que entendem este modelo de uma forma muito boa e adequada.

A escola ou o agrupamento tem o seu plano de formação que propõe aqui para nós darmos resposta a esse plano, eu digo como é que esse plano de formação é construído. É que muitas escolas não partem, precisamente dos problemas e dos constrangimentos que a escola tem, são os professores individualmente. E se vai construir-se uma formação para dar resposta a necessidades individuais é uma coisa, construir um plano de formação para dar resposta às necessidades da escola enquanto organização, com pessoas colectivas, é completamente diferente. E o que eu digo é que há escolas que ainda fazem isso de uma forma a dar resposta à percepção das necessidades individuais de cada professor. Este não é o melhor modelo.

F 5

Mas, neste aspecto o nosso Centro tem melhorado muito, mas eu ainda não estou satisfeito com isso, nada satisfeito. Portanto, ainda há um longo caminho, um longo percurso. Depois sabe que a mudança dos órgãos de gestão tem muita influência nisso. Muitas vezes, uma escola está a trabalhar muito bem, mas mudando o Presidente do Conselho Pedagógico volta quase tudo ao ponto zero.

G 5

Há escolas que já têm uma filosofia de trabalho, que é manter senão a totalidade, parte dos elementos dos órgãos de gestão e assim há uma continuidade de trabalho, com essas escolas trabalha-se muito bem a nível de formação.

C 4

Nas escolas em que há mudanças drásticas nos órgãos de gestão com muita frequência, temos dificuldade de trabalhar em termos de formação.

G 5

P. Tem acontecido muito essas mudanças nos órgãos de gestão dos agrupamentos deste concelho?

R. Tem acontecido, isto em termos do Conselho Executivo, mas em termos do Conselho Pedagógico, isso depende do regulamento interno da escola, mas há escolas e agrupamentos em que o Presidente do Conselho Pedagógico pode mudar no final de cada ano. Nestes casos, todos os anos temos um Presidente do Conselho Pedagógico diferente, e muitas vezes, esse Presidente também tem pessoas diferentes no Conselho Pedagógico da sua escola. Esses não conhecem, temos que trabalhar novamente o conceito de formação centrada na escola, o que

é isso, como se faz... Quando é que isso chega aos docentes dessa escola? Não chega nesse ano lectivo. Está a ver as dificuldades que existem? Aquela formação de apresentar um menu, uma lista, para que as pessoas venham aqui escolher, torna-se mais fácil, só que, quanto a mim, não tem resultados. Mesmo no modelo que tentamos seguir os resultados são muito pequenos e demoram muito tempo a aparecer.

F 5

P. Será que o novo regulamento de concursos ao prever a possibilidade dos docentes pedirem recondução por três anos, vai facilitar a organização da formação?

R. Sim, sim. Este modelo de formação centrada na escola, partindo da problemática que a escola tem precisa que, por um lado o corpo docente seja estável e por outro que os órgãos de gestão também sejam estáveis.

C 4

P. Quais as razões que mobilizam as pessoas para escolherem mais determinada área de formação?

R. As pessoas procuram formação em áreas que são emergentes, portanto, em áreas que vão ter de trabalhar pela primeira vez, ou se houve uma mudança nessa área e as pessoas não se sentem à vontade e procuram formação nessa área. Foi o caso da reorganização curricular, o caso das tecnologias de informação que as pessoas querem utilizar pedagogicamente, porque nós aqui enquanto Centro de Formação também não estamos a fazer formação por programas informáticos, esta formação é realizada na tentativa da sua integração na escola.

Nas tecnologias o que fazemos é, também, na perspectiva da aplicação pedagógica na sala de aula, assim como no contexto da reorganização curricular, do projecto, do Estudo Acompanhado. Não pretendemos ensinar a tecnologia pela tecnologia, e o que acontece é que esta é uma área que, apesar de não ser nova, as pessoas querem começar a trabalhar as tecnologias de informação e comunicação no ponto de vista pedagógico e tendo dificuldades também recorrem ao Centro. Depois, também acontece que, muitas vezes, as pessoas procuram formação quando aparece qualquer problema na sua escola, como por exemplo, uma disciplina mal classificada. Portanto, são estas as três razões que mobilizam os professores: quando há problemas emergentes, quando há alguma mudança, ou, muitas vezes, quando há algum problema que surja nessa escola ou nesse agrupamento.

A 1a

P. Em que áreas os professores procuram mais formação?

R. Nas tecnologias e depois em áreas da reorganização curricular. O que as pessoas do 1º ciclo procuram mais, no âmbito da reorganização curricular foi na temática do PCE e PCT.

P. Todos tiveram oportunidade de frequentar a primeira opção de formação seleccionada?

R. Nós aqui não trabalhamos por opções, eles pedem a formação e nós damos resposta àquilo que as pessoas pedem.

A 2

P. E têm sempre oportunidade de a frequentar?

R. Têm sempre oportunidade, mas vamos imaginar uma acção de formação com limite máximo de 15 pessoas, se tivermos 20, fazemos dois grupos de 10 e depois vamos inserir mais duas ou três pessoas para completar a turma. Portanto, nós tentamos responder de forma a que não haja ninguém que fique de fora.

A 2

P. Considera que o plano existente se adequa às necessidades das escolas associadas e dos seus professores?

R. Considero, porque o plano que existe é a operacionalização dos planos individuais de cada escola e de cada agrupamento.

C 1

P. Existe alguma articulação entre o plano de formação e os projectos educativos das escolas associadas?

R. Quando se fala em projecto educativo, pode-se dizer que por enquanto não há nenhuma escola ou agrupamento que tenha projecto educativo, tem um documento a que chamam projecto educativo. Muitos desses documentos são, por exemplo, planos de actividades, são PCE, se calhar, não há nenhum que seja PEE. Nós estamos já a fazer formação neste ano lectivo, 2002/2003, na área do projecto educativo e temos feito muita formação nesta área. Agora, ainda estamos muito atrasados nisso, não há nenhuma escola que parta do PEE. Eu nas reuniões da Comissão Pedagógica do Centro digo sempre que não quero que as escolas partam do PE, mas que partam dos problemas reais, dos constrangimentos reais que a escola tem e que o agrupamento tem. Há escolas e agrupamentos que já fazem isso, outros ainda não.

P. Então, qual é a principal preocupação da Direcção deste Centro ao decidir sobre os temas, modalidades e necessidades de formação que integram o plano?

R. O nosso problema é que a formação que nos propõem seja, de facto, delineada colectivamente pelos professores e pelos órgãos de gestão das escolas, de forma a dar resposta aos constrangimentos da escola enquanto organização, este é que é o nosso problema.

F 5

P. Na análise que efectuei aos planos, verifiquei que a maior parte das acções são realizadas nas modalidades de oficina, projecto e círculo de estudos, quem toma essa decisão?

R. Em termos da construção da formação todos nós somos actores: os docentes, os órgãos de gestão da escola, a Comissão Pedagógica do Centro, o director do Centro e os formadores e estas modalidades normalmente resultam dum consenso alargado entre todos. Portanto, os docentes propõem uma modalidade, eu vejo se essa modalidade é adequada aos conteúdos, ao problema que eles querem trabalhar, se sim, muito bem. Depois entra o formador, se este também concorda com isso, depois é levada à Comissão Pedagógica para ser pedida a acreditação dessa acção. É assim que se pretende, o que não quer dizer que sempre seja, porque há escolas que vão mais avançadas que outras; isto é, pretende-se que toda a formação seja construída por todos, porque todos nós somos actores.

B 1a

P. Pela análise do plano verifiquei que, há pouca formação na modalidade de curso.

R. Exacto. Porque o curso não se adequa a este projecto de formação que nós pretendemos levar a cabo, porque o curso é centrado no formador, centrado em determinados conteúdos que o formador desenvolve tipo receita que não vão ao encontro dos problemas existentes, são desenvolvidos na perspectiva do formador, e nós temos que partir das necessidades das escolas e dos docentes colectivamente. Para o Centro é muito mais fácil fazer formação na modalidade de cursos de formação. Mas, no projecto de formação que tentamos seguir se há um problema, um constrangimento numa escola como é que no decorrer da acção se pode actuar sobre esse problema na modalidade de curso? É impossível, só na modalidade de projecto ou de círculo de estudos ou de oficina e não há volta a dar se nós quisermos actuar naquele problema temos que fazer a formação numa destas modalidades.

B 1b

P. Que balanço é que faz da formação deste Centro?

R. Eu posso fazer a minha leitura em relação aos colegas. De uma maneira geral estou satisfeito com os colegas porque são pessoas que aderem muito bem à formação, são bons profissionais, eles próprios são responsáveis pela sua própria formação. A partir do momento em que nós alteramos o modelo de formação, começamos a fazer mais formação, o volume de formação aumentou, isto apesar dos complementos de formação para o pré escolar e para o 1º ciclo e, apesar das

peessoas andarem nos Mestrados. Apesar disso tudo, a nossa formação aumentou em relação àqueles tempos em que não havia Mestrados nem havia Complementos de Formação.

Aumentou porque, penso eu, que existe uma formação que vai ao encontro das necessidades das pessoas e elas sentem-se satisfeitas. E isso tem sido analisado na avaliação interna que se faz das acções em termos da satisfação das pessoas. As pessoas normalmente indicam que estão muito satisfeitas ou muitíssimo satisfeitas com a acção, na medida da concretização das suas expectativas iniciais. Mas, ainda há muito que fazer e eu não estou satisfeito, mas agora passa muito pelas escolas. Quem é que aqui tem um papel importante são as escolas, de facto, e os seus órgãos de gestão.

C 1

B 2

P. Ainda se verifica uma grande procura de formação para obtenção de créditos?

R. Os docentes têm autonomia para propor um formador, dentro daqueles que conhecem, tanto os formandos, como as escolas ou os órgãos de gestão. Então numa primeira etapa eles propõem e eu não levanto qualquer problema a não ser uma pessoa que tenha criado problemas. Depois, se eles não propõem, deixo-me a iniciativa de eu propor um formador. Então eu contacto um formador, que me dá garantias e no caso dele responder afirmativamente eu contacto a escola e digo que tenho determinado formador, se os órgãos de gestão não conhecerem digo quais são as características dele e se concordarem, então avançamos. É evidente, que procuro sempre pessoas com garantias de qualidade, não só na temática que vão trabalhar, mas também neste modelo de formação com que trabalhamos.

A 3

F 3

P. Mas, têm algum grupo constante de formadores com quem costumam trabalhar?

R. Constante não, há um grupo que é a esmagadora maioria com quem se trabalha há alguns anos, mas aparecem sempre 3 ou 4 formadores novos, que depois, se as pessoas ficarem satisfeitas, vamos tentar mantê-los nos anos seguintes.

F 3

Mas, a questão dos formadores também é difícil neste momento, porque não é muito motivador ser-se formador. E aproveito para lhe dizer que é assim: nós gostamos de formadores com qualidade e vamos convidar pessoas com qualidade, essas pessoas são, muitas vezes, professores em Faculdades, têm pouca disponibilidade. Têm de vir a Viana, vêm de Braga ou do Porto, e se eles vêm num dia fazer formação durante duas horas e meia, não são só essas duas horas e

N 5

meia, também têm o transporte de vinda e o regresso. Com o que as pessoas ganham não é motivador.

P. Geralmente são pessoas que trabalham nas Faculdades que vêm fazer a formação?

R. Principalmente em áreas emergentes. Por exemplo, em reorganização curricular tivemos a Doutora Carlinda Leite com a Dr.<sup>a</sup> Preciosa, vieram fazer aqui uma formação. Eu disse-lhe assim: - Ó Doutora, se puder fazer 10 acções faça-me 10, só que só puderam fazer a uma turma. No ano seguinte voltei-lhe a pedir e ela disse-me: um dos elementos que formei que faça, porque eu transmiti-lhe aquilo que sabia, está em condições, mas as pessoas não querem. É assim que eu procuro. Por exemplo, para Metodologia de Projecto eu vou procurar a melhor pessoa que esteja disponível. Mas, todos os anos vêm 2 ou 3 pessoas que são professores de Mestrados nas Faculdades, que é o caso da Doutora Carlinda Leite e outros casos que dão formação a Mestrados.

F 3

P. Há alguma característica específica prioritária que os formadores devem possuir para formar professores do 1º ciclo?

R. Procuro formadores que conheçam, que de uma ou de outra forma, tenham experiência no 1º ciclo: ou um docente com formação inicial do 1º ciclo, quer dizer, que tenha de facto alguma experiência com o 1º ciclo.

D 3

P. Relativamente à avaliação, que formas de avaliação é que os formadores têm utilizado?

R. Ora bem, a avaliação dos formandos tem a ver precisamente com o problema que está na génese da construção dessa formação. Portanto, se era para se construir um PE, vai-se ver o empenho dos professores. Se não se chegou a construir o PE vai-se actuar nos documentos que se construíram no sentido de construir esse projecto educativo. Se a problemática era o PCE vai-se ver o que foi feito, se foi construído do PCE ou não. Portanto, a avaliação dos formandos tem a ver com a actuação naquele problema que esteve na origem da acção.

Quanto à avaliação das acções, normalmente faz-se um questionário junto dos formadores e dos formandos e depois os formadores também fazem um relatório sobre o desenvolvimento da acção: as dificuldades que tiveram, como é que os formandos reagiram, qual foi a sua motivação, o trabalho desenvolvido...

B 2

P. Qual o encaminhamento dessa avaliação?

R. Essa avaliação é apreciada por mim e dou conhecimento dessa avaliação aos formadores e às escolas.

B 2

P. Que opinião tem da equipa de formadores deste Centro?

R. Na maior parte dos casos estou satisfeito, mas aparecem-me sempre alguns casos com os quais não estou satisfeito, fico insatisfeito, insatisfeito. Depois, com aqueles que fico insatisfeito tento actuar de qualquer forma: ou a pessoa muda ou não vem fazer mais formação. Daqueles que eu fico genericamente satisfeito há sempre áreas em que, ou pelo menos em relação a alguns, não fico satisfeito e vamos conversando e, vou tentando em conversas expor de forma mais clara o modelo de formação que nós queremos fazer, para eles entenderem e para eles poderem levar à prática melhor esse modelo de formação. Portanto, eu não me limito a avaliar a actuação do formador no desenvolver daquela temática específica, mas também imbuído neste espírito da formação centrada na escola, para dar resposta aos problemas da escola, que, muitas vezes, alguns formadores também ainda não agarraram bem este modelo de formação. Portanto, nós vamos conversando, mesmo sem saber se aquele formador vai ter possibilidades ou não de no ano seguinte continuar, nós vamos fazendo essas conversas, no sentido de haver uma maior sintonia neste trabalho de todos nós.

B 2

P. Durante estes últimos anos, entre 2000 e 2002, existem diferenças nos planos de formação?

R. Nas temáticas houve uma grande diferença, falando no plano de formação de 2002, que tem interferência no ano lectivo 2001/2002 e 2002/2003. Nós fizemos estas 15 turmas ligadas à reorganização curricular, é muita formação. Precisamente porque foi feita muita formação na temática da reorganização curricular para todos os níveis, é evidente que na formação do plano de 2003 já não houve muita procura desta temática. No ano de 2002 houve muita gente envolvida e não há nenhum agrupamento que não tivesse gente a fazer formação na temática da reorganização curricular. Agora, que houve um aumento de formação numa área ligada à reorganização curricular foi nas Tecnologias da Informação e Comunicação. As pessoas querem dar resposta ao trabalho das TIC, na perspectiva da reorganização curricular, só nessa área é que houve um aumento de formação. Não quer dizer que não haja nenhuma formação sobre a reorganização curricular para este ano. Por exemplo, nós temos um agrupamento que continuou a pedir formação na área do PCE e PCT, mas foi esse agrupamento que é novo. Para este agrupamento houve um aumento na área do PCE e do PCT e também no PEE.

P. Então nestes últimos três anos houve mudanças significativas na organização da formação?

R. Houve uma mudança a nível das temáticas, depois a nível das modalidades e a nível deste modelo de formação já não há grande mudança porque este modelo já está no terreno desde 98. A mudança não pode ser drástica, mas já desde 98 que nós estamos a trabalhar isto com as escolas, mesmo para o 1º ciclo.

P. Foram acreditadas e financiadas todas as temáticas e modalidades de formação propostas ao CCPFC e ao PRODEP?

R. Exacto, toda a formação que o Centro pediu foi acreditada. O Conselho Científico nunca negou a acreditação de uma acção a este Centro. Portanto, não tenho nada a dizer em relação ao Conselho Científico, antes pelo contrário, estou muito satisfeito com o seu papel. Quanto ao financiamento, a partir do ano 2002 começou a haver um certo aperto, começaram a impedir o seu crescimento. Mas, eu faço aqui uma coisa que é assim: todo o dinheiro que me dão nem que não seja para formação eu aplico na formação; isto é, mesmo que seja para papel eu vou gastar menos papel para fazer mais acções de formação, tentando fazer uma boa gestão.

A 4

P. Na sua opinião o que mais tem facilitado e dificultado a organização e a realização da formação neste Centro?

R. As escolas e os agrupamentos têm facilitado, nunca tive problemas com nenhuma escola para levar esta formação à prática, mas, simultaneamente, tem havido uma dificuldade, que é a transição das pessoas nos órgãos da gestão e a mobilidade das pessoas, porque com essas escolas vai ter de se partir do princípio, e, no plano de formação daquele ano em que estão pela primeira vez, praticamente, aquela escola não tem formação ou, se tiver não vai de acordo com esta filosofia de partir de um problema de ser construído colectivamente. Portanto, ressente-se logo o tipo de formação quer em quantidade, quer em qualidade. As pessoas enquanto docentes podem estar mais ou menos motivadas para este modelo de formação, mas depois se vão para um órgão de gestão ainda não se sentem capazes de implementar na sua escola este modelo de formação e vão falhar e ressentir-se aí a formação. Portanto, esta é a grande dificuldade.

G 5

P. Se não houvesse qualquer obstáculo fazia alguma alteração à formação desenvolvida por este Centro de Formação?



R. O maior problema tem a ver com a questão da acreditação e de financiamento das acções. A acreditação obedece a um ciclo muito longo, que pode demorar três meses e uma escola pede uma acção que precisa de a começar daqui a 15 dias e não há possibilidade nenhuma de a pôr no terreno daqui a 15 dias, só daqui a 2 meses ou mais. Esse é que é o grande problema, a falta de flexibilidade do Centro para dar resposta rapidamente a necessidades que surgem nas escolas e agrupamentos. Eu posso dar resposta mas com um período mais ou menos longo, que é o período da acreditação e do seu financiamento. É que primeiro vem o ciclo da acreditação e depois vem o ciclo de financiamento, que são longos e não são em simultâneo. E eu tenho que pedir às pessoas para em Junho prepararem a formação para o ano seguinte e como é que as pessoas vão preparar, se no ano lectivo seguinte muitas não estão lá? Este é que é o grande problema, que nós não podemos resolver, compete ao Ministério da Educação, nós não podemos mexer.

C 5

É que devido aos ciclos de acreditação da acção e o ciclo de financiamento das acções, os Centros de Formação não têm capacidade de dar resposta imediata às necessidades de formação que são solicitadas. Este sim, é que é o grande problema interno.

P. Então a este nível propunha alguma alteração?

R. Eu penso que o Conselho Científico-Pedagógico deveria dar maior autonomia de acreditação das acções à Comissão Pedagógica, porque esta é composta por pessoas responsáveis. Relativamente ao financiamento penso que não há nada a fazer. Mas, se fosse dada essa autonomia do Conselho Científico-Pedagógico, dando poderes à Comissão Pedagógica para acreditar as acções, isso seria óptimo, já se poderia dar resposta praticamente a 100% a este problema. Nós poderíamos inverter a questão, é que agora é assim: primeiro acreditamos e depois pedimos o financiamento. E, se fosse dada esta autonomia, pedia-se o financiamento e depois acreditava-se, tínhamos o dinheiro e depois construíamos o plano, conforme os pedidos das escolas e em tempo real, não no ano lectivo anterior. Assim, já pedia às escolas apenas em Setembro, as pessoas conheciam-se, faziam-se as reuniões e a partir daí já se podia construir a formação e não no último período, do ano lectivo anterior. Este é o grande problema, não só deste Centro, mas de todos. Quando nos reunimos falamos sempre neste problema.

A 7

P. Os Directores dos Centros costumam reunir com alguma frequência com os representantes do Conselho Científico-Pedagógico?

R. Ultimamente não nos temos reunido muito, mas era habitual reunir, agora houve uma quebra, não sei porquê, se calhar, também por causa de questões de financiamento. Havia 4 ou 5 reuniões a nível nacional, porque eram feitas por zonas, mas eu penso que é necessário. E posso dizer que em resultado dessas reuniões que o Conselho Científico-Pedagógico fazia, normalmente aconteciam avanços positivos, porque ouviam-se os problemas de quem está no terreno e, normalmente eles alteravam o seu de funcionamento de uma forma positiva.

C 7

Estas reuniões promovidas pelo Conselho Científico-Pedagógico são importantes para o Conselho Científico-Pedagógico saber o que se passa no terreno e poder alterar muitas das suas formalidades e muita da sua burocracia, porque quando o Conselho Científico fazia as reuniões havia uma resposta positiva por parte deles. Ultimamente como não têm reunido é evidente que deve ser difícil agora dar uma resposta cabal àquilo que nós vamos pedindo individualmente, não é? Porque deixaram de ter, digamos, o barómetro do que é o terreno. Essas reuniões seriam muito importantes que continuassem a haver, porque nós mesmo pelo telefone só falamos com um funcionário, não falamos com quem vai apreciar o pedido de acreditação.

C 7

P. Então, como é que o Conselho Científico faz o acompanhamento e avaliação das acções.

R. O acompanhamento é feito através da informação que nós enviamos para lá por escrito e a avaliação somos nós que a fazemos e depois enviamos para lá.

Agora, mesmo mantendo o modelo actual o grande problema é que, muitas vezes, o Conselho Científico-Pedagógico tem uma dúvida em relação a algum aspecto numa acção de formação e nós temos que responder com papéis, escrevendo, quer dizer, não nos podemos sentar, ou ao telefone para resolver o problema. Mesmo ainda dentro deste modelo, sem passar para os Centros maior responsabilidade, devia haver maior flexibilidade do Conselho Científico-Pedagógico nesta matéria, facilitar mais, haver um diálogo maior, mas não através de funcionários que não têm conhecimento nenhum na formação naquela temática. Devia haver maior autonomia para as Comissões Pedagógicas, porque estas são responsáveis. Nem o Director, nem a Comissão Pedagógica, nem os órgãos de gestão de uma escola querem má formação para a sua escola, todos queremos o melhor para as nossas escolas.

A 7

P. Na sua opinião a formação contínua que tem sido desenvolvida tem algum efeito ao nível das práticas educativas dos profissionais?

R. Eu penso que sim, mas em qualquer tipo de formação contínua em qualquer profissão, é muito difícil medir resultados, É muito difícil medir, mas eu penso que sim. Penso que terá resultados, porque as escolas têm mudado e as práticas também têm mudado no bom sentido, tanto na melhoria da qualidade de intervenção dos docentes como na melhoria da qualidade de intervenção das escolas. E, penso que parte desta mudança e desta melhoria é proveniente da formação contínua que se tem feito. Nós conversamos, mesmo aqui a nível do Centro de Formação, reunimos na Comissão Pedagógica, debatemos isto, analisamos, eu vou às escolas, falo com as pessoas, analiso os questionários que as pessoas preenchem e verifica-se que, de facto, há uma melhoria das suas práticas. Penso que a formação tem um papel importante.

C 6

P. Em sua opinião, será que a formação contínua está a permitir que os professores do 1º ciclo adquiram saberes e desenvolvam competências para desenvolverem projectos específicos para as populações com quem trabalham?

R. Muitos professores continuam a construir porque a administração pede e vão continuar ainda durante os próximos anos, mas o número de professores que constroem os projectos não por uma exigência da administração, mas porque sentem que é necessário, esse número aumentou e vai continuar a aumentar nos próximos anos e, em parte, devido também à formação contínua que se tem feito. Quer dizer, se não tivesse havido, nos últimos anos, formação contínua o número de professores que constrói apenas por uma exigência da administração seria muitíssimo maior do que aquele que é neste momento e o número de pessoas que constrói por sua iniciativa porque sente necessidade seria muito menor, sem dúvida nenhuma, se não tivesse havido formação contínua nestes anos, isso não tenho dúvida nenhuma. O número de professores que trabalham nessa perspectiva tem vindo a aumentar.

A 6

Durante os 10 anos de funcionamento do Centro de Formação, a perspectiva dos professores mudou radicalmente nessa perspectiva do trabalho enquanto decisores do currículo. Nesta perspectiva, o trabalho dos professores mudou radicalmente em toda a gente, penso que durante este período não há ninguém que tivesse ficado na mesma. É evidente que uns mudaram mais que outros, mas de facto houve uma consolidação nesta perspectiva, e a formação teve um papel muito importante.

## Formador - Entrevista 12 (2003/03/15)

P. Como é que foi seleccionado pelo Centro para orientar formação?

R. A escola que eu estava no momento, talvez no ano lectivo 1999/00, desenvolvia alguns projectos de integração das tecnologias, em contexto educativo. A determinada altura, sentiu-se que esse tipo de trabalho também podia ser acreditado e a partir daí um colega que também já era formador nesta área, pediu-me para eu desenvolver um projecto com ele, então entregamos esse projecto num Centro de Formação e desenvolvemos aí a formação. Ao mesmo tempo, eu mostrei aqui na escola esse projecto, os professores gostaram e pediram para eu também dinamizar aqui na escola essa oficina de formação, mas isso implicava que tivesse partido do Centro de Formação. Contactaram o Centro de Formação e apresentei-me, o Centro de Formação a partir daí achou uma ideia interessante e tenho sido formador até hoje.

A 3

P. Houve alguma característica específica prioritária que devia possuir para formar professores do 1º ciclo?

R. Eu também tenho formação no 1º ciclo, porque fui formado na Escola Superior de Educação. De qualquer forma, desde que cheguei ao Centro de Formação nós temos a necessidade de, duas vezes por semana, reflectirmos um pouco sobre o ponto de situação, relativamente à formação das novas Tecnologias. O director do Centro costuma reflectir com os formadores, de forma individual, comigo de uma forma mais intensiva, porque visitamos muitas escolas tanto eu como o director do Centro e procuramos discutir algumas iniciativas que as escolas possam implementar. Inclusivamente temos um projecto que eu desenvolvi, o Net Concurso, que é muito interessante, está com um crescimento muito importante e isso implica um contacto muito grande com as escolas do 1º ciclo. As actividades desse concurso dão-nos uma sensibilidade muito boa de como as coisas decorrem no 1º ciclo, ao passarmos pelas escolas, os colegas vão colocando questões, vão colocando dúvidas e nós, neste momento, temos uma percepção mais ou menos clara da aplicação da formação nas escolas. As reflexões que temos também nos levam a discutir soluções. Este projecto assistido na sala de aula foi um projecto aberto a todos os professores e o objectivo não era propriamente fazer uma formação técnica, visava claramente a integração das TIC na sala de aula, desenvolver conteúdos com apoio das TIC e achamos que fazia todo o sentido o 1º ciclo entrar neste projecto.

D 3

C 1

P. Em sua opinião a formação contínua tem efeito nas práticas educativas?

R. Sim, ao passar pelas escolas nota-se, mas essa situação acontece de uma forma mais clara no 2º ciclo porque as infra-estruturas são melhores, quer dizer, nós chegamos a uma escola e não é difícil encontrar uma sala equipada com 10 ou 12 computadores, isso permite que os professores desloquem os alunos para essa sala e desenvolvam actividades praticamente a nível individual. No 1º ciclo, também acontece, também se notam alguns resultados porque, por exemplo: o Net Concurso no ano passado tinha uma componente em que nós apresentávamos uma proposta de trabalho em que as turmas tinham que desenvolver um trabalho de investigação sobre o ambiente ou sobre Matemática e esse trabalho tinha que ser efectuado, tendo por base a Internet. Tinham que se fazer uma pesquisa na Internet e a verdade é que nós recebemos alguns trabalhos muito interessantes, e parece-me que sem a formação pelo menos, parte desse trabalhos não teriam chegado.

C 6

P. E nas escolas que não aderem ao Net Concurso, sente que a formação contínua tem algum efeito ao nível das práticas educativas?

R. O ideal para nós era que todas as escolas participassem, o que nós pretendemos é criar o hábito de pesquisa via Internet nos alunos, de qualquer modo nós tivemos, no ano passado, 20 turmas a participar, depois passamos para 50 e neste momento já estamos com mais de cento e vinte, penso que estamos com mais de 60% das turmas que existem no concelho e também estou convencido que conseguiríamos mais uns 15% se não fossem as avarias ao nível tecnológico. Portanto, nós estamos-nos a aproximar do nível máximo.

De qualquer forma, também é verdade que temos colegas que não trabalham com o computador, nem os professores nem os alunos, mas a maior parte desses casos nem aparece na formação. Também é verdade que há uma parte de colegas que vêm à formação, que regressam à escola e continuam a não desenvolver grande coisa ao nível das tecnologias.

P. Que conteúdos, instrumentos e metodologias utiliza durante a formação?

R. Os instrumentos que nós utilizamos é a Internet, são os PC, são os projectores multimédia e muitos Cd-rom. Para além disso, recorremos a muitos módulos de integração das tecnologias eu faço alguma investigação nesta área e recorro muito a alguns modelos Americanos. Eu costumo apresentar isso e normalmente os professores, acabam por desenvolver esses módulos de trabalho. Por exemplo: pego num modelo do software qualquer e o aluno terá que, seguindo

um modelo de orientação, terá de desenvolver um tema, claro que isto tem discussão de turma. Os conteúdos têm sido diversos: utilização do Cd-rom, da Internet, do correio electrónico, procuramos sempre aqueles passos que permitam, que estejam sempre na faixa etária dos alunos, e que, para além disso, que os professores não se sintam muito amedrontados, porque, de facto, há miúdos que têm uma facilidade enorme de utilização deste equipamento.

P. Os efeitos da formação nas práticas educativas correspondem às suas expectativas?

R. É assim, nas tecnologias é com uma satisfação incrível que vemos os alunos a desenvolverem diferentes conteúdos curriculares utilizando os computadores, mas, por vezes, sinto-me um pouco triste porque acho que mesmo no 1º ciclo deviam fazer outras coisas. Digo isto porque, há algumas escolas por onde eu passo, que eu acho que são algumas boas imagens de como utilizar as tecnologias, e mesmo os trabalhos que temos recebido ao nível do Net Concurso, também nos provam isso, mas, de facto, há outras escolas em que não há aposta e eu acho que se acentua muito mais no 1º ciclo. Sabemos que a ligação à Internet pode estar 24 horas por dia activa e não é utilizada.

P. Que metodologias utiliza durante a formação?

R. Por aquilo que temos reflectido, o Centro de Formação aposta cada vez mais ao nível da oficina de formação. Esta formação também foi nessa modalidade e cada vez mais a tendência será para esta modalidade porque começamos a considerar que já não é tempo de aprender a utilizar o computador como utilizador, pensamos claramente que já é tempo de integrar o computador na sala de aula. No próximo ano a tendência será claramente este tipo de formação de integração, damos completamente abandonada a outra componente, poderá haver um caso ou outro mas a ideia é avançar para a integração, qualquer formação penso que terá que ser pensada na perspectiva da sua utilização na sala de aula.

D 2

P. A formação que tem orientado é sempre na modalidade de oficina de formação?

R. Já orientei formação na modalidade de curso de formação.

P. A metodologia que utiliza nas acções desenvolvidas na modalidade de curso ou oficina de formação é semelhante ou difere muito?

R. Não, o curso de formação visa claramente aquisições de conhecimentos dos docentes. A oficina não, tem uma componente de preparação com o formador, que neste caso penso que era de 30 horas presenciais e tem outra componente para desenvolver trabalhos com os alunos, que neste caso era de mais 30 horas. Depois trazem esses trabalhos, discutimos e fazemos mais actividades.

D 2

P. Qual a sua principal preocupação ao organizar e orientar uma acção de formação?

R. Ora bem, tenho sempre várias preocupações: a realidade em que eles estão inseridos ao nível destas ferramentas, ter consciência até onde posso ir, ou seja, as limitações que existem ao nível da formação e depois os alunos, como é que vamos conquistar os professores para esta área, tenho sempre presentes essas directrizes e depois a motivação.

H 2

P. Na sua opinião, quais as razões que mobilizam os professores a participarem na acção de formação?

R. Os professores, geralmente, vão para a formação motivados, eles gostam, penso que estamos a ultrapassar o problema da procura de formação para obter créditos. Como bom reflexo disso é que este ano estamos com três turmas a funcionar com este módulo: as TIC na sala de aula e foram as três solicitadas pelos professores, nenhuma foi proposta pelo Centro de Formação, portanto, foram eles que solicitaram. Eu por exemplo estou agora a orientar uma que é Internet e os projectos educativos que é raro o professor que precisa de créditos, vão porque gostam, já têm essa mentalidade.

P. E que papéis assumem os formandos e o formador durante a formação?

R. Trabalham motivados, depois de chegarem a ideia é preparar projectos no computador e irem para a escola desenvolver esses projectos.

P. Em sua opinião a formação tem-se adequado às necessidades das escolas e dos professores?

R. Quando temos um grupo de formados, nós definimos objectivos para a formação, mas vem sempre um ou outro que não acompanharia se nós não fossemos flexíveis, ao nível dos conteúdos, esses cairiam na desmotivação, porque surgem sempre formandos, e para o nível de trabalho que pretendemos numa determinada oficina de formação, que não têm os requisitos necessários, então temos que recomeçar um trabalho com eles que os permita chegar um bocadinho aquele nível, embora eles tenham que colaborar e fazer um esforço maior.

E 2

P. Quando isso acontece faz uma adaptação dos conteúdos?

R. Claro, normalmente, as oficinas, e principalmente esta, são muito abrangentes, são muito abertas, praticamente um formando chega e temos é que desenvolver trabalho.

P. Que formas e instrumentos de avaliação têm utilizados durante a formação?

R. A principal forma de avaliação durante a formação é os trabalhos que eles desenvolvem. Depois aplicam em termos de contexto educativo e o reflexo também são os trabalhos que acabam por realizar com os alunos. Esses trabalhos são arquivados aqui no Centro de Formação, até que qualquer professor pode chegar ao Centro de Formação e solicitar os módulos de trabalho, para poderem utilizar. Inclusivamente, eu hoje na minha escola utilizo bastantes módulos de trabalho que foram desenvolvidos na formação. Para além disso, há aquelas fichas de avaliação, que os formandos fazem.

P. Que reflexos tem a avaliação nas acções de formação?

R. Tem, porque durante a formação essa avaliação serve para nós fazermos reajustes e também chegamos a conclusões, vemos se essa é a melhor forma de se trabalhar com aquela turma ou com aquela escola e, se necessário, vamos encontrar outra solução ou outra metodologia, damos a volta e tentamos encontrar outras soluções.

B 2

P. Em sua opinião, o que mais facilita e o que mais dificulta a organização e o desenvolvimento da formação?

R. Eu penso que os maiores obstáculos ao nível da integração das tecnologias são alguns hábitos que nós, corpo docente, adquirimos, nós somos um pouco resistentes à mudança. Ouve-se muitas vezes esta frase: isto já não é para mim. Eu penso que nós, corpo docente, não nos podemos dar minimamente ao luxo de fazermos uma afirmação destas, porque eu acho que hoje a forma como o software é produzido, é extremamente acessível a qualquer cidadão. Portanto, o grande obstáculo é a passividade e resistência que o corpo docente oferece.

No 2º e 3º ciclo e secundário penso que o “efeito contágio” é mais natural, como não estão tão isolados vai um, vai outro, tiram dúvidas e depois há sempre alguém que provoca o efeito catalisador. Outro problema do 1º ciclo também é o equipamento. De facto, só com um computador na escola, tem que se ter uma agilidade muito grande para se saber qual o trabalho a desenvolver com os alunos. Nós com o Net Concurso sabemos que há grupos de alunos com autonomia, o

O 5



professor praticamente já não intervém, os alunos vêm e trazem material, mas não é fácil começar esta prática. Outro dos obstáculos é quando as escolas estão dois meses à espera da resolução de um problema, quando o computador avaria. Também há avarias que ocorrem porque não há o mínimo de sensibilidade das pessoas com o material informático.

O 5

O que mais facilita é a motivação que esta área permite. Vou dar um exemplo da minha área de Matemática: para trabalhar o cálculo mental é “uma seca” para os alunos estarem a fazer contas, pegamos num software pomos os alunos no computador e eles resolvem os mesmos exercícios com outra motivação. Portanto, o que mais facilita é a motivação que esta área permite, dos professores e dos alunos, depois o efeito surpresa ao experimentar uma ferramenta ficam surpresos, de facto, e há vontade de procurar mais.

G 4

P. Se não houvesse qualquer obstáculo fazia alguma alteração à formação que organiza e desenvolve?

R. Se houvesse mais equipamento nas escolas poderia haver outro tipo de trabalho, é óbvio, nós ao desenvolvermos actividades para o 1º ciclo temos que pensar que a escola só tem um computador. Se houvesse mais computadores na escola pensávamos nas actividades de forma diferente.

I 7

P. Começou a actividade de formador antes da reorganização curricular. Houve alguma mudança na formação após essa reorganização?

R. Sim, até porque comecei a ter formandos do 1º ciclo praticamente após a reorganização curricular. Eu até aí trabalhava mais com os professores do ensino secundário, havia uma colega do 1º ciclo a trabalhar com os professores do 1º ciclo. De qualquer forma, eu acho que a procura pela formação sobre as TIC após a reorganização curricular é evidente, reflectiu-se mais no 1º e 2º ciclo. Na minha opinião acho que houve uma maior consciencialização dos professores, a reorganização veio falar mais nas TIC, veio tocar mais nessa temática. Já havia aqueles que utilizavam no contexto educativo, até pelo efeito motivação que provocava, mas, eu acho que a reorganização veio dar mais ênfase e veio fazer sentir, veio tocar na necessidade. Após a reorganização curricular eu passei a ter algum cuidado, porque muitos módulos de trabalho são pensados para o Estudo Acompanhado, para a Área de Projecto e nas outras áreas novas.

A 1a

P. Sente que a formação contínua está a ter alguma influência ao nível do desenvolvimento de atitudes e competências nos professores do 1º ciclo, para serem decisores curriculares?

R. Eu penso que sim, nota-se claramente, de vez em quando passo nas escolas e algumas estão a desenvolver alguns trabalhos que eu acho bastantes mediáticos, na forma como desenvolvem esses trabalhos nota-se que, de facto, que a formação contínua tem influenciado, as aptidões e as competências que desenvolvem na formação têm ajudado. Agora é o que eu digo, tudo depende da vontade com que os professores aderem às tecnologias, há de tudo. Eu penso que está a evoluir, mas continuo a achar que teríamos obrigação de mais, é a minha opinião.

A 6

P. Durante a acção costuma fazer alguma articulação entre a formação e os projectos educativos e curriculares das escolas?

R. Sim, procuramos fazer isso, os professores vão preparando os seus trabalhos e eu vou discutindo com eles, inclusivamente eles continuam a trabalhar e sentamo-nos numa secretária e discutimos as necessidades de trabalho e, muitas vezes vamos tocar no projecto curricular ou projecto educativo da escola, acontece o que não quer dizer que aconteça sempre. Por exemplo, nesta formação havia um projecto educativo sobre o ambiente e então foi desenvolvido um trabalho com os alunos sobre jardinagem. Eles fizeram uma investigação ampla na Internet em várias áreas sobre esse tema. Eu normalmente dou autonomia aos professores para escolherem o tipo de trabalho que querem desenvolver. A partir do momento que eles sintam que faz sentido caminharmos por aí tudo bem. E quando há professores que têm dificuldade, que não sabem o que fazer, começamos a discutir possibilidades de trabalho a partir dos projectos das escolas.

B 6

P. Em sua opinião, a formação contínua tem algum efeito ao nível das práticas educativas dos professores?

R. Eu acho que a formação é indissociável de uma boa atitude profissional, mas a taxa de aproveitamento de transição para a sala de aula ainda é baixa, eu fico triste, de facto, quando vejo os rácios de utilização do computador na escola. Mas, eu penso que neste momento, estamos a assistir a uma mudança de atitude dos professores, porque eles neste momento estão a sentir que têm que dar esse passo, mas acho que só se está a verificar isso agora, depois deste volume de formação e de verificarem que os alunos andam por todo o lado a mexer nos computadores e a reorganização curricular também veio reforçar essa necessidade. Os professores agora começam a sentir-se mal por não saberem trabalhar no computador, porque já há muitos alunos que têm computador em casa e ao chegarem à escola contam o que viram na Internet.

C 6

### Formadora - Entrevista 13 (2003/03/18)

P. Como foste seleccionada pelo Centro para orientar formação?

R. Eu em 2000 estava a trabalhar num projecto de informática de apoio às escolas na Câmara Municipal. Comecei a contactar com os professores e a dar apoio na área de Informática porque os professores tinham um computador na escola e como não tinham o mínimo de formação iam solicitando. Nessa altura, nós juntavam-nos todas e tentávamos resolver algumas questões e as pessoas iam pedindo muito porque havia falta de formação nesta área e os professores como me conheciam foi assim quase de parte a parte, os professores solicitaram e então pedi essa formação para acreditação. Constituí a primeira turma com pessoas que me pediam porque essas pessoas também precisavam de créditos e assim juntavam o útil ao agradável. Então a turma foi proposta ao Centro de Formação, a partir daí pedi o certificado de formadora e comecei a dar formação por este Centro.

A 3

P. Houve alguma característica específica prioritária que devias possuir para formares professores do 1º ciclo?

R. Eu tenho a formação nessa área porque tenho o CESE em Novas Tecnologias e Imagem e comecei a dar formação para os dois níveis, para o pré-escolar e para o 1º ciclo, embora no segundo ano do projecto me tenha dedicado mais ao 1º ciclo uma vez que havia o programa “Internet na escola” e as escolas tinham todas computadores. O facto de ser educadora de infância faz com que conheça a realidade do 1º ciclo, porque estão muito inter-ligados.

P. Que conteúdos, instrumentos e metodologias utilizas durante a formação?

R. Os conteúdos eram todos relacionados com a informática, mas numa fase de iniciação, embora na acção se inscrevessem sempre pessoas que já sabiam mais e, então, o que eu fazia na formação era dividir as pessoas em grupos e deixar cada uma andar ao seu ritmo. A parte teórica só vinha em resposta de solicitações dos professores, isto é, eu nunca tinha uma parte teórica pré-definida nas acções que orientei, a teoria só era abordada para tirar dúvidas aos professores, é uma acção essencialmente prática essencialmente prática. Houve realmente alguma teoria, mas vinha de encontro há prática, partia de questões práticas que os formandos não sabiam resolver.

E 2

Como esta acção foi desenvolvida na modalidade de oficina, a metodologia estava relacionada com essa modalidade. A acção durou 30 horas, nas primeiras 5

horas o grupo estava todo junto, depois foi dividido em dois grupos e quando ainda estavam todos juntos trabalhávamos o que era mais básico, eu apresentava umas propostas de trabalho com vários níveis em que os formandos iam fazendo ao seu ritmo, por exemplo podia estar uma professora a trabalhar no Word e outra a trabalhar no Excel, mas seguiam essas propostas de trabalho. As dificuldades que eu sentia era, de facto, atender às necessidades de todas as pessoas, mas como, muitas vezes, estavam a fazer trabalhos específicos como por exemplo: a animar uma história no PowerPoint, a fazer trabalhos de grupo, ia podendo responder a essas necessidades e depois de dividir o grupo, como ficavam 10 formandos em cada grupo já foi mais fácil de gerir. Depois, com o grupo dividido eu dava a escolher, ou trabalhavam em grupo ou individualmente porque já havia um computador para cada um. Mas, muitas pessoas não queriam estar sozinhos no computador porque não sabiam, outras vezes era por estarem na mesma escola e faziam o trabalho em comum para a escola, no mesmo trabalho também podiam usar dois computadores em que uma professora fazia a parte do texto e outra podia estar a fazer a parte de animação.

M 5

P. Então durante a acção existe alguma articulação entre a formação e os projectos das escolas?

R. Sim, sim, há sempre essa preocupação, excepto alguns casos, muito poucos, que não tinham computador na escola. Quando chegávamos à formação partilhávamos um bocadinho o que se tinha passado nas escolas porque geralmente levavam o que tinham feito na acção de formação para a escola e outras vezes o contrário. Por exemplo: houve formandas que fizeram trabalho a partir do que tinham feito com os alunos, portanto, os alunos fizeram desenhos e fizeram o texto, as professoras chegaram à formação e faziam elas o texto, ilustravam com uma imagem e faziam a história no PowerPoint, agora não vou dizer que isto aconteceu com todos os formandos. Agora, em alguns casos não deu resultado porque as pessoas estavam muito fechadas, algumas professoras já iam para lá porque achavam que era necessário fazer formação que não sabiam, mas por outro lado não estavam a ver toda a mudança havia alguns casos extremos que não estavam abertos à mudança, diziam que não sabiam e muitas vezes não queriam saber, iam para lá por causa dos créditos, embora estes fossem uma minoria, até porque houve muito poucas desistências, a turma está sempre cheia.

B 6

R 5

P. A modalidade das acções que tens orientado é sempre oficina de formação?

R. É, é sempre oficina de formação, porque é a modalidade que mais se adequa às necessidades dos professores que pedem esta formação. Elas não pediam a modalidade, mas mediante o que elas me pediam, que era uma acção prática, porque estavam saturados de formação teórica eu organizava a acção na modalidade de oficina de formação. Nessa altura, eu contactava muito com professores porque andava pelas escolas, no âmbito do projecto da Câmara e então eu orientava as acções de formação no Centro e depois podia ir às escolas na altura em que os professores desenvolviam os seus projectos e aí eu podia dar uma ajuda no “terreno”, mas na última que fiz, que foi depois desta eu já não pude dar esse apoio no terreno, porque já não estava ligada à Câmara.

D 2

P. Qual é a tua principal preocupação ao organizares e orientares uma acção de formação?

R. A minha preocupação é que as professoras estejam minimamente abertas à utilização do computador, que deixem os alunos utilizar o computador e que pelo menos ligar desligar meter a disquete ou o CD, se chegarem ao fim da formação e souberem fazer isso com naturalidade e terem o mínimo de abertura, saber abrir os programas e deixar os alunos trabalhar já é bom.

H 2

P. Em tua opinião, a formação contínua tem efeito ao nível das práticas educativas dos professores?

R. Eu tentava que isso fosse possível, mas tenho consciência que em alguns casos não resultou, também não é feita nenhuma avaliação nesse sentido, mas eu como andava pelas escolas via que alguns professores depois da formação já se desenrascam minimamente, não sabem muito, mas deixam os alunos trabalhar, esta é uma prova desse efeito da formação. Mas, em alguns casos tenho a certeza que não resultou, podiam realmente ter dado continuidade no terreno, mas como não estavam motivados e deixaram de ter apoio, não deram continuidade nas escolas ao que aprenderam na formação.

C 6

P. Que papéis assume a formadora e os formandos durante a formação?

R. Na primeira parte da formação, quando o grupo está todo junto, há uma abordagem geral sobre os conhecimentos que cada um possui. Quando me dizem que têm muita dificuldade ou até que não sabem nada, eu tenho mesmo que começar do início e começam a trabalhar no Word, depois passam um bocadinho para o PowerPoint, mas tudo na base prática. À medida que vão trabalhando no

Word, já vão descobrindo como se trabalha; já vão fazendo textos. Na segunda parte, a partir do momento em que o grupo foi dividido, deixam de haver propostas de trabalho dadas por mim, os formandos é que têm que decidir o que vão fazer e realizar o trabalho que propõem, para que a formação vá de encontro ao que eles precisam. Eles escolhem o programa que querem explorar.

F 2

P. Na tua opinião a formação terá correspondido às necessidades dos professores e às necessidades das escolas onde trabalham?

R. Eu penso que sim, pelo menos essa é uma preocupação que tenho.

P. Que formas e instrumentos de avaliação foram utilizados?

R. Para a avaliação, os formandos preencheram anonimamente um inquérito do Centro de Formação. Além deste inquérito, eu pedi um trabalho escrito de reflexão pessoal sobre o trabalho que tinham realizado na acção e o que tinham desenvolvido na escola sobre aquela formação. Também era feita uma avaliação durante a acção que tinha reflexos no meu trabalho, porque à medida que os formandos iam fazendo alguns trabalhos, eu ia-me apercebendo das dificuldades que tinham e ia sempre reformulando alguns conteúdos. E a reflexão final também serve para reformular acção que realizo a seguir.

B 2

P. Na tua opinião o que mais facilita e o que mais dificulta a organização e o desenvolvimento da formação?

R. Há uma dificuldade que vem do número de pessoas por turma que é sempre muito grande e tem que ser dividida, depois há o problema das máquinas, um computador para dois e o ideal era ser um computador para cada pessoa, pelo menos no que respeita à formação, outro obstáculo é haver sempre imprevistos, quando um computador bloqueia, para resolver o problema atrasamos o trabalho. Além destes obstáculos, também existe a falta de motivação de algumas professoras, porque a informática exige que as pessoas se empenhem e só com o tempo em que estão na formação é muito pouco e algumas não estão motivadas minimamente e iam pelos créditos e outras iam e diziam logo: eu venho mas não gosto, mas eu sei que tenho que começar a aprender e às vezes até se entusiasmassem e continuavam. Também o problema da turma ser muito heterogénea, inscrevem-se na mesma turma formandos que ainda estão na iniciação e outros que já estão num nível mais avançado e isso também dificulta muito o trabalho e as pessoas pelos objectivos da acção já vêem aquilo que se pretende.

O 5

I 5

M 5

Uma das facilidades é poder dividir o grupo em dois, porque assim os professores trabalham mais individualmente e eu posso responder melhor às necessidades de cada um.

H 4

P. Antes da reorganização curricular já eras formadora, começaste a orientar formação no ano 2000. Sentes que houve alguma mudança na formação após a reorganização curricular?

R. Eu acho que sim e essa mudança foi originada pelas pessoas ao verem que esta reorganização curricular as obrigava a integrar as novas tecnologias e por isso, os professores também pediam mais formação nesta área e esta procura de formação vem tanto das pessoas que precisam de créditos como das que não precisam, mas que sentem que têm mesmo que saber alguma coisa porque também têm o computador na escola e nem sequer o sabiam ligar. A reorganização curricular teve reflexos na procura da formação, muitos professores começaram a estar mais motivados. A organização e o desenvolvimento das acções continuou a ser feita na mesma, mas tive que dar resposta a um número maior de professores interessados por esta formação.

A 1a

P. Sentes que a formação contínua está a ter alguma influência ao nível do desenvolvimento de comportamentos nos professores para serem decisores curriculares?

R. Eu acho que sim, mas de qualquer forma acho que só as horas das acções não chegam, porque há casos que não resultou, para quem não sabe nada, só trinta horas para aprender a trabalhar no computador é muito pouco e muitas pessoas já estão no final da carreira, nestes casos é complicado. Por isso, nestes casos só se tiverem o mínimo de vontade por continuar a aprender.

A 6

P. Em tua opinião a formação continua tem efeito ao nível das práticas dos professores?

R. Eu acho que sim se as pessoas não forem atrás dos créditos, mas forem atrás da formação. Quando as pessoas não precisam de créditos e vão à formação é porque têm interesse em aprofundar essa área de conhecimentos e nestes casos parto do princípio que depois vão aplicar o que aprendem na sala de aula, que a formação vai ter influências e eu, em certos casos, via essa aplicação quando andava pelas escolas.

C 6

**Formadora - Entrevista 14 (2003/03/20)**

**P.** Como foi seleccionada pelo Centro para orientar a formação?

**R.** Foi uma colega que me pediu para eu fazer uma acção de formação sobre a reorganização curricular numa escola do concelho. Eu aceitei fazer a formação mas, na altura, pensei que era pontualmente naquela escola, mas depois daquela acção de formação naquela escola, o Centro contactou-me para saber se eu queria continuar a fazer noutras escolas do concelho. Eu aceitei e fiz várias no âmbito da metodologia do projecto e da reorganização curricular: dos projectos curriculares de escola e de turma.

F 3

**P.** As acções de formação que tem orientado estão abertas aos professores de todos os níveis de ensino?

**R.** Normalmente são, porque os projectos que eu tenho são no âmbito das necessidades educativas especiais porque foi uma área onde eu trabalhei muitos anos enquanto fui professora do 1º ciclo, e depois tenho outro projecto de formação sobre a reorganização curricular. Eu dou sempre a oportunidade das acções serem frequentadas por professores do 1º ciclo, 2º ciclo e até 3º ciclo.

D 3

**P.** Que conteúdos, instrumentos e metodologias utiliza durante a formação?

**R.** Eu fiz várias acções de formação neste Centro, mas a acção nº 5, na escola da Ab., foi só para um grupo de professores proponentes do 1º ciclo que estavam em agrupamento horizontal e estavam com dificuldade em definir o projecto curricular de escola e o projecto curricular de turma. Relativamente à metodologia, as minhas acções de formação de reorganização curricular são todas em círculo de estudos. Eu gosto dessa modalidade de formação porque eu acho que é importante, porque num círculo de estudos os formandos é que devem procurar adquirir os conhecimentos através de bibliografia, documentação que lhes é entregue e não é o formador que lhes está a dar os conceitos, mas são eles que os vão construir, sendo o formador apenas um mediador ou um orientador. Eu gosto mais dessa modalidade, porque eu acho que nós, professores, também precisamos de desenvolver competências, no sentido de construirmos a nossa própria formação. E eu sinto que os professores têm dificuldade em trabalhar em grupo e têm dificuldade em retirar dos textos, em pesquisar a informação para construírem esse conhecimento. Mas, eu faço sempre assim: segundo vários autores, como a Doutora Carlinda Leite, a Luísa Alonso, a Maria do Céu Roldão, procuro dar o conceito actual de currículo que permita aos professores fazer esta

D 2



reorganização, não considerar que o currículo é fixo, feito de igual forma para toda a gente. Portanto, eu procuro que eles tenham a noção do que é o currículo para depois perceberem como é que podem fazer o ajuste ao seu contexto educativo, porque os objectivos do projecto curricular de escola são definidos com base no programa, do currículo nacional e adequar às características, às vivências, daquela comunidade educativa, para depois o adequarem, no caso do projecto curricular de turma, à turma especificamente, às vivências à História de vida dos alunos. Eu procuro sempre que os formandos construam esse conhecimento através das leituras que lhe são proporcionadas durante as formações. Quanto aos instrumentos eu uso alguns vídeos que tenho, uso o retroprojector, uso slides que eu também construo, mas neste caso concreto em que a modalidade é o círculo de estudos, o trabalho é mais dos formandos do que propriamente meu; meu é, sobretudo, um trabalho de orientação, numa sessão ou noutra fazer o ponto da situação, levantar questões, procurar que os formandos reflectam sobre as práticas, que tentem fazer ligação daquilo que é dito teoricamente e da forma como se pode pôr na prática. Tem alguma base teórica, mas tem uma forte componente prática, porque eu entendo que não podemos avançar para a prática sem a teoria, eu não posso propor às pessoas que pensem em construir um projecto curricular de escola ou um projecto curricular de turma e eu faço sempre a ligação ao projecto educativo porque eu entendo que as pessoas devem ter esta consciência destes três projectos existentes na escola e que têm de estar interligados, eu não concebo a ideia de pensar em construir um projecto curricular de escola ou um projecto curricular de turma sem percebermos teoricamente quais são os princípios, qual é a filosofia, o que é que se pretende com isso e, eu tento abordar essa base teórica.

F 2

No início o meu objectivo era de que os formandos tentassem construir isso, através da consulta bibliográfica, do debate sobre os textos que tinham para analisar, mas tenho observado que têm sempre muita dificuldade nisso, porque as formações estão programadas para ser realizadas ao final do dia e eu acho que não é uma boa política. Ao final do dia, os professores estão cansados do dia inteiro de dar aulas, de um dia inteiro de preocupações e, de facto, não têm uma disposição mental, para chegarem ali e consultarem, lerem os textos, discutirem, reflectirem sobre eles, questionarem, e eu acho que isso é um obstáculo grande. Mas tenho tido alguma aderência e quando vejo que numa sessão os formandos estão mais cansados, então faço alguma orientação ou levanto questões sobre

P 5

aquilo que eles têm em mãos para lerem e para reflectirem. E normalmente dessas acções e também com base em informações da Doutora Carlinda Leite sai sempre um guião que os pode ajudar a construir quer o projecto curricular de turma quer o projecto curricular de escola. Tenho tido grupos que se são da mesma escola, porque o Centro de Formação tem essa preocupação de fazer formação para as escolas concretamente, quando a formação é destinada aos professores da mesma escola ou do mesmo agrupamento, a maior parte das vezes os professores já saem dali quase com o projecto construído.

P. Só tem orientado formação na modalidade de círculo de estudos?

R. Também já dei formação na modalidade de curso de formação, mas as acções sobre a reorganização curricular foram todas na modalidade de círculo de estudos. Eu prefiro esta modalidade porque enquanto no curso as pessoas estão à espera que o formador debite os conceitos, que seja o formador a falar e eles estão a ouvir mais passivamente, embora eu, mesmo nessa acções, ponho sempre os formandos a trabalhar, a construir, no círculo de estudos oriento os professores no sentido de serem eles a analisar os textos, a reflectir sobre eles e a questionarem aquilo que está determinado politicamente e superiormente, esta é uma metodologia característica do círculo de estudos.

D 2

P. Em sua opinião, qual é a modalidade de formação que os formandos preferem?

R. Eu sinto que há um maior envolvimento das pessoas na modalidade de círculo de estudos, mas dentro de um grupo de formandos que frequentam um curso de formação há sempre quem se envolva muito e há sempre quem goste mais de estar a ouvir em vez de estar a trabalhar, mas eu ouço muitas pessoas que comentam que só o facto de poderem dizer o seu ponto de vista, de poderem discutir sobre as coisas, só por isso, as pessoas acham que é vantajoso, e o círculo de estudos permite, de certa forma, porque que as pessoas se possam encaminhar mais para aquilo que as preocupa mais.

P. Qual a sua principal preocupação ao organizar e orientar uma formação?

R. A minha grande preocupação é que realmente a formação vá responder às expectativas e aos objectivos dos formandos, portanto, que vá, de alguma forma, dar resposta às preocupações e às inquietações dos formandos, porque é um dever de qualquer formador responder, colmatar as necessidades que os formandos têm quando vêm para a formação, essa é a minha grande preocupação. Do princípio ao fim da acção e eu costumo-lhes dizer que me coloquem questões, que se aquilo

H 2

que eu estou a dizer não é efectivamente aquilo que lhes interessa, tendo em conta a prática deles e aquilo que eles querem por em prática, concretizar, que, de certa forma, dirijam eles a formação, no sentido de eu dar resposta àquilo que eles pretendem.

P. Que papéis assume a formadora e os formandos durante a acção?

R. Eu gosto do círculo de estudos porque nesta modalidade de formação praticamente não há formador nem formandos, o formador é mais um gestor do tempo, um organizador dos conteúdos que quer que sejam trabalhados do que propriamente alguém que vai ali com alguma novidade para dar conhecimento dela. Nesta modalidade de círculo de estudos acho que há um envolvimento e um diluir do papel e do estatuto que pode criar algum distanciamento entre os formandos e os formadores, acho que esta modalidade consegue uma maior interacção entre os formandos e o formador, que eu penso que é sempre saudável.

F 2

Eu quando inicio uma acção levo o trabalho que vou desenvolver um pouco estruturado, levo-lhes os textos que vão trabalhar para facilitar e para não terem o trabalho de irem procurar, neste caso concreto sobre os conceitos de currículo e de projecto curricular. Eu organizo um dossier do qual eles vão usufruir, porque o Centro dá cópias para que toda a gente fique com um dossier igual àquele e faço a distribuição pelo grupo. Depois um grupo trabalha numa temática, outro grupo trabalha noutra temática embora todos tenham acesso a toda a documentação e no final da acção se há dois ou três grupos, vamos ficar com dois ou três trabalhos e todas as pessoas têm acesso aos trabalhos de todos, porque há sempre uma apresentação do trabalho final, uma reflexão e uma discussão, e até um questionar das conclusões a que chegaram. Cada grupo vai delineando o trabalho consoante as suas necessidades e interesses, esta é a minha preocupação.

P. Que formas e instrumentos de avaliação foram utilizadas?

R. Eu uso sempre os instrumentos que o Centro fornece, que é um inquérito, o trabalho de grupo que os formandos fazem é outro elemento de avaliação e às vezes, quando faço as acções em Julho ou quando os formandos andam muito cansados eu dispenso-os de fazer o relatório individual. Se não for o caso, peço um relatório crítico individual onde se referem ao que a acção lhes trouxe de novo, o que podia ter trazido, uma reflexão sobre a metodologia que adoptamos, o que poderia ter sido diferente, as conclusões a que chegaram, em que é que a acção vai intervir na prática pedagógica futura. Portanto, quero que eles abordem isto tudo nessa reflexão. Por um lado, para eles também tomarem consciência e

para fazerem uma recapitulação do que foi a acção e por outro, para eu também ficar a saber o que preciso de mudar para futuras acções, porque também é importante para mim ter a noção daquilo que se passou para saber o que tenho que alterar. Consoante o trabalho desenvolvido nos grupos, nós também vamos tendo sempre consciência que podíamos fazer alguma coisa diferente.

B 2

P. Então, a avaliação que faz durante o trabalho de grupo e no final da acção tem reflexos na organização e desenvolvimento da formação?

R. Sim, tenho sempre essa preocupação, porque eu penso que a avaliação é algo que deve procurar mudar alguma coisa, ou pelo menos levar as pessoas a pensar, a reflectir e a questionar as práticas que realizam.

B 2

P. Na sua opinião, o que mais facilita e o que mais dificulta a organização e o desenvolvimento da formação, além do que referiu?

R. Eu sinto que um obstáculo grande é ser realizada no final do dia porque, como já disse, por um lado as pessoas estão cansadas de um dia de trabalho, por outro lado as pessoas chegam ao fim do dia e têm que ir buscar os filhos à escola, têm que fazer o jantar e é complicado. Por outro lado, neste momento, isso já não se sente tanto, porque, nestas acções que eu fiz neste Centro, as pessoas estavam lá e não precisavam de créditos, mas corre-se um bocado o risco de as pessoas irem para a acção só porque querem os créditos e não estarem motivadas, porque eu sentia que nos grupos em que havia um grande número de pessoas que estavam lá porque precisavam dos créditos, que o interesse e o empenho não era tanto como naqueles em que as pessoas estavam ali porque precisavam de conhecimento, precisavam de reflectir, precisavam de partilhar de terem um momento onde fizessem a aquisição de outras perspectivas, outros conteúdos, outra forma de estar na prática pedagógica.

I 5

P. Se não houvesse qualquer obstáculo, fazia alguma alteração à formação que organiza e desenvolve?

R. Se todas as escolas estivessem em regime normal a formação poderia começar às quatro horas, estou a falar na formação para o 1º ciclo, porque com o regime duplo as formações não são todas ao mesmo tempo e à mesma hora porque há pessoas que saem de uma escola às quatro, mas há pessoas que só saem às 6.15h e as acções de formação não podem começar antes das 6.15h. Eu proporia uma mudança de horário e ao nível da formação inicial proporia que os professores tivessem uma maior sensibilização sobre a formação contínua, porque acabam o curso e pensam que sabem tudo, que não precisam de investir mais em

termos de formação. E, se eu pudesse fazer alguma coisa nesse sentido, propunha que em cada escola, ou em cada agrupamento, porque agora com os agrupamentos é mais fácil, que houvesse a preocupação de, sistematicamente, uma vez por mês ou por período, conforme as condições, ser programada uma formação, fosse feito um levantamento junto dos professores daquele agrupamento, nas escolas não agrupadas também podia ser difícil na medida em que havia escolas que só tinham dois lugares ou um lugar, mas agora com os agrupamentos eu penso que poderia ser viável, que os próprios agrupamentos, ou com a colaboração dos Centros de Formação, organizassem um plano de formação para aquele Centro de Formação que poderia fazer parte do projecto curricular da escola ou do projecto educativo em que, uma vez no ano haveria uma acção de uma formação ou duas acções que os professores teriam que frequentar porque essa formação iria ser concebida sobre uma proposta dos próprios professores. Por exemplo: neste contexto actual, ainda ontem estive numa escola que os professores me pediram para eu ir lá fazer um seminário sobre metodologia do projecto que ainda não têm os projectos curriculares de turma feitos, seria pertinente que numa escola destas ou num agrupamento promovessem uma acção de formação no início do ano e que tivesse alguma continuidade para acompanhamento da elaboração do projecto curricular de escola ou de agrupamento e dos projectos curriculares de turma, para não chegarmos ao final do ano e os projectos curriculares de turma ainda estarem por operacionalizar. Penso que uma forma seria esta, como há tanta coisa que faz parte do plano da escola que está no projecto educativo e no projecto curricular, penso que a formação dos professores devia estar de uma forma mais objectiva, que estivesse mais programada: no primeiro período vai decorrer esta acção com esta temática, no segundo período vai decorrer aquela acção com aquela temática e não precisavam de ser acções de muita longa duração. Ou então uma acção que se realize ao longo do ano, porque os círculos de estudos também é isso que preconizam. E não é isso que acontece, porque nós, muitas vezes, fazemos acções na modalidade de círculo de estudos em 25 horas que se fazem só num mês, assim também não é rentável, porque as pessoas não têm a possibilidade de ver como é que aquilo que se discute e se reflecte na acção vai ser posto em prática.

E 7

E 7

Embora, eu tive a percepção que neste Centro de Formação já é assim que se processa, na maior parte dos concelhos não é assim. Eu estou a falar na generalidade, aliás, este é o único Centro que eu conheço que fez formação a pedido das escolas, e para aquela escola concretamente, eu acho que aqui já há

essa preocupação, mas acontece que nem todas as pessoas têm acesso à formação, nem todas as pessoas participam, não é uma formação que cobre todos os docentes da mesma escola. Só vão aqueles que se propõem e eu quando estava a falar na forma de alterar a formação era que pudesse cobrir toda a gente, que toda a gente pudesse ter acesso ou tivesse que ter acesso, que toda a gente pudesse ter acesso à formação, ou tivesse que frequentar a formação, porque há aqueles que vão sempre pelas motivações que têm, mas há sempre aqueles que nunca vão, só vão quando têm necessidade dos créditos. Portanto, eu quando dizia haver um plano que fizesse parte do projecto educativo ou do projecto curricular, estava a pensar num plano que “obrigasse” todas as pessoas a participar, para que todas as pessoas falassem uma linguagem semelhante. Mas isto é um bocado complicado e a gente tem que pensar que na vontade das pessoas e na vontade de mudar e de aderir a mudanças não se pode mandar muito, não é? Mas parece-me que ia ficar melhor.

H 7

Penso que a formação só poderia ficar bastante melhor desde que isso começasse a ser uma prática corrente instituída mesmo pela escola ou até superiormente, a nível do Ministério, porque como as pessoas têm de dar as disciplinas de Língua Portuguesa, a Matemática, o Estudo do Meio, têm que estar na escola para leccionar, também teriam de estar na escola determinadas horas por ano para participarem na formação. Mas essa formação devia ir decorrendo ao longo do ano, porque é assim: os professores têm 35 horas para estar na escola e 25 horas para leccionar, essas 10 horas poderiam ser aproveitadas nesse sentido, mas é preciso que as escolas tenham espaço para os professores poderem estar lá a trabalhar, isso eu penso que seria importante, se os professores cumprissem as 10 horas na escola haveria possibilidade de se fazer isso.

P. Antes da publicação da actual reorganização curricular já era formadora?

R. Já, já. Eu sou professora do 1º ciclo e quando fiz uma especialização em Educação Especial, comecei logo a dar formação nessa área.

P. Houve alguma mudança na formação após a reorganização curricular?

R. Não, Não. É assim: eu sempre senti que os professores precisavam de trabalhar em equipa, precisavam de reflectir, precisavam de questionar, a única diferença foi que eu só comecei a fazer formação no âmbito da reorganização curricular depois disso acontecer e depois de eu ter feito o meu Mestrado e ter começado a trabalhar no Ensino Superior no âmbito do Desenvolvimento Curricular e da Metodologia do Projecto, porque antes disso as minhas formações

eram todas no âmbito das Necessidades Educativas Especiais e foram sempre na modalidade de curso de formação embora, em termos de prática, eu praticava já as metodologias características do círculo de estudos. Portanto, na forma de eu orientar a formação, a reorganização curricular não teve reflexos porque tudo aquilo que está preconizado, na reorganização curricular já era uma prática que eu defendia há muitos anos.

P. Sente que a formação contínua está a ter alguma influência ao nível do desenvolvimento de atitudes e de competências nos professores do 1º ciclo para serem decisores curriculares?

R. Sim, não todos mas ficam pelo menos despertos e a pensar que não têm que fazer só aquilo que está ali, que alguma coisa tem que mudar e que eles podem usar a autonomia que têm, embora eu sinta que estão ainda um pouco receosos de assumir essa autonomia, mas sinto que há vontade de mudar, não com aquela rapidez que gostaria que fosse, mas sinto que há vontade de mudar.

A 6

P. No decorrer da acção é sempre feita a articulação entre a formação e os projectos das escolas?

R. Sim, tenho sempre essa preocupação porque as pessoas não podem pensar que vão construir um projecto curricular de escola ou de agrupamento e de turma à margem do que está preconizado enquanto política educativa no projecto educativo. Também há quem defenda que o projecto curricular deve de ser uma parte integrante do projecto educativo e portanto, não se pode separar isso, as pessoas não podem pensar que estão a tratar de questões separadas, porque estão muito interligados.

B 6

P. Então, na sua opinião, será que a formação contínua tem algum efeito ao nível das práticas educativas dos profissionais?

R. Eu acho que tem sempre algum efeito, pelo menos naquele momento as pessoas vão predispostas a fazer alguma coisa, não é aquele efeito que gostaríamos de ver mas eu penso que a mudança também é um processo em construção e temos que dar tempo aos professores para interiorizarem determinadas mudanças, interiorizarem determinadas práticas e determinadas formas de estar na educação. Eu acho que estamos no bom caminho mas que ainda temos muito para avançar.

C 6

**Formanda - Entrevista 15 (2003/03/21)**

**P.** No ano de 2001 foi publicada a reorganização curricular. Este facto teve algum efeito na procura de formação?

**R.** Teve realmente efeito na medida em que queria estar mais dentro da reorganização curricular, foi por isso a minha procura na formação. Procurei formação em novas tecnologias também para poder ensinar aqui às minhas crianças e pôr em prática com elas os meus conhecimentos. Os meus alunos costumam trabalhar no computador, têm uma hora, eu sei que é pouco, mas têm uma hora semanal. Sou eu que os costumo orientar, às vezes está outra professora mas, em geral, sou eu que costumo orientar os meus alunos.

A 1a

**P.** Costumas participar na organização da formação que frequentas?

**R.** Não, nunca participei na organização da formação. É o Centro que propõe a formação aos professores, talvez realmente porque nunca se pensou nisso, nessa situação, e é pena porque realmente, se fôssemos nós a propor ao Centro, ia de encontro, realmente, às nossas necessidades.

Eu só estou aqui há dois anos e neste espaço de tempo isso nunca se verificou, nos anos anteriores, não sei. Mas acho que devíamos participar, não devia ser só o Centro a propor. Escolhi as TIC, é como eu te digo, porque eu tenho pouca formação em computadores, portanto, nas TIC, e gostava de aprender muito mais para transmitir os meus conhecimentos às crianças, para as poder orientar.

A 1a

**P.** Quais as razões que te mobilizam a preferir mais determinado tema e modalidade de formação?

**R.** Futuramente, a gente, cada vez mais tem que trabalhar com os computadores, não é? Eu queria aprender mais do que o que sabia. E na altura, essa era a única oferta relacionada com as novas tecnologias, se não estou em erro.

**P.** Consideras que o plano de formação existente se adequa às tuas necessidades e às da tua escola?

**R.** Não, não (risos). Como eu já referi, a acção que eu fiz relaciona-se com as TIC, no ano 2002, mas não deu para aprender mais que aquilo que eu sabia.

**P.** Em que temas é que te candidataste em 2002, como primeira opção?

**R.** Como primeira opção foi as TIC, foi mesmo só essa. Ah! E, também frequentei uma acção sobre Expressões, mas foi na E.S.E.

A 1b



P. Que conteúdos, instrumentos e metodologias foram utilizados durante a formação que frequentaste sobre as TIC?

R. Os conteúdos, falando por mim, não foram nenhuns. Ele trabalhava muito individual, estás a perceber? A primeira aula foi dar a conhecer o plano da acção de formação. Depois nas aulas, a seguir, é evidente que todos já tinham um conhecimento muito grande sobre as TIC e eu trabalhava naquilo que queria e me apetecia, foi mesmo assim. A única coisa que o formador realmente falou para a turma foi o trabalho da Internet. Ora, mas se me perguntares como é que funciona, também não sei. Sei que foi a única vez que o ouvi a falar para a turma. Porque, de resto, cada um chegava ao computador e dizia: ó professor, vou fazer isto, ou: ó professor, vou fazer aquilo. Ou ele dava uma disquete para trabalhar, para começarmos, porque alguns até já trabalhavam bastante bem e estavam ali só com o objectivo dos créditos. Nós temos participado no Net Concurso que põem situações problemáticas que os miúdos têm que resolver no computador e a minha turma tem participado. Mas, sempre que eu vou participar nesse concurso tenho que pedir ajuda a uma colega.

P. E que instrumentos foram utilizados durante a formação?

R. Os instrumentos eram as disquetes que ele trazia e os computadores.

P. Que papéis assumem os formandos e o formador durante essa acção?

R. Entre o formando e o formador houve pouca interacção, muito pouca. Eu senti que os conteúdos não estavam adaptados para mim, nem para mim nem para a Maria. Sentimos logo desde o início, na primeira aula. O formador no início, perguntou quem já tinha conhecimentos, quem é que trabalhava já com computadores e eu fui um das pessoas que disse que não sabia mexer no computador e o objectivo da acção para mim seria eu sair da acção, pelo menos, com algumas ideias, mas conforme entrei, assim saí.

F 2

P. Durante as acções existiu alguma articulação entre a formação e os projectos educativo e curriculares da tua escola?

R. Não existiu nenhuma articulação. Talvez fosse também por nossa parte porque talvez eu tivesse sido culpada porque quando eu deparei que na turma já sabiam todos trabalhar muito bem no computador, eu desmotivei-me. E, portanto, eu até cheguei a determinada altura da acção, disse que ia desistir mas, entretanto, optei por continuar porque uma colega que estava também a fazer a acção precisava que eu a levasse e incentivou-me a continuar.

B 6

P. Que formas e instrumentos de avaliação foram utilizados pelo formador?

R. Para a avaliação foi só o trabalho final. Esse trabalho era uma história, portanto, foi uma disquete que o professor me deu com a história com lacunas, os miúdos primeiro ouviam a história no computador mais que uma vez, observavam as frases também no computador e acabavam por preencher as frases da história.

P. Participaste na selecção do formador que orientou as acções?

R. Não, porque não sabia que podíamos participar, nessa selecção, eu não tenho esse conhecimento. Em todas as acções que eu tenho feito, nunca participei.

F 3

P. Que opinião tens dos formadores que tiveste durante o ano 2002, na formação realizada no Centro de Formação?

R. Nesta formação acho que o formador não cativou.

C 3

Acho que devia estar mais preparado para colegas como eu, para a iniciação, para dar a iniciação no computador. Ele pode estar preparado, mas como éramos só duas e o objectivo dele não era esse ele não adaptou os conteúdos que tinha para nós aprendermos. Nós nas aulas adaptamos os nossos conteúdos às necessidades de cada aluno e ele lá não adaptou. Para ele era um problema na sala estarem duas alunas que não sabiam nada. Ele não sabia o que havia de fazer connosco. Ele não adaptou os conteúdos dele às realidades que tinha na sala.

E 2

Enquanto que, realmente, uma acção que fiz sobre Expressão Plástica foi excepcional. Adorei, gostei e tenho pena, realmente, de não poder fazer mais, porque ela adaptou os conteúdos à turma. E nós podíamos pôr em prática com os nossos alunos o que aprendemos.

Eu, na acção das TIC também estava motivada porque quando me inscrevo numa acção, é porque estou motivada para aprender, não precisava de créditos. Mas, realmente, com o andar da situação, a acção de formação das TIC desmotivou-me totalmente.

P. Em tua opinião, a formação contínua está a permitir que os professores do 1º ciclo adquiram saberes e desenvolvam competências para desenvolverem projectos específicos para as populações com quem trabalham?

R. No geral não, porque não tenho só acções de formação sobre as TIC, tenho feito formação noutras áreas. Mas, só esta última acção de Expressão Plástica da ESE, como eu já te disse, foi a única que, realmente, deu para pôr em prática com as crianças. As outras, que eu tinha feito, realmente, não deram para pôr em prática. É um bocado complicado, porque se uma formadora vai para lá expor, estar a falar, realmente, resumindo, aquilo não dá nada. Vão para lá ditar, são muito teóricas e nada práticas.

A 6

P. Em que modalidades de formação participaste ultimamente?

R. A acção sobre as TIC era na modalidade de oficina de formação. A acção de Expressão Plástica também foi na modalidade de oficina, mas não foi no Centro de Formação.

P. Na tua opinião, o que mais tem facilitado e dificultado a tua participação na organização e desenvolvimento da formação?

R. Uma das dificuldades é quando eu me vou inscrever e as turmas já estão constituídas. E, depois, se estou interessada em determinado tipo de acção e às vezes não tenho vaga.

F 5

Depois quando os formandos se inscrevem e uns já têm muitos conhecimentos e outros têm poucos, isso dificulta bastante.

M 5

Outra dificuldade é as acções serem muito teóricas e não darem para pôr em prática, a maior parte delas.

S 5

P. E o que tem dificultado a tua participação na organização da formação?

R. Eu não sei como hei-de participar, porque ninguém me convida. Eu acho que para isso, tinha que haver um grupo de pessoas. Nem sabia que havia essa possibilidade. Tu falas em participar e eu, realmente, desconhecia.

Também acho que no Centro de Formação as acções são muito teóricas. Acho que eles têm que mudar esse tipo de atitude, de comportamento, fazerem as acções mais práticas e não teóricas.

L 7

P. E o que mais tem facilitado a tua participação na formação?

R. Eu não me lembro de nenhuma facilidade (risos).

P. Se dependesse de ti, fazias alguma alteração à formação desenvolvida por este Centro de Formação?

R. Como eu já te disse achava que as acções de formação, deviam ser mais práticas. E na construção do plano as acções têm que estar de acordo com a turma que se constitui. Como neste caso, acho que têm que ser adequadas aos conhecimentos dos formandos. Eram essas as alterações que fazia.

M 7

## Formanda - Entrevista 16 (2003/04/16)

P. No ano de 2001 foi publicada a reorganização curricular. Este facto teve algum efeito na procura de formação?

R. Sim, sim, porque fiz formação sobre a reorganização curricular em dois Centros de Formação para ficar mais informada sobre as alterações que a reorganização curricular trazia, para saber melhor responder às novas exigências da reorganização curricular. Mas a escolha desta acção sobre: Os Meios Multimédia não foi por causa da reorganização curricular, tem a ver com os novos métodos de trabalho, porque entendo que nós, professores, estamos muito pouco familiarizados com os meios multimédia, não digo todos os professores, mas uma larga percentagem e as nossas crianças nos dias de hoje precisam que no trabalho diário se use o computador. Portanto, a procura desta acção não foi influenciada pela reorganização curricular, talvez fosse mais por interesse pessoal, para estar mais actualizada, saber mais e conseguir responder melhor aos novos desafios. A reorganização curricular não teve a ver, eu, pessoalmente, é que sinto que preciso de saber mais sobre o computador e os meios multimédia para trabalhar com os miúdos, afinal que me adiantaria ter um computador na sala ligado à Internet se eu não o utilizasse ou nem sequer o deixasse utilizar? É por isso que eu procuro essas acções.

A 1a

Aliás, a partir de 2001 todos as acções que me inscrevi foram sobre a Informática e os meios multimédia, não tenho feito acções sobre outras temáticas porque não me interessam tanto, havendo estas dou sempre prioridade, aliás, a acção que vou iniciar agora sobre Informática é realizada só para os professores do 1º ciclo.

A 1b

P. Costuma participar na organização da formação que frequenta?

R. Nunca participei directamente na organização de nenhuma acção, apenas influenciei a escolha da acção ligada à Informática que vou frequentar este ano no agrupamento a que pertença. Agora na organização das acções não, porque nunca ninguém nos convidou para isso, eu perante a oferta do Centro de Formação, normalmente, escolho temas ligados aos meios multimédia e à Informática, mas baseio-me na oferta do Centro. No fim de cada acção de formação é que pedem sugestões, através de um inquérito, e nesse inquérito eu tenho dado sugestões para acções e para melhorar algumas, mas de forma anónima.

A 2c

P. Já me referiu algumas razões que a mobilizam a preferir mais determinado tema de formação e sobre a selecção da modalidade da acção, tem mais alguma razão específica?

R. Portanto, as razões da minha procura de formação por estes temas é poder integrar e incluir os meios multimédia e a Informática no trabalho diário com os alunos, dar outra resposta às necessidades das crianças de hoje, porque, é lógico que eu como já trabalho há quase trinta anos, reconheço que embora trabalhasse sempre com alegria, a minha maneira de trabalhar tem sofrido alterações ao longo dos anos porque me tento actualizar com as coisas que me vão oferecendo e com as exigências que nos fazem.

A 1a

Quanto à modalidade da acção eu tenho feito sempre formação na modalidade de oficina de formação, nas acções sobre novas tecnologias e os meios multimédia escolhi sempre oficina de formação porque tenho mais possibilidades de praticar, trabalhar mais, não ser um assistente tão passivo, porque percebo que também tenho mais facilidade de aprender fazendo, ouvindo só não tenho muita facilidade de aprender, por isso, prefiro sempre as que sejam na modalidade de oficina de formação porque são muito práticas. Esta acção sobre os meios multimédia também foi essencialmente prática, cada professora no seu computador, seguindo aquilo que a formadora nos pedia e fazendo algumas escolhas nossas, íamos trabalhando alguns programas que eu não dominava, como o PowerPoint, o Excel e outros programas que ela nos pedia.

A 1b

P. Considera que o plano existente se adequa às suas necessidades e às necessidades da sua escola?

R. Sim, até porque este plano de formação, por um lado tem muitas acções que abordam temas relacionados com as novas tecnologias, por outro lado também tem um grupo de acções que vão de encontro às áreas curriculares não disciplinares, que no ano passado causaram muita angústia aos professores e eu também fiz algumas acções pequenas sobre essas áreas, apenas de um dia ou dois, portanto, penso que o plano estava bem pensado porque ia ao encontro das angústias que os professores sentiam em relação às áreas curriculares não disciplinares e também em relação às novas tecnologias. No ano passado essas três áreas: Estudo acompanhado, Área de projecto e Formação cívica deram um nó cego na cabeça das pessoas, as pessoas andavam baralhadas não sabiam por onde lhes haviam de pegar, porque era confuso e nesse campo, este plano de formação vinha de encontro às angústias dos professores.

C 1

P. Em que temas se candidatou em 2002, neste Centro de Formação como primeira opção?

R. Eu penso que a acção sobre: Os Meios Multimédia não foi a primeira opção, penso que a primeira foi outra acção que está no plano sobre: As TIC na Sala de Aula, mas já não sei bem, mas nessa acção não entrei.

P. Que conteúdos, instrumentos e metodologias foram utilizadas durante a formação que frequentou?

R. Sobre a metodologia lembro-me que a formadora nos deixou bastante à vontade para explorarmos o computador e os programas que nos ia pedindo para trabalhar. Sobre os conteúdos lembro-me que estivemos a trabalhar no programa Word, no PowerPoint e no Excel e aprendi alguma coisa, mas não o suficiente para conseguir transmitir aos alunos e pô-los a eles a trabalhar. Quanto aos instrumentos só foi utilizado o computador, cada professora tinha o seu computador e íamos fazendo o que nos era pedido.

E 2

P. Que papéis assumem a formadora e os formandos durante a formação?

R. O papel desempenhado era muito igual, cada um ia fazendo o trabalho no computador, a formadora não impunha e as pessoas iam explorando os programas que lhes eram pedidos conforme o seu ritmo. Nas sessões não se distinguia quem era formando e quem era formador, não havia essa distinção.

F 2

P. Sentiu que a formadora conseguiu responder às suas dificuldades e às dificuldades dos outros formandos?

R. Eu penso que sim, mas eu vou explicar: havia lá colegas nossas que tinham muito pouco contacto com o computador, mal sabiam utilizar o computador e, portanto não estávamos todas a explorar o mesmo tema, elas nem sabiam escrever nada no computador e estavam a explorar o Word, e desse modo, a acção foi óptima para elas porque estavam com vontade de aprender e, portanto, às necessidades de alguns formandos a formadora conseguiu realmente chegar e colmatar essas necessidades, por exemplo: saber ligar o computador, saber escrever um texto, eu vi lá algumas professoras a escrever e estavam muito contentes. Agora, para aquelas que já sabiam bastante e queriam explorar muitas mais coisas eu senti que não tiveram grande oportunidade.

P. Concorde com a metodologia utilizada?

R. Não concordo totalmente porque no fim senti que o tempo não foi bem aproveitado, na minha opinião, achei que foi uma acção sem vida e sem alma.

E 2

Durante esta acção eu vi que a formadora percebia muito do assunto, domina bem as novas tecnologias e, pareceu-me que, no entendimento da formadora, os professores que estavam lá tinham mais conhecimentos e ao querer que nós respondessemos a exigências já de um certo nível, porque a linguagem que ela utilizava era para pessoas que já sabiam muito mais, e depois ficou surpreendida porque havia pessoas que nem sabiam ligar o computador, e daí a formadora depois acabou por deixar que cada uma fosse explorando o que queria.

E 2

Eu pareceu-me que foi isso, ela queria logo começar pelo PowerPoint, mas depois verificou que a maior parte das pessoas nem sequer sabiam escrever nada, então não podia começar por aí, eu penso que terá sido isso.

Eu acredito que para algumas pessoas a acção tivesse sido muito interessante, lembro-me de estarem lá duas ou três professoras da mesma escola e uma educadora, que estavam encantadas, portanto, penso que para algumas colegas foi muito positiva. Quem já tinha alguns conhecimentos como eu esperava que a formação tivesse outro grau de exigência.

E 2

P. Durante a acção houve alguma articulação entre a formação e os projectos educativos e curriculares da sua escola?

R. No meu trabalho houve uma pequena articulação, aproveitando a capa do projecto curricular de turma do ano passado para ser incluída na página da Internet que criei, que era a página da minha escola, foi a única ligação que eu fiz com o meu trabalho. Sobre os outros formandos não sei se estavam a fazer alguma ligação, porque eu não sei o que eles fizeram. Eu lembro-me de ter ouvido a formadora, algumas vezes, a falar no projecto curricular de turma, mas sem uma ligação efectiva ao que se estava a passar em cada escola.

B 6

P. Que formas e instrumentos de avaliação foram utilizados pela formadora?

R. Apresentamos o trabalho final e respondemos a um inquérito que normalmente se faz no final das acções de formação, de forma anónima. O trabalho final que eu fiz foi criar uma página na Internet e nessa página utilizei a capa do meu projecto curricular de turma, um texto escrito de uma aluna sobre a freguesia e um desenho de outra aluna.

P. Participou na selecção desta formadora?

R. Não, nunca participei na selecção de qualquer formadora e nunca tive qualquer influência sobre a escolha do formador. Eu também não conheço a maior parte dos formadores, portanto nunca me poderia manifestar e também nunca fiz nenhuma proposta dessas porque nem sabia que o podia fazer.

F 3

P. Que opinião tem dos formadores que teve durante o ano de 2002, na formação realizada neste Centro de Formação?

R. Em 2002 fiz mais do que esta acção e a avaliação que faço de alguns formadores é muito positiva, porque têm o trabalho bem organizado, os objectivos muito bem definidos, o tempo das acções é muitíssimo bem aproveitado, a motivação dos formandos é altíssima, portanto, sabiam-nos motivar para o que estávamos ali a fazer. Outros formadores, como por exemplo a formadora que orientou esta acção e noutra acção que fiz noutro Centro de Formação responderam pouco aos nossos anseios porque foram pobres na preparação e na execução e os formadores são responsabilizados por isso, porque eles têm a responsabilidade de fazer uma acção mais dinâmica.

C 3

P. Em sua opinião, a formação contínua está a permitir que os professores do 1º ciclo, adquiram saberes e desenvolvam competências para desenvolverem projectos específicos para as populações com quem trabalham?

R. Eu penso que na planificação de uma acção deve ser levado em conta a necessidade de ter uma componente prática, porque se são muito teóricas as pessoas aprendem pouco e também deve ser criada uma dinâmica que incentive o diálogo entre os formandos porque do diálogo surge a riqueza de ideias e até de experiências de trabalho. Por isso, eu penso que é muito importante haver momentos de formação todos os anos, porque fazem muita falta na nossa vida profissional, eu não trabalho nada como trabalhei quando comecei e a formação contínua contribuiu muito para isso. Eu tenho feito acções muito boas, com muita articulação com o trabalho desenvolvido na escola, que deixam recordações para toda a vida.

C 6

P. Sente que a formação lhe traz algum contributo para um melhor desenvolvimento das práticas educativas?

R. Sim, sim e quem disser o contrário está a mentir. Eu posso dizer que eu fiz esta acção e não me veio trazer quase nada de novo, mas eu não acredito que ninguém, por muito pouco motivado que esteja, e por muito pouco que queira mudar a sua prática pedagógica, não aplique sempre alguma coisinha do que aprendeu, há sempre o momento que a gente lá vai chegando, ou de uma forma ou de outra. Portanto, eu penso que toda a gente em maior ou menor escala aplica sempre alguma coisa do que vai aprendendo na formação contínua, eu posso não aplicar tudo, mas há sempre coisas que vão ficando, novas formas de trabalhar, novas ideias e depois o enriquecimento pessoal que também é importante.

C 6



também interessa termos pessoas bem formadas e conhecedoras das novas tecnologias e de todas as reformas que se forem fazendo.

P. Na sua opinião, o que mais tem facilitado e dificultado a sua participação na organização e desenvolvimento da formação?

R. Sobre os temas das acções que desenvolvem eu penso que de uma forma global estão a ir de encontro aos anseios, às angústias dos professores e às necessidades das escolas, mas em relação à escolha dos formadores penso que muitas vezes não estão a escolher os formadores adequados para o tema a ser tratado, penso que na escolha dos formadores é que deveria ser dada mais atenção e ser feita uma maior audição às opiniões dos formandos, porque há formadores que falam coisas muito bonitas, mas não estão adequadas à realidade.

F 5

Relativamente à minha participação na organização da formação também nunca me pediram, a não ser através da avaliação escrita que realizamos no final das acções e de uns inquéritos que às vezes recebemos nas escolas, mas que não ligamos muito. Também nunca pensei muito nisso, estou habituada a que o Centro de Formação resolva esses problemas e não estou muito motivada para isso, esperamos que o Centro de Formação apresente o plano de formação e inscrevemo-nos, só isso.

I 5

Eu sei que lhes facilita que haja sempre a adesão dos formandos, porque assim já sabem à partida que organizam uma acção e que têm formandos para a fazer, mas nós nunca nos preocupamos com a escolha dos temas e do formador. O que mais tem facilitado também é o facto de eu querer aprender, é o querer saber mais e gostar de participar. Também considero o horário pós laboral adequado.

E 4

G 4

P. Se dependesse de si, fazia alguma alteração à formação desenvolvida por este Centro de Formação?

R. Não conheço em profundidade a dinâmica do Centro para propor alterações, a não ser dar algumas sugestões na escolha de formadores.

P 7

**Formanda - Entrevista 17 (2003/04/22)**

P. No ano de 2001, foi publicada a reorganização curricular. Este facto teve algum efeito na procura da formação?

R. Não, porque eu não procurei a formação devido à reorganização curricular, mas sim para me manter constantemente actualizada, foi por uma questão de valorização pessoal e profissional, embora quando me fala na reorganização curricular, eu estou mais ou menos a par dela, mas não a cem por cento porque eu estou destacada já vai para 13 anos. A reorganização curricular não teve influência na procura de formação porque eu trabalho com deficientes mentais profundos.

A 1a

P. Costuma participar na organização da formação que frequenta?

R. Não, porque isso é para as escolas do ensino oficial, nós aqui apenas recebemos o plano do Centro de Formação com as acções e escolhemos aquelas nas quais gostaríamos de participar como formandos, nenhum dos professores destacados nesta instituição é questionado nesse sentido, o Centro de Formação nunca nos contactou nesse sentido.

P. Quais as razões que a mobilizam a preferir mais determinadas temáticas e modalidades de formação?

R. Em primeiro lugar, eu geralmente vou para a formação sobre as novas tecnologias, que é a área na qual eu fiz a Licenciatura, ou então para as acções relacionadas com o ensino especial e com a deficiência porque é a área na qual eu estou a trabalhar, as minhas escolhas vão nestas duas vertentes.

A 1b

Na área de Informática é por uma questão de poder fazer uma reciclagem, porque a área da Informática está numa constante actualização e a formação serve para, juntamente com os formadores, nós trocamos impressões, trocamos ideias, saberes e opiniões.

A 1a

P. E quais as razões que a mobilizaram a seleccionar esta modalidade de formação?

R. Eu não fiz a formação pela modalidade, fiz mais pelo formador. Eu nunca tinha trabalhado com ele, mas tinha ouvido falar bem dele. Portanto, aposto numa formação em que o formador me possa vir a enriquecer ainda mais.

C 3

P. Que opinião tem dos formadores?

R. Há alguns formadores neste Centro que eu não conheço muito bem, há outros que eu nunca me inscreveria nas suas acções e este formador é uma das

peessoas com quem eu gostaria muito de trabalhar um dia se fosse possível, porque eu também sou formadora na área de novas tecnologias. Penso que esta diferença no trabalho realizado pelos formadores advém da maneira de conduzir a formação e do seu conhecimento alargado e actualizado.

C 3

P. Considera que o plano de formação existente neste Centro se adequa às necessidades desta escola e às suas necessidades?

R. Às minhas necessidades pessoais sim, às necessidades da escola talvez não, porque talvez fosse preciso haver formação mais específica na área da deficiência, porque quando aparece é uma ou outra e muito raramente.

P. Em que temas se candidatou em 2002 como 1ª opção?

R. A primeira opção foi as TIC na Sala de Aula e foi nessa acção que eu fiquei. Depois, candidatei-me a outras, todas na área da Informática, que foram as acções nº 13 e nº 17.

A 1b

P. Que conteúdos foram trabalhados durante a acção?

R. O formador teve muita dificuldade porque as pessoas não tiveram em conta quais os objectivos da acção que vêm descritos no plano e inscrevem-se muitos formandos que praticamente não sabem nada e consideram isto uma precisão. Eu lembro-me que o formador, na altura, teve bastante dificuldade, porque havia pessoas que não sabiam rigorosamente nada, havia outras que sabiam umas coisitas e outras que sabiam bastante. Era muito difícil trabalhar assim, portanto, ele trabalhou digamos, como se costuma trabalhar no 1º ciclo, com três anos ao mesmo tempo, o ano da iniciação, o ano médio e o ano avançado. Os conteúdos que eu trabalhei foram aqueles já mais elaborados relacionados com a análise de software, com alguma programação relativamente aquilo que nós gostaríamos de fazer; havia várias ferramentas que podíamos explorar.

M 5

P. Então, qual foi a metodologia utilizada durante a acção?

R. Nós optávamos por aquilo que nos sentíamos mais à vontade, que mais gostava de trabalhar e queria aprofundar mais o meu conhecimento, pelo menos comigo foi assim.

E 2

Eu julgo que em algumas escolas do ensino oficial, aquilo que aprendemos na acção é possível aplicar no contexto educativo, na minha escola, precisamente, é difícil porque eu não tenho nenhum utente que vá ao computador.

C 6

Ainda sobre as metodologias, eu senti que o trabalho do formador foi um bocado difícil, mas ele formou mais ou menos três grupos e conseguia orientá-los e também havia uma interajuda muito grande entre os formandos, mas o formador ia atendendo, sempre que alguém solicitava ele ia atender e era o mais prestável possível, inclusivamente no final disponibilizou-se ainda para ajudar uns colegas que tinham mais dificuldades, de maneira que foi bastante difícil para ele, mas conseguiu, de uma maneira geral, nos três grupos atingir os objectivos pretendidos. Para isso, ele lançava vários reptos, lançava as ideias, mas deixava-nos uma liberdade total para nós optarmos, para nós escolhermos aquilo que realmente gostaríamos de trabalhar e então, a partir da altura em que escolhessemos aquilo que queríamos, também deu oportunidade para, dentro do leque de actividades que ele propunha, escolhermos o caminho pelo qual queríamos enveredar e no qual terminaria com um trabalho, portanto, foi sempre uma formação orientada não impondo nada, deixando o formando sempre escolher e indo de encontro com as necessidades do formando. Por isso, esta acção correspondeu muito às minhas expectativas.

E 2

P. Sentiu que a acção também correspondeu às expectativas do grupo?

R. Eu julgo que quando o grupo é assim muito heterogéneo é difícil a todas as pessoas conseguirem aquilo que querem, principalmente aquelas colegas que estavam no início, penso que nunca se deveriam ter inscrito nesta formação, aí o formador não teve culpa e o que ele fez foi tentar atender a toda a gente ao mesmo tempo, mas, como é lógico, e eu faria o mesmo no lugar dele, se a formação era para determinado patamar de conhecimento, portanto ele tinha de se dedicar realmente mais às pessoas que estavam nesse patamar, no entanto, ele disponibilizou-se muitas vezes para trabalhar com as colegas que tinham mais dificuldades para determinado trabalho.

M 5

P. Que instrumentos foram utilizados durante a formação?

R. O formador trazia muito software dele próprio, trazia vários livros, vários trabalhos já realizados noutras acções de formação para nós podermos ver, consultar, tirar ideias, discutir.

P. A formação que tem realizado tem sido sempre na modalidade de oficina de formação?

R. Não, também tenho realizado formação na modalidade de curso de formação.

P. Sente que há alguma diferença no desenvolvimento da formação entre essas duas modalidades?

R. Eu acho que o modo de desenvolver a acção tem muito a ver com o formador, mais do que com o nome que é dado à modalidade e com o tema da formação. Eu também fiz na área da Informática, mas era uma acção totalmente diferente, mas também foi muito interessante. Mas é o que eu digo, isso tem a ver com o formador e, também, com a forma como as pessoas abordam o tema.

P. Que papéis assumiam os formandos e o formador durante a acção?

R. Eu acho que todos tiveram um papel muito activo, quer seja o formador quer seja o formando, o formador porque realmente ele “desfez-se” para poder atender a toda a gente e sempre trazendo ideias e muito aberto a tudo que lhe íamos perguntando, em relação aos formandos porque havia uma interajuda muito grande entre todos nós, mesmo em relação aqueles que sabiam menos.

F 2

P. Concordou com a metodologia utilizada pelo formador?

R. Sim.

P. Durante a acção existiu alguma articulação entre a formação e os projectos educativos e curriculares das escolas dos formandos?

R. Em relação a alguns colegas sim, eles fizeram uma articulação entre a formação que estavam a ter e o trabalho que desenvolveram no final para apresentar ao formador e o trabalho que estavam a desenvolver na escola. Eu lembro-me de uma educadora que o trabalho que desenvolvia no jardim de infância trazia para a formação, continuava a desenvolver, aperfeiçoava e tirava dúvidas, portanto, havia uma inter-relação entre a formação e o trabalho que ia realizando no jardim de infância. Houve vários casos, mas eu só estou a dar um exemplo.

B 6

P. Que formas e instrumentos de avaliação foram utilizados pelo formador?

R. Houve uma avaliação contínua e o trabalho final que foi entregue é que deliberou os créditos que nós iríamos ter, porque os créditos foram definidos mediante uma avaliação que é feita por outra pessoa que não o formador.

P. Sentiu que a avaliação contínua teve reflexos na forma como o formador foi orientando a formação?

R. Sim, ele de sessão para sessão ia adaptando a formação e os conteúdos ao que lhe era pedido e aos progressos que cada um ia tendo.

B 2

P. Participou na selecção do formador?

R. Não, pela mesma razão que disse sobre a participação na organização do plano de formação.

P. Em sua opinião, a formação contínua está a permitir que os professores do 1º ciclo adquiram saberes e desenvolvam competências para desenvolverem projectos específicos para as populações com quem trabalham?

R. Desde de que as pessoas não vão para a formação com o intuito de obter os créditos para mudança de escalão, mas que vão para a formação com o objectivo de aprender e aplicar o saber que obtêm na sua prática pedagógica, eu acredito que haja projectos e que se possa desenvolver alguma coisa, porque há muitas pessoas que quando o formador pergunta, no início da formação, porque é que estão na acção, eles são claros e dizem que é para obter os créditos, enquanto que há outros que nem sequer precisam dos créditos e vão fazer formação porque querem saber mais, ou é pelas duas coisas, juntando o útil ao agradável.

A 6

P. Sentiu que este grupo estava na formação pela obtenção dos créditos?

R. Penso que a maior parte estava porque necessitava dos créditos, mas trabalhou afincadamente com projectos dirigidos à escola, houve um caso ou outro que trabalhou sem interesse, que fez o trabalho só para obter os créditos.

P. Sente que a formação contínua lhe traz algum contributo para um melhor desenvolvimento das práticas educativas?

R. Eu só fiz uma acção, já há bastante tempo, na área da educação especial e serviu-me para eu ir actualizando os meus conhecimentos nesta área, aprendendo sempre mais qualquer coisa. Eu sinto que a formação me traz sempre mais conhecimento e, às vezes, serve para nós questionarmos os formadores acerca de problemas que temos no dia a dia e de como contornar esses problemas, qual a melhor maneira de os abordar, de lhe dar a volta e conseguir superá-los para trazer o bem estar, e, muitas vezes, nós colocamos essas questões durante as acções de formação.

C 6

P. A modalidade de formação tem influência na sua selecção?

R. Eu nunca seleccionei a formação pela modalidade, eu selecciono a formação pelo conteúdo e pelo formador. Mas, além disso, gosto da modalidade de oficina de formação porque acho que na oficina de formação o trabalho vai mais de encontro às nossas necessidades e nós podemos escolher melhor aquilo que queremos trabalhar, a acção não é tão dirigida.

P. Na sua opinião, o que mais tem facilitado e dificultado a sua participação na organização e no desenvolvimento da formação?

R. O que tem dificultado a organização é não haver solicitações, portanto, nunca me lembrei de fazer uma proposta.

J 5

No desenvolvimento da formação o que eu vejo é que as pessoas quando escolhem a formação não olham aos objectivos da formação e se têm ou não têm conhecimentos para poderem acompanhar este tipo de formação e, portanto, aconteceu muito nesta formação em que eu estive, em que foi preciso dividir em três grupos, se fossem só dois, acho que as coisas tinham sido muito mais equilibradas, mas como nós apanhamos pessoas que praticamente nunca trabalharam nada com o computador, isso é uma das grandes dificuldades porque o formador não se pode desfazer e também não pode dizer aos formandos para se irem embora porque a acção não é para eles. As pessoas quando se inscrevem também não lhes vai ser pedido, digamos um curriculum em que elas digam o conhecimento que têm, a selecção das acções, no momento da inscrição, tem que partir da consciência da própria pessoa. A grande dificuldade é essa, porque o formador depois não consegue atender a toda a gente ao mesmo tempo e muitas vezes os objectivos finais, se calhar, não chegam ao que se esperava porque o formador não pode com a população que tem na turma.

M 5

P. E, em sua opinião, o que mais tem facilitado o desenvolvimento da formação?

R. Eu penso que, muitas vezes, é o facto dos formadores serem umas pessoas tão flexíveis, tão abertas e muito prestáveis e também haver colegas que se interajudam muito.

I 4

## Formanda - Entrevista 18 (2003/04/26)

P. No ano de 2001 foi publicada a reorganização curricular. Este facto teve algum efeito na procura da tua formação?

R. Não, no meu caso isso não teve qualquer efeito, o que me motivou para procurar formação no âmbito das novas tecnologias, foi o facto de me considerar uma analfabeta nesse campo e achar que as novas tecnologias actualmente invadem a nossa sociedade, e, muito particularmente, ao nível do ensino, penso que devemos estar todos preparados para poder acompanhar as crianças nessa área e que as novas tecnologias podem ser aproveitadas para as aprendizagens das crianças em todas as áreas de desenvolvimento. Portanto, eu queria ter um certo domínio nessa área para poder apoiar os alunos nas várias áreas de estudo, porque esta é uma ferramenta que facilita e favorece a aprendizagem das crianças.

A 1a

P. Sentes que a formação contínua te traz algum contributo para um melhor desenvolvimento das práticas educativas?

R. A formação sobre novas tecnologias só a utilizo para preparação dos materiais, não utilizo na sala de aula porque na escola não temos computador. Mas, a formação além de me trazer novos conhecimentos, também me ajudou a por de parte os receios e as angústias que tinha de mexer no computador e de o avariar.

P. Costumas participar na organização da formação que frequentas?

R. Não costumo participar directamente, temos uma representante, eleita por nós, que participa nos Conselhos Pedagógicos do Centro de Formação, por isso, costumo participar indirectamente, através das reuniões de Conselho de Docentes que fazemos, normalmente a nossa representante faz um levantamento das nossas necessidades de formação, regista e transmite-as ao Centro de Formação.

A 2b

P. O Centro de Formação tem respondido a essas necessidades?

R. Sim, no que diz respeito às minhas necessidades, o Centro tem sempre dado resposta e penso que em relação à maioria das colegas também, por isso, acho que, a organização da formação tem sido feita a partir dessa recolha de necessidades. A partir daí o Centro tem dado resposta aos pedidos de cada uma de nós, tanto ao nível pessoal, como ao nível profissional, porque eu penso que o factor pessoal é indissociável do factor profissional; se a formação nos enriquece pessoalmente também nos enriquece profissionalmente, porque se tenta sempre aplicar na sala de aula aquilo que se aprende na formação.

C 1



Portanto, um dos objectivos de fazer formação também é esse, aprender para poder acompanhar melhor os alunos e apoiá-los nas necessidades que têm.

A 1a

P. Tiveste oportunidade de frequentar a primeira opção de formação que seleccionaste?

R. Sim tive oportunidade de frequentar a primeira acção que escolhi.

P. Em que acções de formação é que te candidataste no ano de 2002, neste Centro de Formação, como primeira opção?

R. Esta acção foi a primeira opção e a única. Era na área em que eu tinha mais dificuldades e tinha mais necessidade de aprender.

A 1b

P. Quais as razões que te mobilizam a preferir mais determinado tema e modalidade de formação?

R. Foi um conjunto de três factores: foi pela temática porque para mim as novas tecnologias faziam parte de um universo desconhecido que me angustiava bastante e, por isso, tinha um certo receio em manusear o computador, depois também achava que me fazia falta e tinha mesmo necessidade de aprender alguma coisa para poder ajudar os alunos, depois também pela formadora porque achei que era uma pessoa muito competente, com um vasto leque de conhecimentos nessa área, uma boa profissional, depois veio a modalidade de formação porque acho que é uma das modalidades que se desenvolve em articulação com o contexto de escola e que considero muito mais interessante do que os cursos de formação, porque podia articular as actividades que fazia na escola com a formação que estava a ter.

C 3

A 1b

P. Durante esta acção, como era feita essa articulação?

R. Para essa articulação, a metodologia que a formadora utilizou foi a seguinte: na escola havia trabalhos produzidos pelas crianças e depois eu como não tinha computador na escola, levava esses trabalhos para passar na acção de formação. Lembro-me que também construímos uma história relacionada com o projecto educativo sobre a segurança rodoviária, as crianças fizeram o registo dessa história e depois foram digitalizadas as imagens e passei a história para o computador durante a formação. Também fizeram rimas, desenhos que também foram digitalizados, foram passados para diapositivos, com vários efeitos que o PowerPoint permite fazer. Havia uma pequena parte em que ela expunha teoricamente como é que nos devíamos ligar o computador, podíamos aceder a determinado programa, mas a parte teórica foi muito reduzida, o que tornou a oficina de formação essencialmente prática.

P. Que conteúdos foram trabalhados durante a formação?

R. Recordo-me do PowerPoint e do Word.

P. Que instrumentos que foram utilizados?

R. Foi só o computador.

Durante a formação os trabalhos que fizemos foram individuais, mas houve um clima de entreajuda muito grande porque havia colegas que estavam como eu, na iniciação, mas havia outras colegas que já sabiam trabalhar no Word, já estavam numa fase mais avançada, havia um clima de entreajuda muito grande entre as colegas, e quem estava mais avançado tentava sempre ajudar.

E 2

P. Quais as razões que te mobilizam a preferires mais determinada temática e modalidade de formação?

R. Eu prefiro as acções nas modalidades de oficinas de formação e de círculos de estudo, porque penso que são modalidades de formação que se aprende muito mais e favorece a articulação entre o contexto de escola e o contexto de formação. Se bem que são modalidades de formação muito mais trabalhosas e que, muitas vezes, os profissionais da educação fogem um pouco de participar nelas, porque exigem muita mais pesquisa e muito mais trabalho da nossa parte e por vezes, também há aquele receio de expor publicamente com outros colegas e com o formador aquilo que trabalhamos na sala de aula, porque podem achar que estamos a agir desadequadamente e temos receio de estarmos a fazer um tipo de trabalho de forma incorrecta ou a usar as metodologias que não são as mais correctas. Mas, eu penso que o professor não é o detentor de todo o saber, se falhamos algumas vezes, com os erros também aprendemos e acho que nos devemos disponibilizar mais para participar neste tipo de formação porque nos enriquecemos mais, não só a nível pessoal mas também a nível profissional, porque há muito mais pesquisa e podemos conciliar a formação com o trabalho realizado.

A 1b

A 1b

P. E quais as razões que te levam a preferir determinada temática?

R. Em primeiro lugar selecciono aquelas áreas em que eu sinto que tenho mais dificuldades e me sinto mais ultrapassada, portanto, temáticas mais actuais, mais pertinentes e que eu não me sinto tão à vontade para trabalhar na sala de aula e mesmo ao nível da elaboração de determinados documentos como: o projecto educativo, o projecto curricular de turma e o projecto curricular de escola, depois há aquelas áreas que eu mais gosto e que também nos fazem falta como a Expressão Plástica.

A 1b

P. Consideras que o plano de formação existente neste Centro se adequa às necessidades da tua escola e às tuas necessidades?

R. Sim, penso que vão de encontro às minhas necessidades, quando eu digo que vão de encontro às minhas necessidades também me refiro às necessidades da escola, porque as necessidades que eu encontro em mim também são vistas há luz das áreas que é necessário desenvolver na escola. Por isso, acho que sim, acho a formação, até ao momento, tem ido ao encontro das minhas necessidades e às necessidades da minha escola.

C 1

P. Que papéis assumiram os formandos e a formadora durante a acção?

R. Na minha perspectiva, a formadora teve o papel de moderadora, indo ao encontro das nossas necessidades e, dentro das possibilidades, tentou fazer um acompanhamento individual ao trabalho de cada formando. Mas, tornou-se um pouco difícil porque havia formandos que estavam num nível mais avançado do que outros, mas ela tentou, na medida do possível, atender a todos as necessidades. A formadora tentou sempre facilitar-nos a aprendizagem e acompanhou-nos sempre nas nossas dificuldades, deixou-nos à vontade para nós podermos produzir trabalhos através do computador e nós quando tínhamos dificuldade solicitávamos-lhe ajuda e ela ajudava sempre que era necessário.

F 2

E 2

P. Concordas com a metodologia que a formadora utilizou?

R. Sim, concordo.

P. Esta acção correspondeu às tuas expectativas?

R. A acção correspondeu às minhas expectativas, mas acho que devia prolongar-se por mais tempo, porque aprendi alguns requisitos básicos e quando acabou já estava motivada para saber mais alguma coisa. Penso que a oficina de formação deveria prolongar-se por mais tempo, no sentido de poder evoluir mais nos meus conhecimentos acerca das novas tecnologias e de por em prática esses conhecimentos. Mas gostei da acção porque a formadora começou por um patamar muito baixo e para mim tinha que ser uma iniciação, acho que o grau de exigência esteve bem, não podia ser maior porque também não conseguiria alcançar objectivos muito mais elevados. Penso que à medida que fui realizando aprendizagens também o grau de exigência foi sendo superior, foi aumentando, mas sempre compatível com os conhecimentos que ia adquirindo.

Q 5

E 2

P. Já me referiste que houve alguma articulação entre a formação e o projecto educativo da tua escola, também sentiste essa articulação no trabalho desenvolvido pelos outros formandos?

R. Senti que também os outros formandos aproveitaram os trabalhos que estavam a realizar com os alunos na sala de aula para trazerem para a oficina de formação, porque, inclusivamente, fizemos trocas de produções, e nesse sentido também foi muito proveitoso para nós. Houve ali uma partilha de trabalhos que podemos utilizar na sala de aula com os nossos alunos.

B 6

P. Que formas e instrumentos de avaliação foram utilizados pelo formador?

R. A avaliação baseou-se na produção de um trabalho sobre a utilidade dos meios multimédia na sala de aula, cada uma de nós fez um trabalho teórico de reflexão pessoal. Depois anexamos os trabalhos imprimidos que tínhamos feito durante a oficina de formação, que tínhamos levado da escola, feitos manualmente pelos alunos, no meu caso foi uma história e foram rimas.

P. Participaste na selecção da formadora que orientou esta acção?

R. Não, eu nunca participei na selecção de nenhuma formadora. Porque nunca me deram oportunidade e também, nunca senti a necessidade de participar nessa escolha.

F 3

P. Que opinião tens dos formadores?

R. Neste Centro tenho uma boa opinião dos formadores, porque a formação tem sido sempre muito positiva para mim. Mas, eu normalmente não me inscrevo numa formação pelo formador, inscrevo-me numa formação pela temática e pela modalidade. Neste Centro de Formação, só tenho a realçar aspectos positivos dos formadores, tenho gostado porque tem sido sempre uma formação interessante.

P. Na tua opinião, a formação está a permitir que os professores do 1º ciclo adquiram saberes e desenvolvam competências para desenvolverem projectos adequados às populações com quem trabalham?

R. Eu penso que sim, actualmente eu penso que a formação tem evoluído nesse sentido, no sentido de ir mais de encontro às necessidades das escolas e dos profissionais, porque agora com a reorganização curricular os professores têm-se sentido muito angustiados, portanto, há um certo mal estar por sentirem que não têm os conhecimentos específicos para a elaboração dos documentos que são pedidos, como o projecto educativo, o projecto curricular de escola e o projecto curricular de turma, e as ofertas de formação têm vindo um pouco nesse sentido de forma que penso que os professores têm aprendido bastante com a formação. Por isso, penso que a formação pode levar a um desenvolvimento de atitudes e de competências que são necessárias para desenvolver os projectos educativos e curriculares da escola.

A 6

P. Então, sentes que a formação contínua te traz algum contributo para um melhor desenvolvimento das práticas educativas?

R. Eu penso que sim, eu quando vou frequentar a formação é mesmo com esse objectivo, portanto, no sentido da formação me ajudar a realizar práticas educativas cada vez mais adequadas e de me aperfeiçoar mais no trabalho do quotidiano escolar para que os alunos obtenham maior sucesso nas aprendizagens.

C 6

P. Na tua opinião o que mais tem facilitado e dificultado a tua participação na organização e no desenvolvimento da formação?

R. Eu não sinto qualquer obstáculo, mas por exemplo, na formação sobre os meios multimédia achava que a oficina de formação deveria ter continuidade para eu aprender mais e podermos interagir mais e fazer a apresentação dos trabalhos efectuados à turma, portanto, penso que deveria haver mais tempo para essa apresentação, porque senti que fiquei um bocadinho com aquele gosto pela continuidade. A formadora também teve um papel essencial nisso, porque penso que foi por usar uma metodologia que todas gostamos.

P. Então, o principal obstáculo relaciona-se com a duração da acção?

R. Sim, mas à partida nós já sabíamos que era uma oficina de formação de trinta horas, mas, devido aos desníveis de conhecimento dos formandos, portanto, na acção havia formandos no grau de iniciação como eu e outros num grau mais avançado, portanto, havia necessidades muito diferentes, de modo que também era difícil para a formadora atender individualmente a cada um dos formandos.

M 5

Entre os formandos houve muita entreajuda, que foi benéfica, mas ficou-nos o desejo e o gosto pela continuidade.

P. E o que mais tem facilitado a tua participação na organização e no desenvolvimento da formação?

R. Na organização é o facto do Centro de Formação aceitar sempre os pedidos que fazemos de forma indirecta, no desenvolvimento penso que as facilidades prendem-se com o facto de me terem permitido frequentar uma modalidade de formação que eu pretendia e que foi a única opção que fiz. Esta facilidade tem acontecido e também aconteceu com outras colega que conheço que não conseguiram ser admitidas na oficina de formação que eu fui e como havia várias colegas interessadas nessa formação o Centro abriu outra turma com a modalidade de oficina de formação sobre o mesmo tema, dando-lhes a possibilidade de participar nessa oficina de formação.

J 4

**Formanda – Entrevista 19 (2003/05/14)**

P. No ano de 2001, foi publicada a reorganização curricular. Este facto teve algum efeito na tua procura de formação?

R. Sim, para mim teve porque como eu não tinha ampliado os meus conhecimentos em relação a esta temática, procurei desenvolvê-los e tentar da forma melhor possível, não é, concretizar tudo aquilo que eu precisava e esclarecer-me o mais possível. Porque para as escolas não veio informação muito clara e objectiva nesse sentido e eu procurei informar-me e, se possível, frequentar alguma acção que me desse uma elucidação para compreender melhor tudo isto, todas estas inovações da reorganização curricular.

A 1a

P. Costumas participar na organização da formação que frequentas?

R. Ora bem, no ano passado foi um ano em que eu pertencia a um agrupamento e nós próprias fomos as proponentes de uma acção de formação que era sobre Projecto Curricular de Escola e Projecto Curricular de Turma. Portanto, foi mesmo proposta por nós porque não sabíamos como iniciar esses projectos. E inscrevemo-nos e conseguimos uma acção só para nós.

A 2a

P. Quais as razões que te mobilizam a preferir mais determinado tema e modalidade de formação?

R. Quando eu não tenho informações ou conhecimentos profundos sobre determinado tema eu procuro estudar e formar-me nesse sentido.

P. E porque seleccionas determinada modalidade de formação?

R. Eu costumo frequentar cursos de formação, mas neste caso foi um círculo de estudos que penso que é mais vasto. Embora a acção fosse bem desenvolvida, aquilo que eu achasse que não foi muito positivo, foi que as vinte e cinco horas não foram suficientes para abarcar tantos conteúdos, tantas coisas novas. Até agora, foi a única acção que frequentei em círculo de estudos, mas eu não notei assim grandes diferenças entre as duas modalidades de formação.

Q 5

P. Consideras que o plano de formação existente se adequa às tuas necessidade e às necessidades da sua escola?

R. Penso que sim. Penso que o plano tem uma grande variedade de temáticas que são muito ajustadas às dúvidas que os professores do 1º ciclo sentem. Foi por isso que, sobretudo, aquela acção de formação que eu frequentei, em grande parte, respondeu às minhas dúvidas e esclareceu-me bem. Eu penso que respondeu às necessidades de cada um e também às necessidades da escola,

C 1

deu resposta. Porque acho que a partir dali nós conseguimos desenvolver nas nossas escolas os projectos. Nós lá não fizemos nenhum trabalho mesmo completo. Fizemos guiões sobre o Projecto Curricular de Escola e o Projecto Curricular de Turma que nos ajudaram a fazer o nosso projecto.

C 1

P. Em que temas te candidataste em 2002 como primeira opção?

R. Eu só me candidatei a esta acção. Já tenho frequentado outras temáticas, mas achei que esta, como eu tinha muitas dúvidas, achei que era muito motivadora.

A 1b

P. Que conteúdos, instrumentos e metodologias foram utilizadas durante esta formação?

R. Os conteúdos foram baseados no Projecto Curricular de Escola e no Projecto Curricular de Turma. Os instrumentos e metodologias, ora bem, a professora utilizava muitas vezes o retroprojector, também nos forneceu muita documentação escrita e a metodologia utilizada, nós, começamos logo inicialmente a trabalhar em grupos e cada um debruçou-se nos projectos que estávamos a trabalhar.

P. Concordas com a metodologia utilizada?

R. Sim. Eu achei que as duas formadoras procuraram sempre dar resposta às nossas dúvidas e esclarecer-nos o melhor possível. E, penso que a acção em grande parte correspondeu às minhas expectativas.

E 2

P. Que papéis assumiam os formandos e as formadoras durante a acção?

R. Deram oportunidade de participar e haver muita abertura e, sobretudo, eu achei que uma das formadoras foi mesmo ao encontro das necessidades das pessoas de uma forma mesmo acolhedora, muito acolhedora, cativava. Eu penso que a maioria dos professores foi satisfeita da acção.

F 2

P. Durante as acções existiu alguma articulação entre a formação e os projectos educativo e curriculares da tua escola?

R. Houve articulação neste sentido: como a escola estava muito fora do assunto e queríamos aprender, aqueles guiões foram-nos muito úteis para posteriormente fazermos os nossos projectos da forma mais correcta, porque nós não os sabíamos fazer.

B 6

P. Que formas e instrumentos de avaliação foram utilizados pelas formadoras?

R. Ora bem, houve um trabalho de grupo que foi feito durante a acção e depois houve um trabalho final individual, no qual reflectimos sobre o que

aprendemos, os aspectos positivos, os conteúdos da acção e as expectativas futuras. No trabalho de grupo construímos os guiões a partir da documentação que também servia para a introdução, para a conclusão e mesmo para o desenvolvimento do guião, para não ser efectuado só com tópicos.

P. Participaste na selecção das formadoras que orientaram a acção?

R. Eu não participei, não me foi dada a oportunidade para fazer nenhuma escolha nesse sentido.

P. Nunca seleccionaste nenhuma formadora?

R. Não. Até agora, não. Mas se tivesse conhecimento dos formadores, acho que gostava de participar nessa selecção, porque a maioria das pessoas que me tem dado formação, eu não as conheço.

F 3

P. Que opinião tens dos formadores que tiveste durante o ano 2002, na formação realizada no Centro de Formação?

R. Eu penso que todas elas fazem um grande esforço para nos transmitirem da forma mais clara e precisa os conhecimentos que elas têm e dar resposta às nossas dúvidas e às nossas inquietações.

As formadoras desta acção, eu achei que estavam muito seguras de si, do papel que desempenharam, tinham uma forma de transmitir os conhecimentos bem agradável. Achei que, em termos de conhecimentos, que eram pessoas muito seguras de si próprias. Tinham muitos conhecimentos para dar e nós muito para receber.

C 3

P. Em tua opinião, a formação contínua está a permitir que os professores do 1º ciclo adquiram atitudes e desenvolvam competências para desenvolverem projectos específicos para as populações com quem trabalham?

R. Eu penso que sim, que a formação é muito positiva nesse sentido. Porque eu quando vou frequentar acções de formação, e não só esta como as outras, eu fico muito elucidada e agradeço muito aos formadores o seu contributo porque acho que é muito favorável e penso que nós temos é que agradecer a estas pessoas que nos transmitem os seus saberes da melhor forma.

C 3

P. Sentes que a formação contínua te traz algum contributo para um melhor desenvolvimento das práticas educativas?

R. Eu penso que sim. Penso que a formação me fornece documentação para que a minha prática educativa seja o mais actualizada possível. Para que as minhas aulas sejam mais inovadoras, diferentes do que eu fazia no início.

C 6



P. Na tua opinião, o que mais tem facilitado e dificultado a tua participação na organização e desenvolvimento da formação?

R. Tivemos facilidades quando pedimos a acção de formação porque fomos nós, professores do agrupamento, que escolhemos o tema, fomos ouvidos e foi quase logo. A acção foi posta em prática, quase logo a seguir.

L 4

P. Neste Centro de Formação encontras alguma dificuldade na organização e desenvolvimento da formação?

R. Não, não encontro. Não encontro porque, sobretudo, esta foi mesmo escolhida pouco tempo antes e foi logo posta em prática, logo a seguir. Quando a gente mais necessitava, foi posta em prática. Não tenho nada a dizer, pelo contrário, acho que gostei da formação e houve muito pouco tempo de espera.

L 4

P. Se dependesse de ti, fazias alguma alteração à formação desenvolvida por este Centro de Formação?

R. Eu só faria, em relação a esta acção que eu frequentei da que te falei, só faria em relação ao tempo de duração da acção. Porque esta acção teve vinte e cinco horas, e eu achava que, se fosse, por exemplo, de cinquenta horas, seria melhor para nós porque achei que eram conhecimentos inovadores em demasia para serem trabalhados em tão poucas horas. Achei que se fosse mais tempo, que era mais produtivo um pouco. Eu sugeria que a acção durasse cinquenta horas.

J 7

## Formanda - Entrevista 20 (2003/05/21)

P. No ano de 2001, foi publicada a reorganização curricular. Este facto teve algum efeito na procura de formação?

R. Sim, porque necessitava de fazer formação relacionada com a reorganização curricular para ter conhecimentos, para poder executar o Projecto Curricular de Turma.

A 1a

P. Costuma participar na organização da formação que frequenta?

R. Não, mas, neste caso, participei. Em agrupamento, propusemos esta acção devido às dificuldades que tínhamos em elaborar o Projecto Curricular de Turma e o Projecto Curricular de Agrupamento e fizemos essa proposta e foi aceite. O Centro de Formação limitou o número de professores inscritos e aceitou a nossa proposta.

A 2a

P. Quais as razões que a mobilizam a preferir mais determinado tema e modalidade de formação?

R. É para responder às necessidades e às dificuldades que eu tenho na prática pedagógica.

P. E quais foram as razões porque preferiu a modalidade de círculo de estudos?

R. Na altura, falou-se numa acção de formação mas, a mim, ninguém me falou em modalidade nem estive a ligar a isso. Fui para a acção porque, na altura, era o que eu queria, o que me fazia mesmo falta. Surgiu a oportunidade e eu fui, sinceramente, não ligo à modalidade.

A 1b

P. A formação que tens realizado tem sido sempre na modalidade de círculo de estudos?

R. Tenho feito muitas, mas é quase tudo curso. Quando eu vou fazer, preciso mesmo e não ligo a isso, eu estou lá e, naquela altura, preciso daquela acção ou porque preciso de saber ou por créditos. Mas, das que já fiz prefiro o círculo de estudos porque há uma parte teórica e há uma parte prática. Portanto, são acções que não são muito pesadas. Mas eu acho que todas são importantes, a parte teórica é muito importante. Às vezes vai-se a acções só com parte prática e, depois nota-se que faltou a parte teórica.

P. Considera que o plano de formação existente se adequa às suas necessidades e às necessidades da sua escola?

R. Sim. Em relação a esta acção, no ano passado, eu andava um bocado aflita com os projectos curriculares e acho que isso foi óptimo, porque eu nunca tinha estado em nenhum sítio onde nos propuséssemos a uma acção, onde nos dissessem: digam uma em que vocês estejam interessadas. Agora, já se faz isto nos agrupamentos, antigamente, não, cada pessoa procurava individualmente o que queria. Mas eu, desde que começou a formação, tenho tido sorte porque vou sempre a acções que me fazem falta. Em relação a este Centro de Formação, foi a primeira vez que me candidatei. Candidatei-me a duas e o Centro correspondeu às minhas expectativas, foram as duas úteis.

C 1

P. Em que temas se candidatou em 2002, como primeira opção?

R. Foi no Projecto Curricular de Escola e no Projecto Curricular de Turma,  
a primeira opção.

A 1b

P. Que conteúdos, instrumentos e metodologias foram utilizados durante essa formação?

R. Portanto, houve entrega de muitas fotocópias de textos de vários autores com várias opiniões sobre o PCT, de escolas e de agrupamentos. Alguns foram lidos, outros, não, mas ficamos com eles para consultar. Alguns trabalhos foram apresentados no retroprojector, falamos do PCT, do PCE e de agrupamento e da planificação de uma actividade integradora.

P. Que papéis assumiram os formandos e o formador durante essa acção?

R. A primeira parte foi teórica, as formadoras expuseram a matéria e nós tivemos um papel um pouco passivo, intervínhamos de vez em quando, mas estávamos ali a receber a informação. Depois, quando se passou à concretização dos trabalhos, o papel das formadoras foi passivo e o nosso tornou-se mais activo.

P. Concorda com a metodologia utilizada?

R. Sim. Acho que esta formação não podia ser de outra forma, porque  
depois da parte teórica, nós, com ajuda das formadoras, fizemos o guião dos projectos, baseado nos textos que tínhamos. Cada grupo fez o seu trabalho, apresentamos à turma e defendemos o trabalho.

E 2

P. Durante as acções existiu alguma articulação entre a formação e os projectos educativo e curriculares da sua escola?

R. Não. Na altura, não cheguei a fazer na escola, utilizei-o logo a seguir.  
Portanto, baseie-me nesse guião para realizar o Projecto Curricular de Turma.

B 6

P. Que formas e instrumentos de avaliação foram utilizados pelo formador?

R. Um trabalho individual e um trabalho de grupo, no meu caso foi sobre o PCT. Os grupos eram formados por elementos do mesmo agrupamento.

P. Participou na selecção do formador que orientou as acções?

R. Não. Nunca participei nem sabia que isso era possível.

F 3

P. Que opinião tem dos formadores que teve durante o ano 2002, na formação realizada no Centro de Formação?

R. Penso que, cientificamente, estão bem formadas e pedagogicamente, também. E, como pessoas, acho que eram bastante acessíveis e simpáticas.

C 3

P. Em sua opinião, a formação contínua está a permitir que os professores do 1º ciclo adquiram saberes e desenvolvam competências para desenvolverem projectos específicos para as populações com quem trabalham?

R. Eu ando na formação por causa dos créditos mas, ao mesmo tempo, permite que os professores adquiram saberes e desenvolvam competências e, no meu caso concreto, ajudou-me a desenvolver o projecto.

A 6

P. Sente que a formação contínua lhe traz algum contributo para um melhor desenvolvimento das práticas educativas?

R. Sim, no geral, sim. Pelo menos, faz-nos pensar em muitas coisas que, se não estiver na formação, às vezes, a gente não pensa e dá-nos novas perspectivas em termos de trabalho. É sempre muito positivo ter formação.

C 6

P. Na sua opinião, o que mais tem facilitado e dificultado a sua participação na organização e no desenvolvimento da formação?

R. Por exemplo, o ser pós-laboral já é uma dificuldade. Neste caso, a acção não era muito grande (vinte e cinco horas), fez-se bem mas, ao fim de um dia de trabalho, custa sempre porque a gente está cansada.

P 5

P. Então o que propunha?

R. Propunha, por exemplo, fazer no início de Setembro ou mesmo no fim do ano lectivo, quando se estivesse de férias. Não digo toda porque não deve ser possível fazer toda, mas alguma era mais agradável, estávamos mais descansados.

F 7

Sobre as facilidades, a gente propôs a acção e eles facilitaram, não tivemos nenhum problema. Tivemos essa facilidade por parte do Centro de Formação.

L 4